

BANIWA-CORIPACO

Kaawhiperi
Yoodzawaaka

1



o que a **GENTE** precisa
para **VIVER** e
estar **BEM** no **MUNDO**

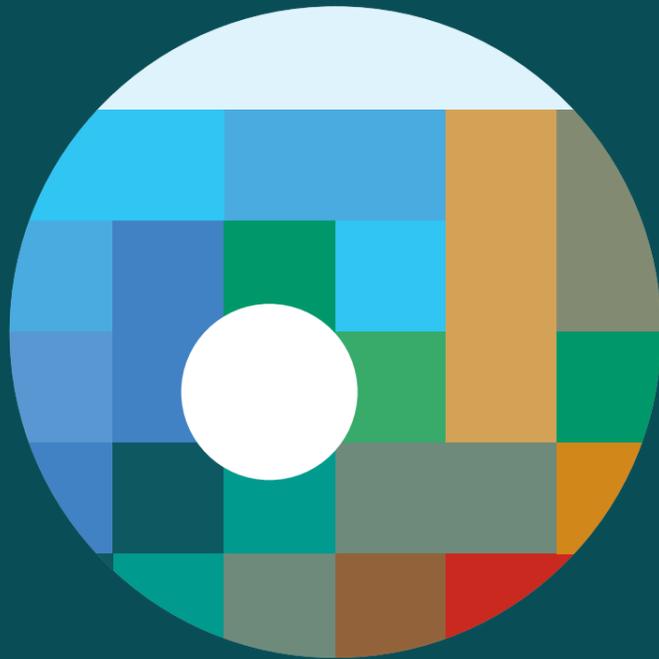
Escola EIBC Pamáali | CPDEK

ACEP
ESCOLA PAMÁALI



DiBi
ORGANIZAÇÃO INDÍGENA DA BAHIA DO ICANA





o que a GENTE precisa para VIVER e estar BEM no MUNDO
Escola EIBC Pamáali | CPDEK

ACEP
ESCOLA PAMAALI



APRESENTAÇÃO

VITALIDADE E INTERDEPENDÊNCIA - BIODIVERSIDADE

Kaawhiperi Yoodzawaaka, expressão que dá nome a esta série, é utilizada pelos Baniwa-Coripaco para se referir à vitalidade e interdependência entre os diferentes seres, objetos, ambientes, bens, que são importantes para viver e estar bem na bacia do Içana e no mundo.

Em baniwa, o adjetivo Káawhi indica “estado de consciência vital”. Kaawhiperi se refere, então, a tudo que está em estado de consciência vital, ou ainda, tudo o que procede daquilo que possuiu, em algum momento, essa vitalidade. Yoodzawaaka incorpora o sentido de “todos em relação”, ou “de vocês a mim”, “de mim a outros” e “de outros a outros”.

Kaawhiperi Yoodzawaaka é talvez a expressão Baniwa-Coripaco que guarda uma relação mais estreita com o conceito de biodiversidade, segundo professores e alunos da EIBC-Pamáali: Juvêncio Cardoso, Clarinda Paiva, Erivaldo Paiva, Tiago Pacheco, Orlando Fontes, Plínio Pedro, Paula Florentino e João Florentino.

Outra possibilidade seria a expressão Kaawhiperi Nadzawaaka, que parece significar literalmente “diversidade daquilo que contém/está em consciência vital”. Entretanto, não adotamos esta expressão, neste caso, porque a mesma não traz em si a idéia de interação e interdependência manifesta em Kaawhiperi Yoodzawaaka.



PANEL EDITADO POR VERA FEITOSA/ISA A PARTIR DE DESENHOS DE: AGNALDO BRAGA DOS SANTOS, ARMINDO F. M. BRAZÃO, ARMINDO GOMES SOUZA, CLARINDA CUSTÓDIO PAIVA, DANIEL LOPES DA SILVA, EISELU ANTÔNIO, ERIVALDO MACEDO PAIVA, JOÃO CLÁUDIO, JOÃO FLORENTINO DA SILVA, JOSIVALDO PAIVA RIVAS, LAURENTINO PEREIRA VALÊNCIO, ORLANDO ANDRADE FONTES, PAULA FLORENTINO DA SILVA, PAULO FARIAS, PLÍNIO PEDRO DA SILVA, SAMUEL ANTÔNIO, TIAGO PACHECO, VALÊNCIO DA SILVA, ZACARIAS PAIVA.

A série Kaawhiperi Yoodzawaaka é uma experiência de pesquisa intercultural na rede de escolas Baniwa-Coripaco sobre uso e conservação de recursos e ambientes importantes para Viver e Estar Bem na Bacia do Içana e no Mundo.

A palavra biodiversidade, entre os povos não-indígenas, tornou-se muito conhecida a partir de uma reunião realizada nos Estados Unidos, cujos trabalhos foram publicados no livro Biodiversidade, em 1988, pelo ecólogo Edward O. Wilson, da Universidade de Harvard. Esse conceito procura integrar toda a variedade que encontramos em organismos vivos, nos mais diferentes níveis. É difícil expressar o conceito de biodiversidade com precisão, e por isso existem vários enunciados diferentes.

Por exemplo, na Convenção da Diversidade Biológica (CDB), apresentada na reunião das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (Eco-92), que aconteceu no Rio de Janeiro, Biodiversidade foi definida da seguinte maneira:

“Diversidade biológica significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas” (CDB, Artigo 2).

Esta definição tem valor legal, pois foi incorporada no Decreto 2.519 de 1998, que promulgou em definitivo a plena execução da CDB no Brasil.

Desse mesmo modo, aqui estamos expressando ainda inicialmente o conceito Baniwa-Coripaco Kaawhiperi Yoodzawaaka, e por isso ele pode ir se aprimorando a medida que mais pessoas estejam buscando compreendê-lo e utilizá-lo no dia-a-dia.

Por exemplo, vale a pena destacar aqui que para a ciência ocidental a vida é um atributo exclusivo de seres orgânicos, a grosso modo, capazes de nascer, crescer e reproduzir-se ao longo de gerações, enquanto que para os Baniwa-Coripaco a consciência vital a qual nos referimos parece não ser um atributo exclusivo de formas orgânicas, podendo estar em consciência vital, por ex., as pedras do rio, os astros, a maloca, um lugar, bem como vários outros seres e elementos visíveis ou invisíveis que coabitam o universo junto conosco.

Esta série se dedicará a apresentar resultados de pesquisas sobre manejo ambiental realizadas por alunos e professores da Rede de Escolas Baniwa e Coripaco do Içana. Essas escolas, hoje em dia, experimentam um processo virtuoso de enredamento entre si, e também com as organizações comunitárias do Içana e com parceiros externos, buscando acumular experiências de pesquisas interculturais que favoreçam uma articulação entre conhecimentos diversos para fazer frente aos desafios do processo de gestão territorial da bacia. Essa fina sintonia entre escola-comunidade poderá bem orientar essas escolas a se moverem entre os desafios científicos e tecnológicos aos quais estão envolvidos os cerca de 6.200 ocupantes das comunidades Baniwa-Coripaco, e ainda favorecer um futuro mais sustentável da ocupação dos 3.487.792 hectares que essa bacia recobre no Alto Rio Negro.

As pesquisas aqui apresentadas partem de uma questão orientadora geral, feita em algum momento desse percurso, a saber: o que é necessário para viver e estar bem na bacia do Içana [e no mundo]?

Para avançar nesta resposta um grupo de 19 pesquisadores indígenas Baniwa e Coripaco, com idades entre 17 e 38 anos, gerou, em 2005, o painel ao lado, com 234 desenhos que representam um universo ideal de elementos necessários para que as comunidades do Içana possam gozar de uma boa qualidade de vida. Sobre eles será cada vez mais importante organizar e compartilhar informações sobre o estado atual de uso, bem como sobre os cuidados necessários para que estejam sempre à disposição das comunidades. Este painel tem os desenhos organizados numa lógica que os próprios autores impuseram, ordenando-os segundo uma hierarquia e afinidades entre eles no cosmos. Está à disposição de todos que queiram “cliquear” em qualquer um dos ícones e participar dessa série, contribuindo com suas preocupações, experiências e conselhos sobre manejo ambiental. Isso se efetivou sobretudo a partir de 2007, quando se iniciou a primeira turma de ensino médio da EIBC-Pamáali. Em julho de 2010, esse painel foi retomado por um grupo de nove participantes da Oficina de Organização de Conteúdo e Planejamento de Publicações, promovida pelo ISA em São Gabriel da Cachoeira, onde esses conceitos foram rediscutidos e os domínios ambientais de pertencimento de cada elemento do painel foram reorganizados horizontal e verticalmente de acordo com sua classificação, resultando na solução gráfica para o índice da série Kaawhiperi Yoodzawaaka. Nesta oficina também foi realizada uma importante revisão das monografias contidas nesta publicação, trabalhando procedimentos de edição de texto e de normatização dos itens estruturais do roteiro das pesquisas.

O roteiro das pesquisas - para a realização das pesquisas é sugerida uma sequência de questões que normalmente aparecem nas monografias realizadas nos 10 anos de experiência da EIBC-Pamáali e em outras escolas componentes da Rede. Por último, vale ressaltar que este roteiro é aberto e flexível à necessidade de cada tema abordado e à criatividade de cada autor. Quase sempre as pesquisas partem da localização do tema abordado nas ricas narrativas que os Baniwa e Coripaco possuem sobre a origem e evolução das coisas no mundo (mitologia). Depois parte para um apanhado sobre a distribuição e disponibilidade do recurso/ambiente na bacia do Içana como um todo e também na microrregião onde vive cada autor. Na sequência são apresentadas e discutidas informações sobre a importância desses recursos e ambientes, sobre as fases de mudança na disponibilidade, no uso, indicadas no calendário ecológico-astronômico seguido desde tempos imemoriais pelos antepassados. Também é feito um exercício de quantificação, onde são apresentadas estimativas de quantidades demandadas por uma pessoa, família, comunidade, ou por toda a população da bacia do Içana, durante um determinado período que pode ser de um dia, uma semana, um mês, uma estação, um ano ou por toda uma vida. Aqui toda uma economia invisível nos sistemas oficiais de computação da “riqueza” das comunidades se apresenta diante dos resultados obtidos. A situação atual da disponibilidade e acesso das pessoas e comunidades ao recurso/ambiente também é buscada e apresentada através de narrativas derivadas da opinião individual dos autores ou de entrevistas a outras pessoas de suas comunidades. Por fim, são reunidas e apresentadas indicações de práticas de manejo consideradas ruins e boas para o manejo desses recursos/ambientes, sem deixar de levar em conta que boas práticas de relação (consideração) entre as pessoas e comunidades também são muito importantes, merecendo serem reconhecidas e compreendidas a partir, principalmente, de conversas com os anciãos, capitães, e demais lideranças das comunidades.

Alfredo Feliciano Miguel Brazão e Juvêncio da Silva Cardoso | EIBC
Adeilson Lopes da Silva e Laise Lopes Diniz | ISA

o que a GENTE precisa para VIVER e estar BEM no MUNDO

SOL	DIA	KAWAALE AR Romeu	vento	aves	chuva	instrumentos musicais	bens produzidos	bens adquiridos				
			1	2	3	4			5	6	7	8
VERÃO	INVERNO	peixes sem gordura	rios	instrumentos de pesca e de caça	plantas	cipós	medicinais	bens produzidos	bens adquiridos			
										1	2	3
NOITE	LUA	peixes com gordura	peixes	animais	argila	solo	minhocas	minérios	bens produzidos	bens adquiridos		
											1	2



Origem do açaí

Esta história começou em Hipana. O açaí surgiu neste local onde começou a história. A palmeira foi deixada pelo Kowai. O pai de Kowai era o Napirikoli.

Mas antes que esse Kowai nascesse já existiam algumas palmeiras, que existem hoje na nossa região. Nesta época também surgiu a palmeira de açaí, quando o Napirikoli estava planejando matar o Kowai, por razão que ele devorou os meninos que estavam sendo ensinados para a iniciação. Kowai devorou os meninos porque eles não cumpriram suas regras de ensinamentos.

Kowai já sabia do plano de Napirikoli, que queria matá-lo por vingança dos meninos. Por isso, quando o Kowai chegou do céu com Napirikoli, ensinou e contou como e para que seria utilizado o açaí. A idéia mesmo de Kowai era deixar este recurso para vingar a sua morte. Hoje em dia, para coletar o açaí do mato, o homem enfrenta muito perigo, como o risco de cair da palmeira ou ser picado pela cobra durante a coleta. Em qualquer momento pode acontecer um acidente grave. Esta maldição foi deixada por Kowai, o próprio dono desse recurso.

Foi esse próprio dono quem ensinou como seria utilizado o açaí. Deixou-o principalmente para ser utilizado na sua festa, que ele deu o nome de festa ou cerimônia de Khoepani. Esta era uma cerimônia sagrada, que antigamente existiu e existe na tradição do povo Baniwa do Içana e seus afluentes. As mulheres não podiam e nem podem participar desta festa cerimonial. Por isso as mulheres admiravam esta cerimônia. Antigamente aconteceu com os Hekoapinai (homens universo) e seus povos, que um dia as mulheres (tias dos homens universo), juntamente com outras mulheres, fizeram um acordo e prepararam grande quantidade de caxiri para oferecerem aos Hekoapinai. As mulheres (Amaronai) estavam em acordo para roubar os instrumentos sagrados (Kowai) de Napirikoli. Mas um dos homens ouviu as mulheres combinando tudo isso e contou para Napirikoli. Por isso os homens estavam cientes do que ia acontecer e Napirikoli fez reunião secreta entre os homens, para que cada um ficasse como guarda dos instrumentos.

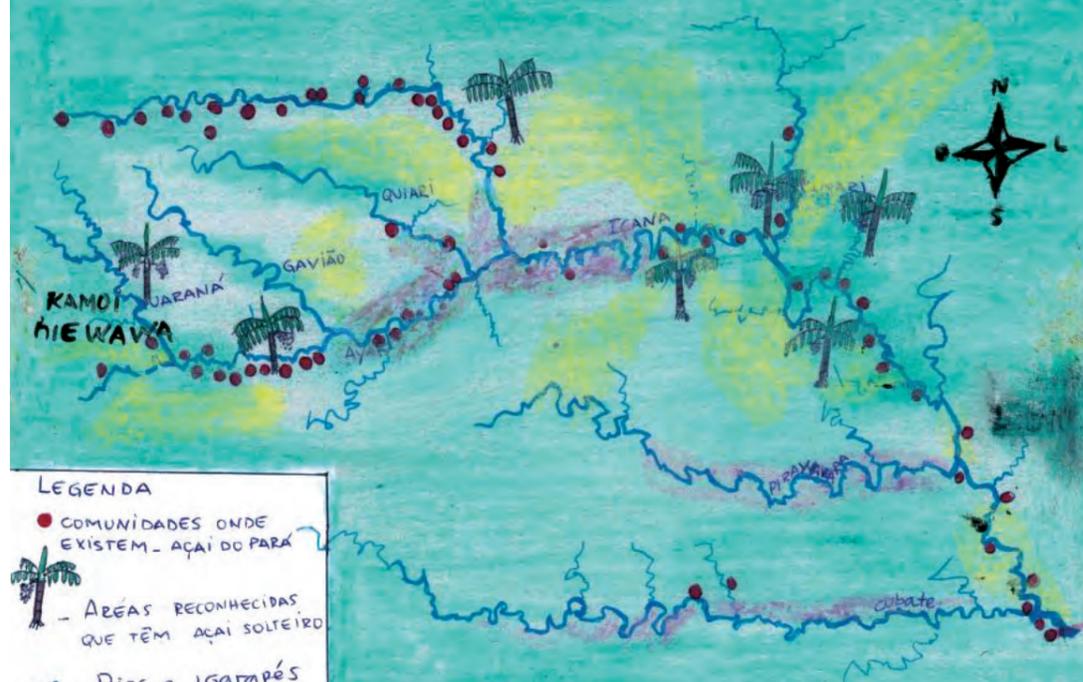
No dia seguinte a festa começou, as mulheres começaram a oferecer caxiri para os homens, e entre eles estava o Napirikoli. Esta era uma festa preparada pelas mulheres para que os homens ficassem bêbados, pois as mulheres tinham a idéia de roubar os instrumentos e fugir para bem longe de Napirikoli. Já era tarde, a distribuição do caxiri tinha sido tanto, que os homens já estavam tão bêbados e não deram mais atenção aos seus instrumentos. As mulheres saíram da maloca e foram pegar os instrumentos e fugiram com estes. Ao acordar, os homens não viram nenhuma mulher e foram ver o local onde guardavam os instrumentos. E não tinham mais nada. O Napirikoli ficou muito preocupado. Odiou as mulheres por tomarem conta dos instrumentos, porque o dono dos instrumentos não podia ser visto por nenhuma mulher. E o dono dos instrumentos foi um homem que não gostou das mulheres, era um homem muito perigoso, Kowai. Somente Napirikoli que era considerado, pois era o pai da criatura.

Mas este Kowai nasceu não é porque o Napirikoli fez relação sexual, fisicamente, com Amaro (mãe do Kowai). Kowai foi projetado no seu corpo através do pensamento, e penetrou nesta mulher. Era pensamento do Napirikoli. E foi esse homem, Kowai, que deixou os instrumentos para Napirikoli quando morreu.

E Napirikoli viu que a mulheres estavam utilizando os instrumentos de forma incorreta, enquanto os ensinamentos de Kowai eram diferentes. O problema das mulheres é que não utilizavam as flautas deixadas pelo Kowai nas cerimônias de Khoepani, onde eram ofertadas frutas das palmeiras comestíveis que existem hoje.

Por este motivo Napirikoli realizou uma guerra contra as mulheres, juntamente com seus aliados, que eram "gentes-animais". Isso foi uma guerra para conquistar de volta os instrumentos e acabar com todas as mulheres da época.

Por isso o açaí tem origem a partir de Kowai, que deixou este recurso para ser ofertado durante a sua cerimônia de Khoepani.



LEGENDA
 ● COMUNIDADES ONDE EXISTEM - AÇAÍ DO PARÁ
 🌴 - ÁREAS RECONHECIDAS QUE TÊM AÇAÍ SOLTEIRO
 🌊 - Rios e IGARAPÉS
 🟩 - Caatingas
 🟨 - Igapó
 🟦 - terra firme

Distribuição do açaizal no Içana e afluentes

Na região do Içana e seus afluentes, o açaí ocorre em alguns trechos ao longo da sua margem, começando desde a nascente até a foz, incluindo os maiores afluentes bem como os igarapés. Nesta região, os mais conhecidos são dois tipos de açaí: Açaí do Pará (normalmente é cultivado nas comunidades) e Açaí Solitário (que chamaremos, também, ao longo da pesquisa, como açaí do igapó). Abaixo, segue o relato da distribuição de cada um deles na bacia do Içana.

Ambiente do açaí do Pará

Este nome é popularmente conhecido pelos povos Baniwa e Coripaco da região do Içana para o açaí que geralmente são cultivados pelas famílias nos arredores de suas comunidades. O ambiente do recurso ocorre desde a primeira comunidade, na foz do Içana, com grande abrangência, até na última comunidade do alto rio Içana.

A densidade é de grande número, pois quase cada família residente na comunidade pode possuir um açaizal. Por isso, a densidade do açaí por comunidade depende muito também da densidade demográfica, ou seja, ocorrem variações de acordo com a população ou número de famílias residentes nas comunidades. Por exemplo, se a comunidade tiver um número pequeno de famílias vai ter uma quantidade menor de açaí, e se em uma comunidade tiver maior número de famílias, a quantidade de açaí será maior também.

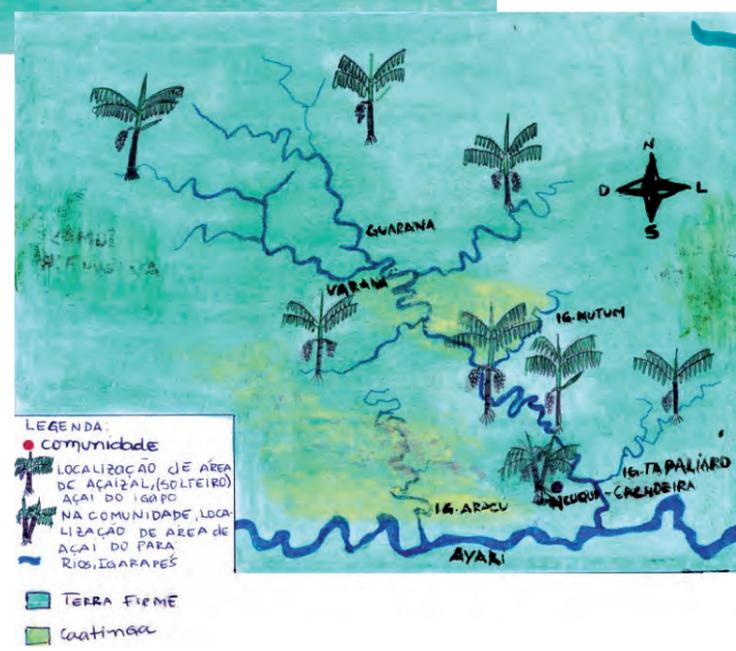
Ambiente do açaí solitário

Esta é uma palmeira nativa existente na região do Içana. O nome na língua Baniwa é Manakhe-Khantsa ou Manakhe-Awakadetta, isto é, Açaí-verdadeiro ou Açaí-do-mato. Estão distribuídos nas matas e não são cultivados pelos povos da região, mas em algumas das vezes ele já pode ser encontrado, em pequeníssima quantidade, nos arredores das comunidades.

O açaí solteiro está distribuído em ambiente de terra firme, podendo ser encontrado facilmente nas cabeceiras dos igarapés e nos ambientes de encontro entre a região de terra firme com o ambiente igapó. Por esse motivo estas palmeiras são raras de serem vistas, ou serem encontradas, ao longo do rio Içana, se comparado com o Açaí do Pará. Isso acontece porque na margem deste rio a vegetação que mais predomina é igapó e caatinga, e em menor parte, terra-firme. Mas em seus afluentes, a vegetação predominante é terra-firme, e aí o açaí também é encontrado mais facilmente, distribuído pelas margens.

No caso das comunidades localizadas na margem do rio Içana, as palmeiras açaí são encontradas nas nascentes dos igarapés, nas cabeceiras. Porém, depende também da vegetação onde é a nascente do igarapé. O açaizal pode ser facilmente encontrado em solos úmidos, que ocorrem principalmente na terra firme, que ocorrem nas margens dos igarapés até as suas nascentes.

Ver a distribuição dos recursos nos mapas acima.



LEGENDA
 ● Comunidade
 🌴 LOCALIZAÇÃO DE ÁREA DE AÇAIZAL (SOLTEIRO) AÇAÍ DO IGAPÓ
 🌴 NA COMUNIDADE, LOCALIZAÇÃO DE ÁREA DE AÇAÍ DO PARÁ
 🌊 Rios, IGARAPÉS
 🟦 TERRA FIRME
 🟩 Caatinga

Distribuição dos açaizais na microrregião da comunidade

Na região da comunidade de Ucuqui-Cachoeira existem os dois tipos de açaí, Açaí-do-Pará e Açaí solitário.

Por estar situada numa região de predominância da vegetação de terra-firme, há grande disponibilidade de açaizais para a população dessa comunidade.

Ambiente de açaí do Pará

Na comunidade, uma das plantas mais cultivadas pelas famílias é o Açaí-do-Pará. Esta palmeira tem contribuído bastante na alimentação das famílias. Os açaizais estão distribuídos ao redor da comunidade. De acordo com minha observação, estimo que a densidade chega em torno de 1.610 estipes de açaí.

Ambiente de açaí solitário

De acordo com a minha observação, na comunidade Ucuqui-Cachoeira tem uma grande área de açaizal, nas nascentes ou nas orlas dos igarapés Khaitaliaro, Tophiaro, Dzailroaro e Tapaliaro, pertencentes à área da comunidade. Isso significa dizer que a vegetação predominante é a terra-firme.

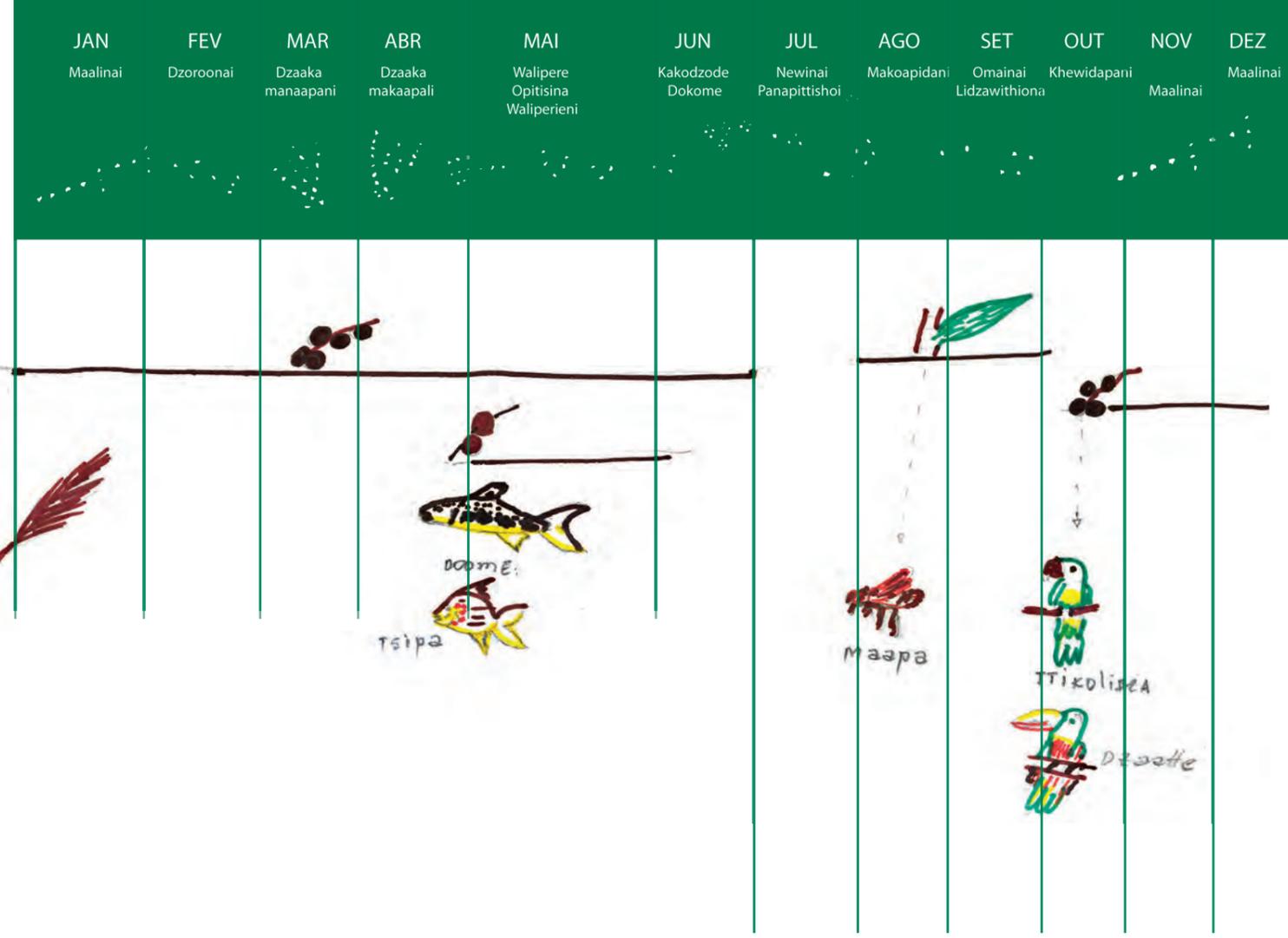
Mesmo próximo da comunidade, 20 minutos subindo o rio, há um açaizal, e é neste que está a grande densidade de açaí solitário pertencente a esta comunidade. Está distribuído na margem, podendo ser visto quando navegamos no rio. Este açaizal é o maior da região da comunidade, cobrindo quase 9,45% da vegetação na margem do rio. Isto é referente à área de açaizal utilizada pela comunidade.

TEMA: **açaí do mato**
 AUTOR: Orlando Andrade Fontes
 ETNIA | SIB: Baniwa | Hohodeni
 COMUNIDADE: Ucuqui-Cachoeira | Ayari



1 açai do mato

manakhe



Disponibilidade do recurso nos dias de hoje

Atualmente, a disponibilidade deste recurso para a população pode estar na mesma quantidade ou um pouco mais do que antes. Isso porque este recurso é utilizado na complementação da alimentação, e o consumo de açai cresceu, certamente, devido ao aumento da população nas comunidades nos últimos anos.

Entrevistando sobre disponibilidade do recurso

Entrevistado: Francisco Paulo

Orlando Fontes: – Na sua visão qual é disponibilidade do açai nos dia de hoje?

Francisco Paulo: – Bem, como estamos percebendo hoje na nossa região, a população Baniwa cresceu bastante. Este motivo nos leva a depararmos com esta situação hoje em dia. Tenho notado que o consumo diminuiu aos poucos com o aumento dessa população. E não é que a quantidade e densidade de recurso diminuiu.

E também hoje o recurso não está mais sendo utilizado como os nossos avós utilizavam antigamente. Toda vez que estas palmeiras estavam no período de produção os velhos coletavam promovendo as manifestações culturais para ofertar aos seus próximos, que é chamada cerimônia de Khoepani. Nelas aconteciam séries de cantos e benzimentos que consistiam em promover bom manejo, todos realizados coletivamente. Hoje esta cerimônia não existe mais e a coleta está acontecendo individualmente. Por isso o recurso é utilizado de forma própria, e cada família faz coleta para si mesma. Quando consegue coletar em maior quantidade as famílias dividem com os próximos nas refeições comunitárias, mas sem levar em consideração os cantos e benzimentos que visavam promover o bom manejo do recurso e talvez isso reflita no que estamos observando hoje em dia, que o recurso está escasso. Isso também acontece pela questão de demanda da população.

Práticas de manejo consideradas ruins e boas

Entre os Baniwa e Coripaco do Içana e seus afluentes não existem práticas de manejo consideradas ruins para manutenção desse recurso ou para o ambiente onde existe açai, pois este recurso é utilizado para manter a alimentação deste povo. Por isso não existem práticas consideradas ruins para o recurso. Existe somente um “não derrubar”.

Relação entre os Baniwa para manejo de recurso

Antigamente o relacionamento entre os povos do Içana e seus afluentes era bem diferente do que hoje em dia. Porque antigamente os limites de área eram definidos, de acordo como eram distribuídas para cada fratria, por exemplo: Dzawinai, Waliperidakenai, Hohodeni. E os outros clãs existentes na região tinham, para cada fratria, a sua área limitada. Esta delimitação quem começou foi Napirkoli. Ela não foi feita por estes próprios povos.

Por isso, se uma fratria ou clã queria fazer alguma coisa no território de outra fratria, primeiro tinha que pedir a autorização para poderem ser reconhecidos pelos donos do território. Hoje em dia, a divisão de território por fratria quase já não existe mais, e não é mais reconhecida pelos jovens Baniwa e Coripaco. E por isso tem acontecido muitas vezes a utilização dos recursos de forma descuidada, pelos Baniwa que não conhecem mais esta realidade do mundo antigo dos Baniwa e Coripaco, ou seja, relacionamento dos nossos antepassados para a utilização dos recursos.



Utilidade do recurso

O açai é considerado de grande importância para a população Baniwa e Coripaco. Ele é utilizado na complementação dos alimentos consumidos no dia-a-dia desses povos, que aproveitam seus deliciosos frutos. O uso do recurso acontece de uma única forma, como já foi dito, só para a alimentação, tomando o vinho. Devido sua grande importância não ocorre a destruição do recurso, ou seja, sempre tem bom manejo sobre esse recurso.

Mesmo sendo um recurso excelente para outras utilidades, como no caso de utilizar na construção de jirau, o açai não está sendo muito utilizado para esse fim.

Seu estipe (o caule) é um ótimo material para confeccionar a parede da casa e para construção de jirau, sendo utilizadas as estacas do caule. Porém, não está sendo utilizado nas construções de casas, pois tem outros recursos sendo utilizados para esta finalidade.

Quanto de recurso é utilizado

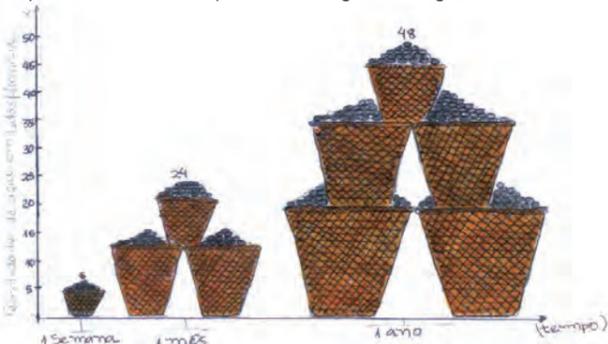
Em toda região do Içana e seus afluentes o recurso é utilizado em grande escala, em termo de frutas, todos os anos. Em seguida, através dos gráficos, poderemos visualizar ou acompanhar melhor a quantidade de açai que é consumido pela população Baniwa e Coripaco por família, por uma vida, por comunidade e por toda bacia do Içana.

Quanto de Recurso é Utilizado por uma Vida de um Baniwa e Coripaco

Nesta pesquisa consegui estimar o consumo de açai, em litros, por uma pessoa. Os resultados, ou seja, os dados demonstrativos são os seguintes: a média de consumo por uma pessoa é de 3 vezes por semana, sabendo que em uma única vez uma pessoa pode consumir (500 ml), 0,5 litros de vinho de açai. O período de disponibilidade só ocorre uma vez/ano entre dois meses/ano. Ver o gráfico abaixo:

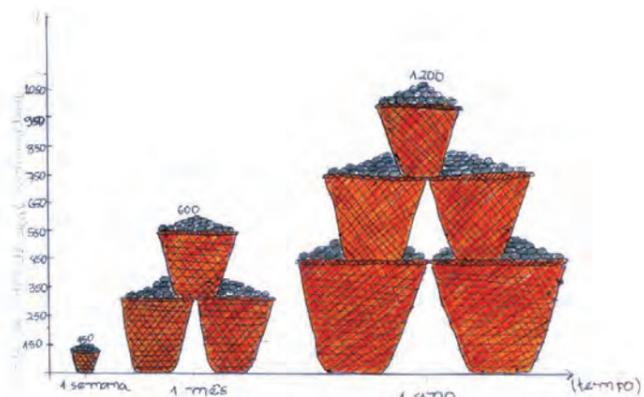
Quanto de recurso é utilizado por família

O cálculo do consumo de açai para uma família Baniwa e Coripaco apresentado aqui está baseado em lata de 18 litros. Veja os dados demonstrativos sobre o consumo médio de açai, em latas, por uma família, considerando uma média de 5 pessoas para uma família. Estimo que uma família vai em busca de açai, em média, 3 vezes/semana. E nesta geralmente são coletados 2 latas de açais, totalizando 6 latas de açai para cada semana. Assim, durante um mês, 4 semanas, uma família deve consumir 24 latas. O período de disponibilidade do açai só ocorre uma vez/ano, entre dois (2) meses por ano. Ver o gráfico a seguir:



Quanto de recurso é consumido por uma comunidade

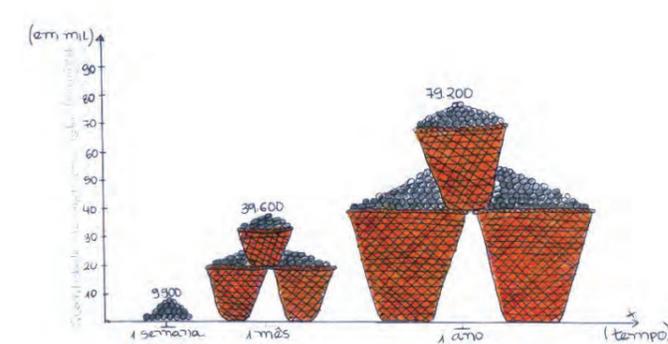
A quantidade consumida por uma comunidade Baniwa e Coripaco do Içana pode chegar aos seguintes dados, levando em consideração, como unidade de medida, a lata de 18 litros. Considerando também a média de 25 famílias por comunidade (baseando os mesmos cálculos do texto 6.2) e o período da disponibilidade no mesmo dos anteriores. Veja a quantidade consumida por uma comunidade.

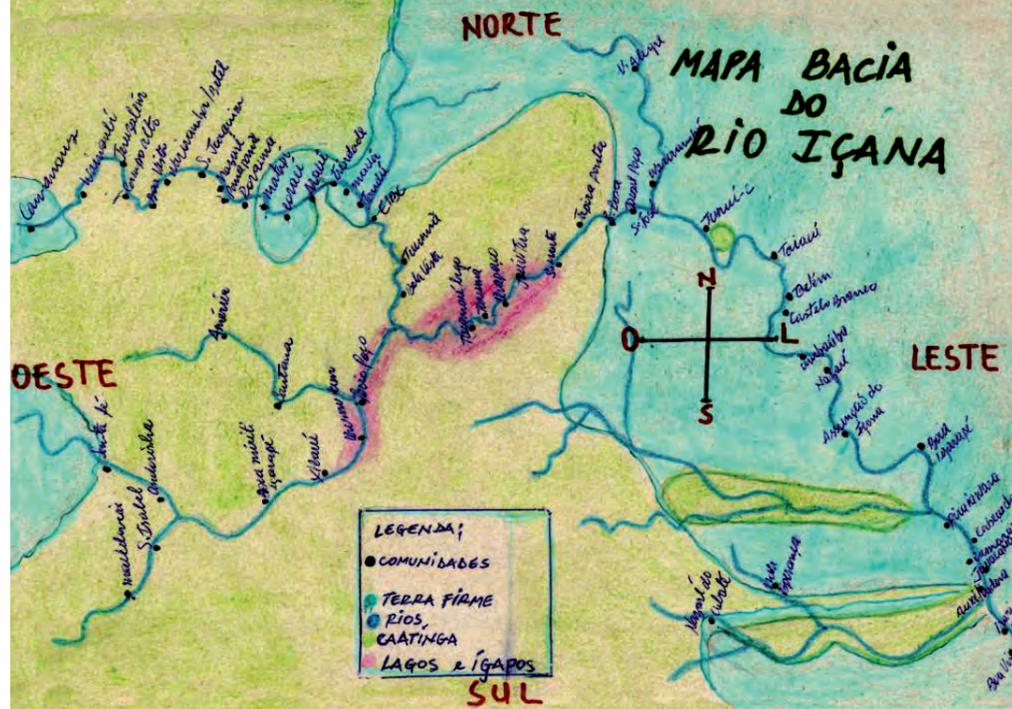


Quanto de recurso é utilizado por toda bacia do Içana

Na Bacia do rio Içana a quantidade de açai consumido chega a até 9.900 (nove mil e novecentos) latas por semana. Assim, por um mês, chega a 39.600 (trinta e nove e seiscentos) latas e, por ano, o consumo chega em torno de 79.200 (setenta e nove mil e duzentos) latas. Isso considerando que em toda a bacia do Içana são 66 comunidades da foz até a nascente, e seus afluentes.

Os cálculos foram baseados com as mesmas quantidades de consumo já definidas nos cálculos de consumo médio por família e comunidade. A fórmula de cálculo aqui foi: são 66 comunidades na bacia do Içana x 25 famílias/comunidades = números de famílias na bacia do Içana x as 6 latas de consumo/família/semana é = o consumo/semana x 4 semanas/mês = o consumo/mês x 2 meses de disponibilidade de recurso/ano é = consumo de recurso por ano.





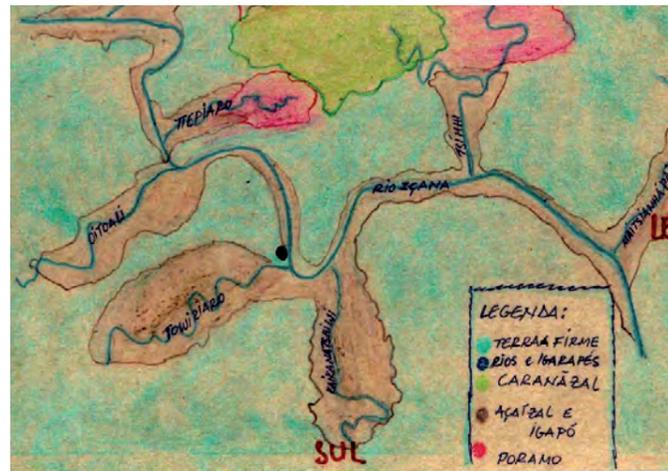
Distribuição do recurso na bacia do Içana

Na região do rio Içana e seus afluentes, o açai existe somente na terra firme, da nascente até a foz, incluindo os afluentes maiores e igarapés. Portanto, na maior parte nas margens do rio Içana é difícil de serem encontrados, porque a vegetação predominante é o igapó e caatinga. A terra-firme é a menor parte encontrada na paisagem e somente neste ambiente que se encontra o açai.

A preferência do açai é o solo úmido da terra-firme, que ocorre principalmente na parte argilosa dos igarapés.

No rio Içana, de Boa Vista até Camanus e seus afluentes, existem os locais onde não existe açai, que é a região dos lagos.

Para reconhecer melhor segue no mapa acima, que visa representar os locais de açazais na região do Içana:



Distribuição dos açazais na microrregião da comunidade

A comunidade de São José está localizada na margem direita do rio Içana, afluente do Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira – Am. Esta comunidade apresenta a área de açaizal de dois tipos que são: Manakhe Kantsa e Poramo. São duas plantas que sempre coletamos antes de um evento, como Conferência religiosa, Santa ceia, e demais outros eventos.

Manakhe Kantsa pertence mais ao solo úmido da terra firme. É mais encontrado nos igarapés Towiriaro, Keraaro, Kaikanatshivi, e outros igarapés pertencentes à área da comunidade.

Poramo é mais encontrado no outro lado do rio da comunidade, onde apresenta área de Hamaliani, nos igarapés. Principalmente na cabeceira do Keraaro, Ttepiaro e outros igarapés.

A área da comunidade começa na foz do rio Cuiari até próximo da comunidade de Jacaré Poço, que a gente chama Yawawikami na língua baniwa. Para entender melhor olhe o mapa acima da microrregião da comunidade de São José.

TEMA: **açaí do Pará**
 AUTOR: Ronaldo Lourenço da Silva
 ETNIA | SIB: Baniwa | Awadzoro
 COMUNIDADE: São José | Içana



Origem do açai

O açai surgiu através de Kowai, na comunidade de Wapuí, no rio Ayari, especialmente para Walimanai. Quando aconteceu isso Kowai já estava pronto para morrer. Por isso ele deixou várias palmeiras que existem hoje na nossa região.

O Kowai estava morto e o Napirikoli assumiu a sabedoria que Kowai deixou no dia de conselho. Com o conhecimento, Kowai deixou o açai junto com as palmeiras existentes até hoje, para realização de uma festa (khoepani).

Antigamente aconteceu com Hekoapinai, quer dizer, com Napirikoli e seus irmãos. Um dia as suas tias prepararam, juntamente com outras mulheres, uma grande quantidade de caxiri para dar aos Hekoapinai, porque as Amaronai (mulheres) tinham combinado de furtar os instrumentos sagrados dos Hekoapinai.

Os Hekoapinai sabiam da combinação e por isso os homens estavam cientes de que isso ia acontecer. Por isso Napirikoli fez reunião secreta, junto com os homens da aldeia, para que ficassem responsáveis de guardar os instrumentos sagrados.

No dia seguinte, aconteceu a festa das mulheres. Ofereceram bastante caxiri aos homens, a ideia das mulheres era adormecer os homens. Assim, os homens ficaram bêbados, capotaram e não deram conta dos instrumentos. E as mulheres começaram sair em busca dos instrumentos e os acharam. Quando os homens acordaram, viram que nos lugares dos instrumentos não havia mais nada. As mulheres estavam fugindo com os instrumentos.

E o Napirikoli ficou preocupado. As mulheres começaram a utilizar os instrumentos de forma desfavorável. O Napirikoli viu que acontecia isso, e ficou muito triste porque o dono, Kowai, dizia que as palmeiras deixadas por ele tinham que ser utilizados somente na hora de Khoepani ou Ipidzamakhetti.

Por isso o Napirikoli, junto com os seus aliados, ficou com muita raiva das mulheres e começou a mandar os animais pegarem de volta os instrumentos sagrados. Por isso, as palmeiras e o açai surgiram a partir do Kowai, que era para as realizações da cerimônia Khoepani.

O nome açai, segundo alguns informantes, vem de outro povo, que dizem "Toopí Yaçai", no estado do Pará. Açai significa "fruto que chora", e são palmeiras de grande porte, folhas grandes e delicadas, compondo a beleza do paisagismo nas comunidades Indígenas.

Importância do recurso para a comunidade

O açai é uma planta muito utilizada na região do alto rio Negro, pois dos frutos se obtém o suco, vinho de açai, que é um dos principais alimentos consumido pelos moradores do rio Içana.

- O palmito é retirado do ápice caulinar. Mas não é consumido pelos moradores do Içana, porque eles não apreciam o seu sabor e não têm o hábito de derrubar a planta para o consumo.
- A estipe (caule) é usada na construção de jirau e mesa bastante útil para manter a farinha.
- O caroço do fruto é usado para confeccionar colares e brincos.
- A raiz é usada como remédio para diarreia e no tratamento da malária.

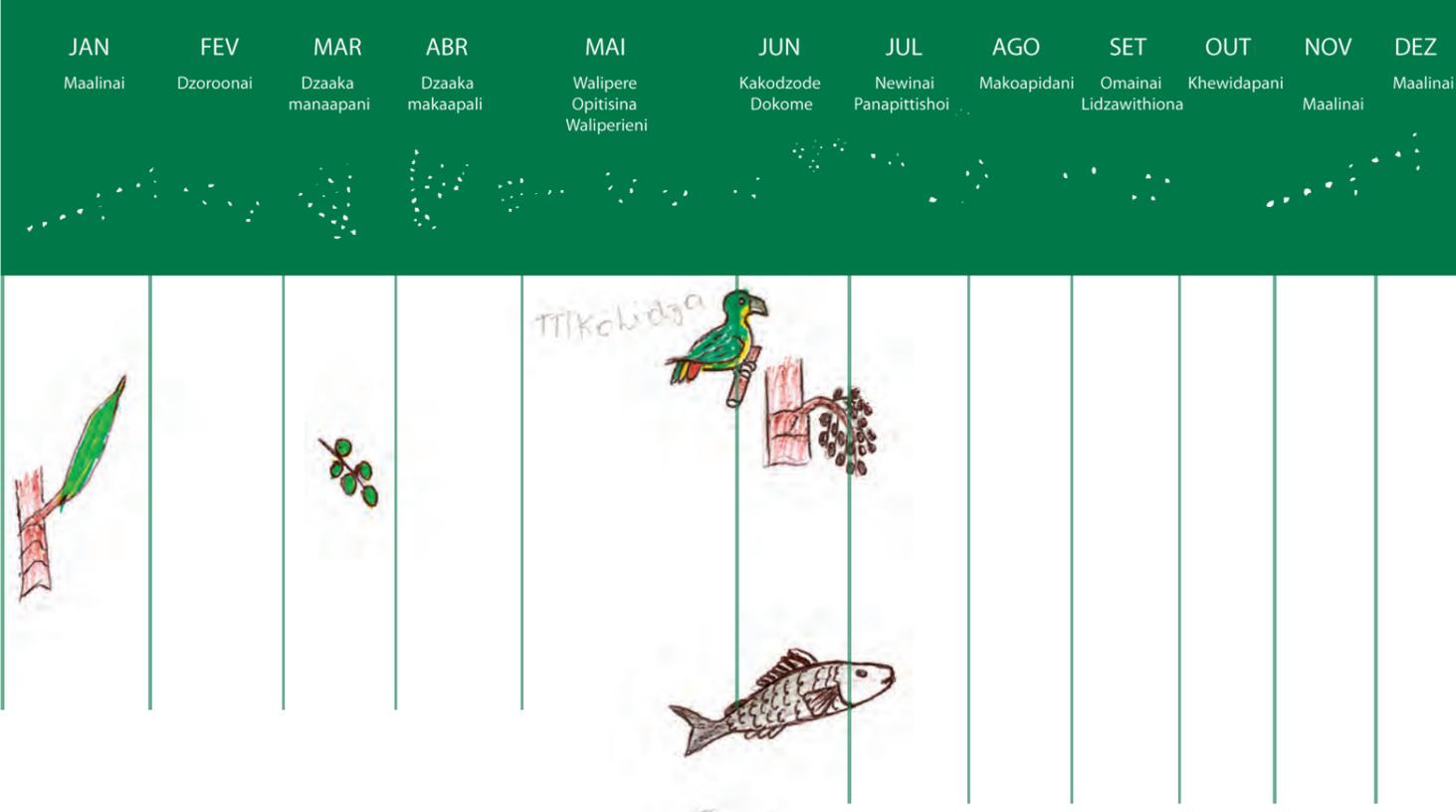
Para tirar açai, às vezes, a pessoa usa bota, chapéu e leva consigo o terçado e saco de fibra para carregar. Outras pessoas não precisam de saco, pois, autonomamente, confeccionam um Panacu para transportar. Já em outros casos não precisam de nenhum dos dois, pois, no momento de trepar o cacho já é colocado direto na canoa para transportar. Isso acontece no rio cheio, quando é fácil o acesso pelo igapó. Depois de fazer transporte até a casa, os açais são deixados de molho em água morna, por alguns minutos, para amolecer a polpa.

Os caroços são socados no pilão ou na panela velha, triturando a polpa, sem quebrar a semente. A polpa triturada é misturada com água fria e depois coada. O vinho está pronto para beber e pode ser consumido puro ou misturado com farinha, xibé de beiju ou farinha de tapioca.

O caule (estipe) é utilizado como jirau para secar algumas coisas na cozinhas e para fazer jirau de canoa grande (bongo). Podemos também fazer jirau na casa para guardar materiais de cozinha. Utilizamos as folhas como um tipo de panacu (dzamokola), para levar algumas coisas, em pequena quantidade, do mato para comunidade. Mas, hoje em dia, algumas pessoas mais jovens não sabem mais fazer este tipo de panacu, motivo que os pais não repassam mais para seus próprios filhos a prática e técnica de fazer esse tipo de panacu.

2 açaí do Pará

dopará



Calendário ecológico

A época da floração inicia-se em setembro e vai até dezembro. Muitas são as aves silvestres que se alimentam dos frutos como: bem-te-vi, tucano, papagaio, periquito, jacú.

Os animais, como a mucura, se alimentam dos frutos do açai disseminando os caroços pela mata, sendo que é de grande importância para a sobrevivência da palmeira, pois diminui a probabilidade de nascerem próximas umas das outras e evita a competição entre si. Vários animais aquáticos que habitam igapós, como Poraquê (peixe elétrico), Aracú, Anunjá e Jandiá também se alimentam de açai.

O açai é uma planta muito utilizada entre os meses de junho a julho, como alimento da comunidade. Essa palmeira oferece entre 2 a 4 cachos, que chegam a medir de 1,0 a 1,5 metros de altura, pesando mais de 3 kg cada.

Quantidade do recurso/ambiente que é utilizada

Uma família na bacia do Içana mantém, em média, dois trepadores que buscam açai nos dois meses de produção no ano. Um trepador consegue tirar oito cachos de açai em um mês. Em dois meses um trepador vai conseguir tirar 16 cachos de açai. Ou seja, dois trepadores conseguirão tirar 32 cachos de açai em dois meses.

Assim, uma comunidade onde há cinco trepadores vai consumir 80 cachos de açai por dois meses do ano (período de frutificação).

1 trepador/2 meses _____ 16 cachos

5 trepadores/2 meses _____ x cachos

X = 5x16 X = 80 cachos/2 meses

1

Levando em conta que são 66 comunidades e, baseado numa estimativa de 25 trepadores em cada comunidade, em toda a bacia do rio Içana teremos:

66 x 25 = 1.650 (mil seiscentos e cinquenta) trepadores de açai no Içana

1 trepador/2 meses _____ 16 cachos

1.650 trepadores/2 meses _____ x cachos

X = 1.650x16 X = 26.400 cachos/2 meses

1

Assim, o consumo de açai em cachos no rio Içana, em 66 comunidades, baseado em 25 trepadores/comunidade, é de 26.400 (vinte e seis mil e quatrocentos) cachos.

Situação atual da disponibilidade e acesso das pessoas e comunidades

O açai é um dos recursos mais encontrados na bacia do rio Içana e consumido por todos nas comunidades. Cada comunidade tem o local de açai. Por isso não temos a relação de chamar as pessoas das outras comunidades para ajudar pegar este produto. Cada pessoa pode pegar de qualquer região do rio Içana, sem reclamação das outras comunidades. Somente açai dopará, que é plantado na comunidade, aí sim, esse só podemos colher se o dono liberar.

Até hoje em dia ninguém realizou encontro que fala do recurso aqui no rio Içana. Segundo informantes da minha comunidade, se acontecer um encontro para falar deste recurso, com certeza as comunidade do rio Içana vão gostar muito.

Indicação de práticas consideradas ruins para manutenção deste recurso

De Nazaré até Santa Rosa existem regras de como podemos utilizar este recurso. Seguem abaixo as práticas consideradas ruins no manejo de açai:

- Tirar os cachos de açai que não estão maduros.
- Derrubar açazeiro que produz 2 a 5 cachos.
- Derrubar a estipe jovem, que ainda precisa crescer.
- Derrubar açai que está perto de sua própria comunidade.
- Fazer roça no local de açai.

Indicação de práticas consideradas boas para manutenção deste recurso

Os velhos antepassados e atuais tem sua própria regra de utilização do recurso. Sempre quando chegam no mato, no igapó e nos igarapés, observam no estipe (caule) e os frutos se já estão maduros, antes de trepar para coletar os cachos. Algumas práticas consideradas boas para o manejo são:

- Quando chega ao açai precisa observar cada planta, para tirar somente os cachos maduros.
- Para subir no pé de açai é usada a peconha, que pode ser feita de palhas jovens do próprio açai ou feita da casca de madeira e assim como pode ser feito com o cipó Potsida-iwaaphikhaa e Kaparohnada.
- Não derrubar o açai.
- Não tirar muito cachos.
- Não derrubar a nova roça no local de açai.

Estas são práticas boas para manutenção deste recurso, para que os povos tenham sempre açai e para que não falte nunca o vinho de açai.

Quais são as boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades, que são importantes para o bom uso e manejo do recurso?

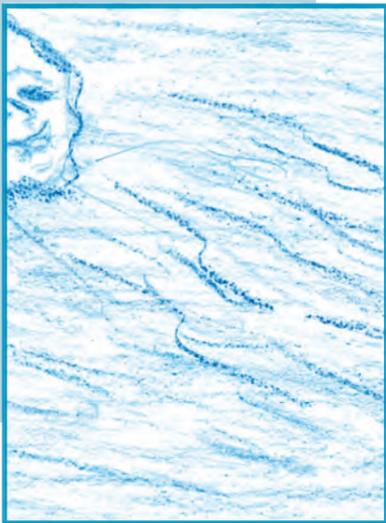
Na comunidade São José e comunidades próximas existem boas práticas de relação entre as pessoas, que são importantes para o bom uso e o manejo deste recurso, que são:

- Melhorar a convivência e consciência entre as comunidades sobre o manejo dos recursos (não somente o açai);
- Escutar sempre o conselho das pessoas que sabem sobre o manejo do açai;
- Discutir sempre como poderíamos melhorar a convivência na comunidade;
- Ter conversa com outra pessoa, sobre como poderiam melhorar o recurso nas comunidades e para as futuras gerações.

Estas são as principais práticas consideradas boas e ruins entre as pessoas das comunidades na região onde eu moro.

Estas práticas, com certeza, os povos do rio Içana irão utilizar para melhorar a sua sobrevivência nas suas comunidade para garantir que tenham sempre os recursos disponíveis para o consumo.

Portanto, para um bom manejo, os moradores do rio Içana precisam seguir as boas práticas para a manutenção desse recurso.



Origem do ar | vento

No começo do mundo, quando o mundo era muito pequeno, havia os Hekopainai (gente-universo) que sempre estavam presentes aqui neste mundo, quando nós, os seres humanos, ainda não existíamos. Um dia o Napirikoli estava pensando na nova geração, e como poderiam sobreviver neste mundo, por que na época não tinha terra e nem o ar/vento.

Certo dia os Hekoapainai estavam sentados pensando como poderiam aumentar a terra, que era pequena neste período, para que possam fazer roça e construir caminho na mata, como caminho de caçaria. E ao mesmo tempo pensavam em como poderiam criar o ar/vento, para que este se espalhasse pelo mundo inteiro, para que a humanidade pudesse sobreviver melhor. Napirikoli já sabia como iriam fazer isso, para que a nova geração pudesse viver em harmonia.

Os irmãos Napirikoli, seu irmão menor Dzooli e também o Eeri estavam discutindo como poderiam fazer para que cada vez mais a vida do ser humano pudesse ser conforme haviam pensado, através dos vários conhecimentos que o Napirikoli deixou.

Após isso, quando já tinha acabado de fazer a terra, o ar e todas as artes, o Napirikoli pensou que um dia faltará o mais importante, que é o Kowai.

Kowai era o filho de Napirikoli para a Amaro. Mas não é totalmente filho, pois era o pensamento de Napirikoli que penetrou nela, ou seja, Napirikoli imaapatsikale.

Kowai foi um dos principais Heekoapainai (gente-universo) que existiu neste mundo. Foi através dele que o ar surgiu e se espalhou para todo o canto do mundo. Para dizer a verdade, os velhos dizem que antigamente não existia o ar aqui no mundo, mas logo quando Kowai nasceu ele deixou o ar para as futuras gerações. Foi o Kowai que fez existir o ar/vento, com seu próprio poder.

Segundo a história contada, foi através do Kapetti (caniço) de Kowai que o ar/vento apareceu, ou seja, através do chicote que ele tinha feito para surrar os Malinaliene (pessoas em fase de iniciação). Quando o Kowai pegou o chicote dele balançou para lá e para cá... E assim surgiu o ar/vento.

Os velhos falam que não sabem de onde o ar/vento vem e para onde vai, e ao mesmo tempo o vento sopra para lá e para cá, que isso é um sinal que o Kowai deixou para nós que vivemos hoje no mundo.

Para explicar melhor, aqui eu relato a história de Kowai, quando ele já estava no mundo e como que o Napirikoli escondeu o Kowai para que a mãe dele não soubesse que o filho estava vivo, enganando a Amaro sobre o filho dela.

Nascimento de Kowai

Napirikoli pensava na sua tia. Saiu, foi embora para visitar a sua tia, que é Amaro. Na época o Napirikoli estava apaixonado por aquela tia. Tanto que apareceu na sua idéia de engravidá-la. Por isso o Kowai surgiu no pensamento do Napirikoli.

Napirikoli não fez relação sexual com a sua tia, mas mesmo assim ela engravidou. Quando os irmãos de Napirikoli perceberam que Amaro estava gestante, falaram: – Então você será o marido da nossa tia! Por isso, quando as pessoas vêem alguma pessoa interessada na sua tia, sempre falam assim: – Ima kadzokaromikatsapidani (– no início já começou assim).

Todas as pessoas ficaram sabendo que Amaro engravidou de Napirikoli. Napirikoli imaapatsikale (o filho secreto de Napirikoli).

O Sol é o pai de Kowai. Diz-se assim por que o corpo de Napirikoli é o Sol. Mas o Napirikoli ficou só sentado e pensava onde Amaro estaria bem. Seu pensamento apareceu e penetrou na Amaro. Não foi seu pênis que penetrou nela. Ele olhava para ela rapidamente por baixo dela e seu pensamento ficou dentro dela.

Depois voltou a sentar sozinho e benzeu o seu Ipadú-de-jaguar para Kowai poder crescer bem na barriga da mãe. Até que a barriga dela cresceu com esse Kowai. Cresceu e ficou pronta para dar à luz.

Aquela mulher não era como as mulheres de hoje em dia, pois ela não tinha vagina como as mulheres atuais. O Napirikoli pensou. Veio uma idéia para ele. Saiu e foi procurar uma tora de Pataú.

Naquela época surgiram os primeiros Pataú e Cucura. Com a tora de Pataú foi que Napirikoli abriu a vagina de Amaro. Ela sabia que com poder de Napirikoli o filho dela iria nascer.

E no final, já para nascer o filho, o Kowai, o Napirikoli fez o tabaco e soprou nela, para que ela não veja o filho nascer. No momento do parto Amaro desmaiou por um instante. Saiu o Kowai e logo o Napirikoli tomou um líquido, chupou tirando e afastando doença dela. O Napirikoli levou o Kowai para o mato, enquanto a mãe estava desmaiada. Depois ele voltou e fez um novo tabaco para benzer e soprar novamente na Amaro. Somente assim ela voltou a acordar.

Logo que ela acordou, sentou e perguntou:

– Cadê meu filho? Ela queria ver o seu filho.

O Napirikoli respondeu:

– Está ali, apontava para liowhaakarotami (placenta). O seu filho não é gente.

E nesse momento, quando Amaro viu que não tinha o seu filho, ela perguntou ao Napirikoli:

– É este mesmo que é meu filho? Ele respondeu: – sim.

Ela falou:

– Então, como que a gente vai fazer com ele?

– Vamos enterrá-lo, pois não tem como criar ou cuidar dele, porque ele não é gente.

Nesse momento o Napirikoli mandou o seu irmão Dzooli jogar a placenta na água, e ela transformou-se em arria. Essa foi o que surgiu primeiro, como peixe, na água.

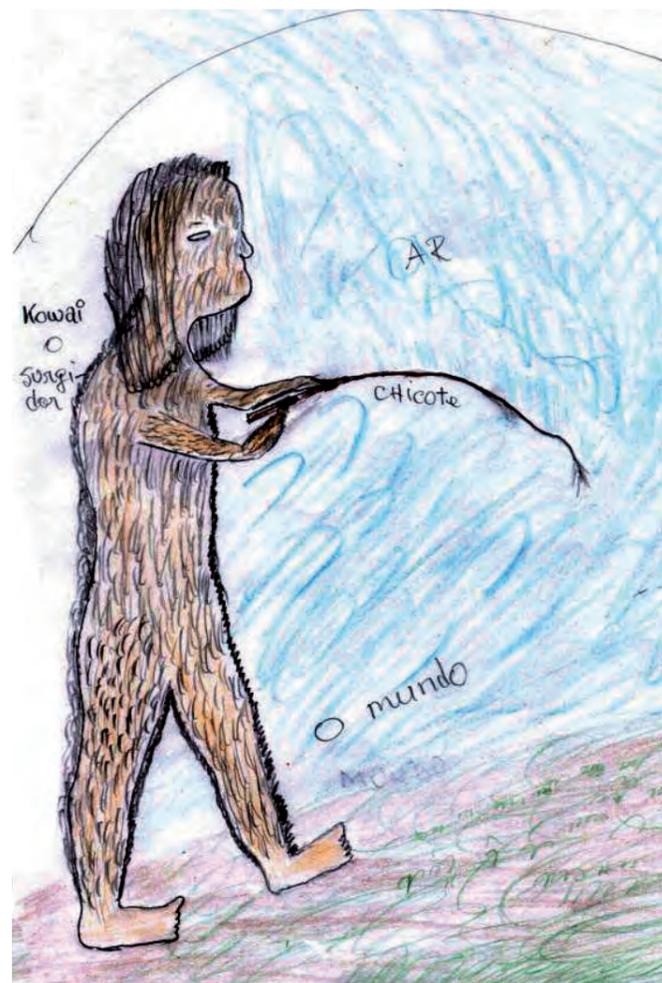
E assim o Kowai cresceu.

Quando adulto, foi morar em outro mundo, no alto do céu.

Certa vez, havia outros meninos chamados Malinalieni, Mhenakoíwa, Toophiíwa e tinha mais outros pequenos, eram quatro, esses eram os kanheekanai. Uma vez eles estavam catando moribundos e foram deixando-os dentro de um pote de cerâmica. E brincavam de fazer o som de Kowai.

Estavam dançando, imitando como a dança de Kapettipani. Os moribundos que eles catavam zumbiam dentro do camuti: – Hiiiiii, Hiiiiii!!! Era como o som de Kowai. Enquanto isso, o verdadeiro Kowai estava lá no alto do céu observando eles escondido. Depois ele resolveu vir para junto deles. O Kowai fez Kapetti (chicotes) e os meninos saíram andando a procura de nakapewa (os chicotes), e depois que eles voltaram aí o Kowai chicoteou-os com Kapetti. O Kowai pegou o chicote dele assim, balançando de cima para o baixo, era a origem do ar/vento. Com o chicote de Kowai que o ar/vento começou neste mundo. Kowai ikape iwaale mitsa pida (diz-se, o vento do chicote de Kowai).

De acordo com outros mitos o ar/vento começou a existir através de um cigarro que o Napirikoli fumou. E de lá o ar/vento passou para todos.



Como surgiu o ar

De acordo como contam os velhos conhecedores Baniwa, desde o início do mundo, o Napirikoli fez este mundo e também fez tudo o que vemos hoje em dia. E foi através de Napirikoli que surgiu o Kowai e que por meio do movimento de instrumento Kapetti (chicote) que o ar/vento começou a existir até hoje em dia.

Dizem os velhos que quando o Kowai estava fazendo a cerimônia com os meninos, e seu caniço balançava, o ar veio soprando pra lá e pra cá.

Por isso que os velhos falam hoje quando vêem que o vento sopra muito forte é porque antigamente quem começou a fazer isso, foi o Kowai (lipikanimi oo ipikantiti). Napirikoli escondeu Kowai da sua mãe, por isso, também hoje em dia as pessoas sempre querem enganar para outra pessoa, ima kadzokaromikatsa pideekani oopittoa Napirikoli ikeñoetakawalhi heekoapi (porque começou assim desde quando o Napirikoli criou as coisas no mundo).

Os velhos dizem que em todo o planeta Terra existe o ar (oxigênio), pois sem ar nós não existiríamos neste mundo.

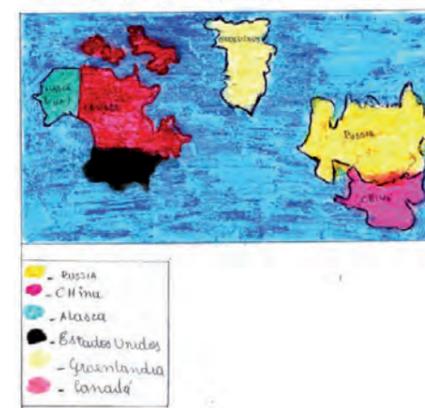
Mas para saber melhor, relato um pouco a história que o velho me contou.

No início do mundo existiam apenas três pessoas que desde sempre estiveram presentes: Napirikoli, Dzooli e seu irmão menor, o Eeri. Essas são as pessoas que já estiveram neste mundo. Os velhos dizem que são os Heekoapainai (gente-universo) e também os velhos chamam de kanheekanai (detentores de conhecimentos), que significa, em outras palavras, as pessoas que criaram este mundo.

Ao passar do tempo o Napirikoli pensou em fazer o Kowai, o filho de Amaro, tia de Napirikoli. Dizem que o Kowai era o pensamento de Napirikoli para Amaro. Quer dizer, ficaria como o filho de Napirikoli, como herdeiro, ou Napirikoli imaapatsikale (filho secreto).

E assim o mundo foi evoluindo até que nós seres humanos surgimos neste mundo, depois que o mundo já era muito bem feito, por meio daquele Kowai e juntamente com todo o poder de Napirikoli.

Países que Poluem mais o Ar.



Distribuição do recurso no mundo

Ao longo do tempo, desde o início do mundo o ar/vento se espalhou para todos os cantos, conforme os Heekoapainai (gente-universo) tinham pensado para o seus descendentes. Mas os velhos falam sobre isso, que se não tivesse aqueles Heekoapainai aqui neste mundo, com certeza não existiria nada aqui.

Mas, com a ajuda que eles nos deram, estamos aqui neste mundo vendo tudo o que foi feito por eles para nós, pois nós surgimos através daqueles Kanheekanai.

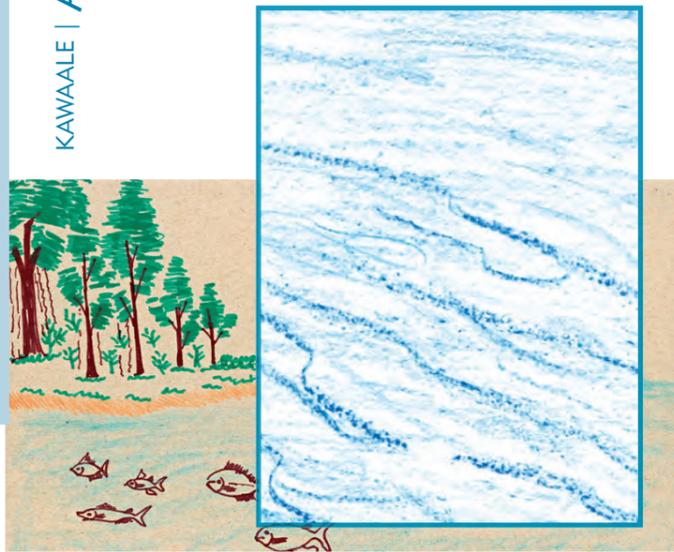
Quando os Heekoapainai haviam acabado de fazer tudo, aí falaram: – Como será que nós vamos dar o troco em razão? Agora vamos matar os animais para vingar os nossos parentes mortos, pois eles pensavam fazer ressuscitar os seus parentes que haviam perdido. Então, foram andando para matar os animais que encontrassem.

E assim eles conseguiram matar os animais e fazer ressuscitar os seus parentes que haviam perdido. Portanto, o Napirikoli viu que estava bom, aí fez o ar/vento se mover em toda parte do mundo.

Quando o Napirikoli percebeu que todas as coisas que fez eram boas, ele ficou sentado fazendo seu tabaco para soprar, ou seja, significa que o ar ficou em toda parte do mundo, como se estivesse o ar vindo de cá e indo para lá. Os velhos dizem que o ar a gente não sabe de onde vem e nem para onde vai, pois isso o Kowai deixou-o como troco. Os velhos falam que o Kowai andava em todo canto desse mundo, e por isso o ar/vento existe em toda parte do mundo.

Segundo os velhos dizem, dentro da terra também existe o ar, assim como outros espaços servem como depósito de ar, inclusive dentro da água.

É assim que os velhos contam sobre a distribuição desse recurso. Por que como já sabemos que sem o ar/vento nós não existiríamos aqui neste mundo, e sempre voltamos a pensar que em qualquer parte do mundo existe o ar/vento, como um recurso mais importante de tudo para qualquer ser vivo do mundo.



Importância do ar | vento

Em todo o planeta Terra o ser humano necessita desse recurso para a sua sobrevivência, que no espaço geográfico do mundo nenhum ser humano, nem os animais, aves e plantas conseguem viver sem o ar.

Quando mergulhamos precisamos respirar o ar, para que possamos demorar de baixo da água. Quando ficamos suados precisamos de ar para nos ventilar, ou para que o corpo volte a temperatura normal. Para soprar precisamos também armazenar o ar para poder sair com força, principalmente quando fazemos fogo ou quando soprarmos alguma coisa, por exemplo, soprar as flautas. Quando ficamos cansados precisamos respirar bem o ar para voltarmos ao normal. Os peixes, mesmo que eles vivam na água, ainda assim necessitam de ar (oxigênio) e, inclusive, os outros seres que habitam na água precisam de ar para sobreviver. As aves também precisam de ar, pois elas respiram igualmente como nós seres humanos. Por exemplo: o bente-vi quando nasce já respira o ar para poder sobreviver.

Além disso, as plantas também precisam de ar. Mas elas não utilizam o oxigênio (O²) como outros seres vivos. Elas utilizam o gás carbônico (CO²), que também está no ar. Ou seja, as plantas consomem o gás carbônico e liberam o oxigênio, o que nós inspiramos.

Isso nos faz pensar que o ar é muito importante para tudo o que vemos neste mundo, pois todos os seres que vivem neste espaço necessitam desse recurso.

Segundo a história relatada pelos velhos, antigamente o ar não era assim como de hoje. Só havia o ar aonde viviam essas pessoas que os velhos chamam de Heekoapinai, que eram os donos do ar/vento (kawaale). Somente eles tinham o ar, ou seja, eles viviam com o seu próprio poder. A partir daí o ar/vento começou a se espalhar para todo o canto do mundo, através do conhecimento do Napirikoli, ou seja, por um processo de pensamento.

A gente utiliza o ar o tempo todo na nossa sobrevivência, na nossa vida cotidiana. Esse recurso não é só apenas para as pessoas que vivem nas comunidades, mas é para todas as pessoas que ocupam o planeta Terra.

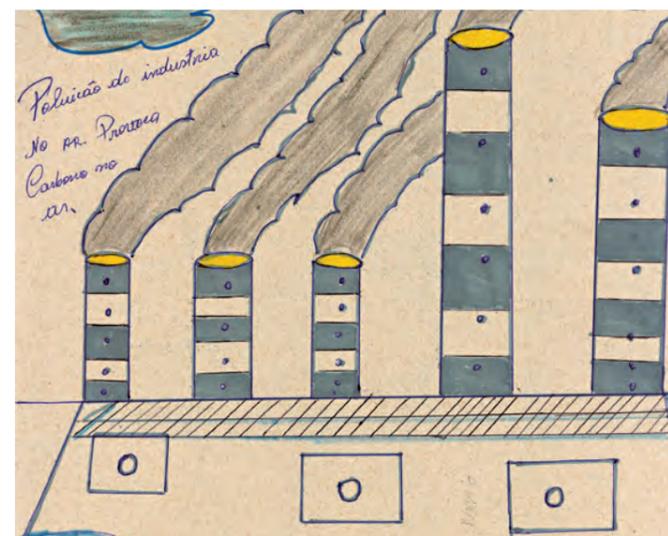
Classificação do ar | vento

Os velhos da região do rio Içana e seus afluentes classificam o ar/vento de acordo com o conhecimento tradicional e conforme seus pais repassaram para eles.

Vejam os:

- KAWAALE: é o vento que não é tão forte e nem muito fraco, que os velhos dizem que só serve para respirar.
- KAWAALE HAMOLIRIKODALI (DZOORONAI): é um vento de um tempo em que o vento bate mais forte nas plantas protegendo-as das pragas. Isso os velhos chamam de hamolirikodali.
- KAWAALE IPIKANTTI: quando o vento é mais forte que todos. Isso acontece quando a pessoa anda num lugar sagrado e descumpra as regras de convívio como, por exemplo, quando uma pessoa come alguma coisa com estado do corpo suado e sem antes ter tomado banho.
- KAWAALE INOKAKADA: é aquele vento que derruba a árvore, casa e mais coisas. É daquele tipo que os brancos chamam de furacão e tesoura de vento.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzooroonai	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitisina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai



Quanto do recurso é utilizado pelas comunidades?

Esse recurso eu não pude contar ou calcular, por enquanto, quanto é a quantidade de ar que respiramos. Sabemos que em todo momento da nossa vida respiramos.

Estudos indicam que uma pessoa adulta respira mais de 11.350 litros de ar por dia.

Se esse ar estiver contaminado, o organismo das pessoas pode se tornar vulnerável, chegando até a desenvolver vários tipos de doenças. Cerca de três milhões de pessoas morrem prematuramente, todos os anos, em todo o mundo devido a doenças atribuídas à poluição do ar.

As crianças são mais suscetíveis que os adultos, e as infecções respiratórias agudas (IRA) são a causa principal de morte na faixa etária até cinco anos, na América Latina e Caribe.

Fonte: http://www.ambiente.sp.gov.br/destaque/qualidade_ar.htm

Indicação de práticas de manejo consideradas ruins

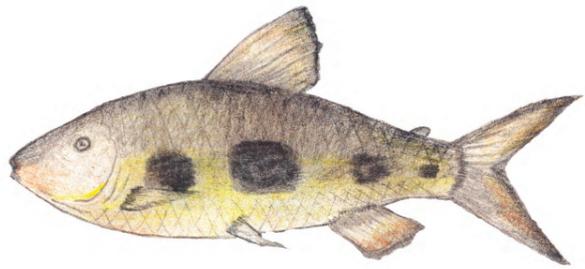
Conforme as informações que foram coletadas com os velhos, o ar está em toda parte, e ao mesmo tempo as pessoas manejam conforme a sua prática de vida. As pessoas que não sabem como utilizar os seus maquinários são as que acabam poluindo o ar. Este é o manejo ruim para a população do mundo inteiro.

Para manejar esse recurso os países que estão mais avançados com suas indústrias, e também as pessoas que desmatam a floresta, teriam que saber como usar a sua tecnologia e os seus recursos. Alguns teriam que reduzir suas emissões de gases de efeito estufa, pois assim o ar voltaria a ficar normal, sem poluição. Porque os noticiários dos jornais alertam que hoje no mundo existe muita poluição no planeta Terra.

Os países mais avançados são os países mais poluidores do ar, segundo a minha pesquisa na internet, os dois maiores são: Estados Unidos e China. E estes são países que mais respiram sua própria poluição e ainda poluem o ar para toda a população do mundo.

Indicação de práticas de manejo consideradas boas

- Os países que estão poluindo muito o ar teriam que diminuir a poluição utilizando tecnologias apropriadas.
- Diminuir o desmatamento de floresta no planeta Terra. No Içana não existem grandes desmatamentos, pois é somente para as roças e deixamos sempre a área se recuperar. Os estados no Brasil que tem o maior índice de desmatamento são: Mato Grosso e Goiás.
- A principal orientação para o manejo bom do ar é acabar com a poluição, para isso as pessoas tem que mudar sua vida de consumir os produtos que provocam a poluição.



Origem de Doome

No princípio do mundo havia um grande criador, chamado Heeko, e tudo o que existe foi criado por ele: universo, terra, rio. Através desse criador surgiu também o grande herói, Napirikoli, que por sua vez criou a vegetação, os animais e os seres humanos.

Os peixes tiveram origem através do grande herói Napirikoli. Ele viu que os peixes eram necessários para a existência dos seres humanos, e então decidiu criar todos os tipos de peixes em todos os rios mares e oceanos.

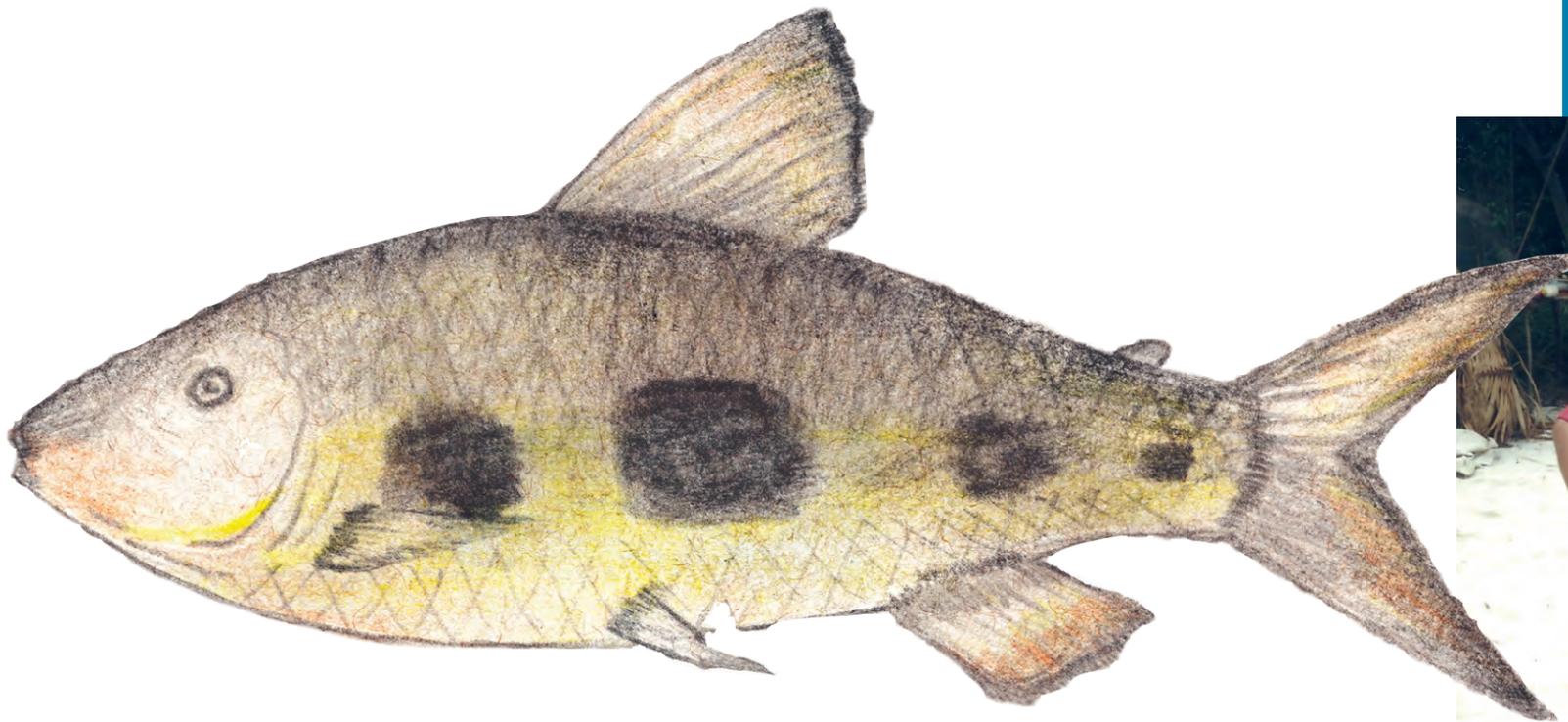
O Napirikoli chamou cada rio. Primeiramente chamou o rio Içana. Chamou três vezes o nome desse rio, falando:

– Hezii! Você aceita peixes?

Mas o rio Içana estava dormindo e não respondia. Em segundo lugar passou a chamar o rio Guainia, na Colômbia, que ao mesmo tempo respondeu. E o Napirikoli cedeu peixes para ele. Em terceiro lugar passou a chamar o rio Negro abaixo, que também respondeu, e Napirikoli deu novamente os peixes. Em quarto lugar chamou o rio Waupés, que também respondeu, e recebeu seus peixes. Em quinto lugar o Napirikoli voltou novamente a chamar o rio Içana, pois esse rio não podia ficar sem peixes. Dessa vez o rio acordou e respondeu. E assim o Napirikoli lhe deu os restinhos de peixes. É por isso que no rio Içana não se encontra peixes em grande quantidade.

Na verdade, os rios que estavam acordados recebiam várias espécies de peixes como: tambaqui, jaraqui, matrinxã e outros tipos que não são encontrados no rio Içana.

Assim se originaram todos os peixes no mundo, entre os quais se originou o Doome (Aracu-de-quatro-pintas, *Leporinus klausewitzii*). Este é um dos tipos de Aracu que existem por aí. É um dos peixes mais apreciados na alimentação dos Baniwa e Coripaco do rio Içana.



Distribuição de locais de piracema de algumas espécies da bacia do Içana:

No. de Locais de Piracema das Espécies em cada comunidade

Espécie	Táalli	Doome	Dopalli	Tsiipa	Kaárotsi	Dawaki	Wemai	Pore
Comunidade								
Tamanduá	1							
Siucy	1							
Aracu	3		1					
Trindade	1							
Mauá	3							
Jandu	2		2					
Tukumã	4	5	3	1				
Bela Vista	2	2	1	1			1	
Tarumã	5	5	5		5		5	
Arapasso		10		2	1	1		1
Juivitera		8	3		5			
Santa Marta								
Tapira Ponta								
Santa Rosa		1						
Jacaré Poço							6	
São José								1
Total de Locais	22	31	15	4	11	1	12	2

Fonte: Kophe Koyaanaile: Manejo Sustentável de Recursos Pesqueiros no médio Rio Içana – Terra Indígena Alto Rio Negro/Amazonas – Dossiê digital (OIB/ISA, 2010).

Distribuição na bacia do Içana

A distribuição de Doome na bacia do Içana não tem limite. É muito encontrado nos igarapés. É encontrado desde a foz até a cabeceira do Içana e seus afluentes. Mas a ocorrência em toda a bacia não significa que o recurso é encontrado facilmente em toda a região, pois tem regiões em que a pesca de Doome é mais fácil, e em outras é mais difícil. Quando o rio está cheio, a captura é sempre fácil.

No rio Içana tem muitas áreas de piracema de Doome. A piracema é um bom indicativo da sua distribuição.

Distribuição na microrregião da comunidade

Vou tratar da distribuição do Doome em cinco comunidades do médio Içana: Nazaré, Castelo Branco, Taiacu-Cachoeira, Ambaúba e Belém. Considero que pode ser classificada como microrregião, porque essas comunidades têm relação de encontros como santa ceia, conferências evangélicas, e fazem parte da mesma associação, a UNIB.

Nesta região não encontramos muitos ambientes, habitat, favoráveis ao Doome. Isso porque nesta região não existe água parada, lagos onde abrigariam os aracus, e as margens do rio tem água muito corrente, o que dificulta, talvez, a ocorrência e a adaptação de Doome. Assim como não tem muitos locais de piracema.

Os Doome têm que procurar um bom abrigo para fazer sua reprodução, ou piracema. Estes locais são os lagos, os igarapés, ou outros lugares mais apropriados. Por isso, não são muito encontrados nas águas correntes. Suas piracemas são mais frequentes na região dos lagos, médio Içana, assim como também dos outros aracus: Táalli e Dopalli. Veja a distribuição de suas piracemas no médio Içana no quadro ao lado.

Importância do recurso

Para a maioria das pessoas, famílias e comunidades, o Doome é muito utilizado como recurso alimentar, pois é um peixe que assim como os outros peixes, fornece nutrição e proteínas para a pessoa que o consome.

Para garantir o consumo mais freqüente, algumas comunidades do Içana têm investido na criação de Doome, construindo viveiros de piscicultura. Ainda não chegaram a produzir em grande quantidade para que as famílias se beneficiem o suficiente somente da própria criação. Mas acredito que um dia poderemos chegar a este ponto e assim teremos facilidade para conseguir peixe em diferentes épocas do ano.

4 aracu-de-quatro-pintas

doome

OONIRIKO | ÁGUA



Calendário ecológico-astronômico

A época em que o Doome é mais encontrado é na época de rio cheio, nos meses de maio e junho. A disponibilidade desse recurso nessa época é maior, assim como outros peixes, mas principalmente o Doome, que faz piracema. Os Doome fazem a sua piracema em diferentes regiões, de acordo com o local e época.

As comunidades mais próximas dos locais de piracema sempre acompanham e se preparam para capturar os peixes durante as piracemas com seus materiais apropriados: malhadeira, tinguijo (quando é nos igarapés), e também utilizam o matapi, arco e flecha, zagaia, puçá etc. Com estes materiais as comunidades capturam em maior quantidade o recurso. Mas nem todas essas práticas são boas, do ponto de vista de "manejo".

Passando esse período, a disponibilidade do Doome diminui. Para os pescadores ou pessoas que praticam a pesca diariamente é difícil conseguir em maior quantidade. Não é mais como na época de piracema. Na verdade é muito difícil conseguir em maior quantidade, pois a disponibilidade do recurso diminui muito. Cada vez que fazem a prática de pescar na piracema, manejo ruim, diminui a quantidade de Doome. Na realidade, a consequência vem depois, se continuarmos do mesmo jeito, com o mau uso de recursos na bacia do Içana.

Disponibilidade e Situação	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
Pesca de Doome	[Blue shaded area]											
Os Doome estão se preparando para se reproduzir (alimentando-se e formando suas gônadas).	[Blue shaded area]											
Piracema			[Blue shaded area]									

Quantidade do recurso utilizado

Abaixo, segue uma estimativa desse autor para o consumo de Doome na bacia do Içana:

Consumo de Doome (kg)			
Categoria	Consumo/Semana (kg)	Consumo/Mês (kg)	Consumo/Ano (kg)
Por família	2	8	96
Por comunidade (25 famílias)	50	200	2.400
Pela bacia do Içana (66 comunidades)	3.300	13.200	158.400

Dados reais

Para se ter idéia de consumo de Doome pelas famílias, também reproduzimos aqui alguns dados reais obtidos pelo monitoramento realizado pelo Projeto Kophé Koyaanaale, executado pela OIBI com apoio do ISA e Fiocruz Amazônia, com recursos do PDPI.

Um exemplo é o resultado das pescarias de Edmilson Lopes da Silva, de 13 anos, do clã Hohoodene da comunidade de Tarumã, Médio Içana, registrados entre 16 de março de 2006 e 30 de março de 2008. Neste período ele realizou pelo menos 218 pescarias que foram monitoradas pelo seu próprio pai, Agente Indígena de Manejo (AIMA) formado pela Oibi através do Projeto Kophé Koyaanaale. Essas 281 pescarias resultaram no abate de 2.675 peixes pertencentes a 61 espécies, incluídos aí: 113 Tucunarés, sete Surubins, 198 Traíras, 328 Sarapós, 75 Acarás, 268 Aracus no geral (sendo destes 140 Doome).

Baseando-se num peso médio de 430,42 gramas (g) para cada Doome pescado, chegamos à conclusão de que Edilson pescou, em dois anos, cerca de 60 kilos (kg) de Doome para o consumo de sua família.

Ao todo, em 4.500 pescarias acompanhadas pelos AIMAs, em dois anos, nas 17 comunidades do médio Içana, foi registrada a pesca de 1.947 Doome. Isso corresponde a uma biomassa de cerca de 838 kg de Doome nestas 4.500 pescarias.

Isso equivale a 0,4 Doome/pescaria, o que significa que a cada 5 pescarias realizadas na região, são retirados dois Doome do rio Içana. Se um pescador sair para pescar uma vez/dia durante o ano todo (365 dias) ele capturará em média 146 Doome ou, aproximadamente, 63 kg deste tipo de peixe/ano.

Situação atual da disponibilidade

Antigamente a situação do recurso era diferente, porque que a população em cada comunidade era menor e a quantidade do recurso era maior. Essa é a diferença da vida de hoje com relação a dos antigos.

Na verdade a disponibilidade do Doome estava bem distribuída ao longo do Içana, afluentes, igarapés e lagos. Observando que a pessoa saia para a pescaria, conseguia entre 3 a 5 kg de Doome, em uma pescaria. Os materiais que usavam eram: linha de pesca e caniço. Com essa prática o recurso continuava disponível, pois havia um controle na pesca.

Atualmente, com o aumento da população nas comunidades do Içana, cresceu também a necessidade das pessoas pescarem mais para garantir a alimentação diária. E com isso a disponibilidade do recurso diminuiu. Tem também o manejo ruim praticado nos dias de hoje.

Há cerca de 65 anos os Baniwa e Coripaco são evangélicos e realizam grandes festas como Conferências Evangélicas, Santas Ceias e outras festas comemorativas. Para realizarem estes momentos alguns se preparam fazendo pescarias nos igarapés, rios e lagos; e outros caçam animais na mata por alguns dias. Isso pode demorar no máximo duas semanas, para poder conseguir quantidade suficiente de alimento para consumirem durante a festa. Essa é uma situação que a população vem causando.

Mas, em termo da disponibilidade de recurso, em especial para o sujeito ora falando, não há tantos riscos que possa comprometê-los.

Prática de manejo ruim

A prática de manejo ruim já vinha sendo realizada pelos velhos, antigamente, em cada comunidade onde viviam. Quando era época de verão, que acontecia entre os meses novembro a março, a maioria das comunidades se reunia para aproveitar o tempo de seca de rio. Sempre preparavam alimentos, farinha e beiju com objetivo de deslocar para a região dos lagos, levando consigo seus materiais de pesca, com os quais podiam matar peixes em maior quantidade. Com essas atividades notava-se que já vinham trazendo, como consequência, alguns problemas tais como:

Tinguijavam com timbó em dois ou três lagos. Faziam essa atividade para conseguir peixes em fartura facilmente.

Esse manejo ruim é tradicional, e atualmente continua sendo praticado. Também, novos materiais de manejos ruins foram introduzidos a partir de contato com os brancos, tais como:

- Máscara de mergulho (careta);
- Malhadeira;
- Uso de cercas com paris em lagos menores;
- Uso de zagaia à noite;
- Mistura de massa da pupunha com veneno de timbó (armadilha);
- Muita pesca diariamente;

Com essas práticas o recurso está diminuindo cada vez mais na região. Segundo a análise de informantes, se a população continuar crescendo, e com a mesma prática, para as gerações futuras esse recurso será mais difícil.

Prática de manejo bom

Se praticarmos o manejo bom, teremos uma recuperação do recurso nos rios. Poderemos contribuir com a natureza, assim é provável que o recurso vá estar novamente disponível mais facilmente para a população da bacia do Içana. Várias práticas boas de manejo podem se tornar como práticas cotidianas e serem usadas pela população atual, como exemplo:

Não tinguijar os igarapés, lagos e rios, pois esse é o principal manejo ruim que pode acabar com os peixes;

Não usar malhadeira, principalmente a malha pequena, que acaba com peixes menores, que ainda não atingiram o tamanho mínimo de reprodução;

Não cercar e tinguijar os lagos, pois essa é uma das práticas que leva os peixes a ficarem estressados e por outro lado está acabando com os reprodutores;

Não fazer o mergulho com careta, pois é uma das principais práticas de manejo ruim, atualmente utilizada em algumas regiões. Isto resulta no desaparecimento dos peixes, como ocorreu em Aracú Cachoeira.

Para manter o recuso sempre disponível ou para fazer um bom manejo, uma das alternativas é a construção de viveiro para a piscicultura. O viveiro dá vantagem para estocar o recurso próximo das comunidades. Assim sendo, pode diminuir a preocupação de pessoas em querer pescar no rio, pois tendo peixe no seu viveiro poderá pegar de lá mesmo em qualquer tempo que precisar. Sendo que o melhor é construir, no mínimo, três viveiros para facilitar o manejo e consumo da criação. Assim pode garantir o rodízio de consumo de peixe do viveiro, imitando a forma das pessoas terem, no mínimo, três roças nas comunidades. Dessa maneira a pessoa pode garantir que na época de escassez do peixe ele terá estoque como reserva para facilitar a sua vida da fome.

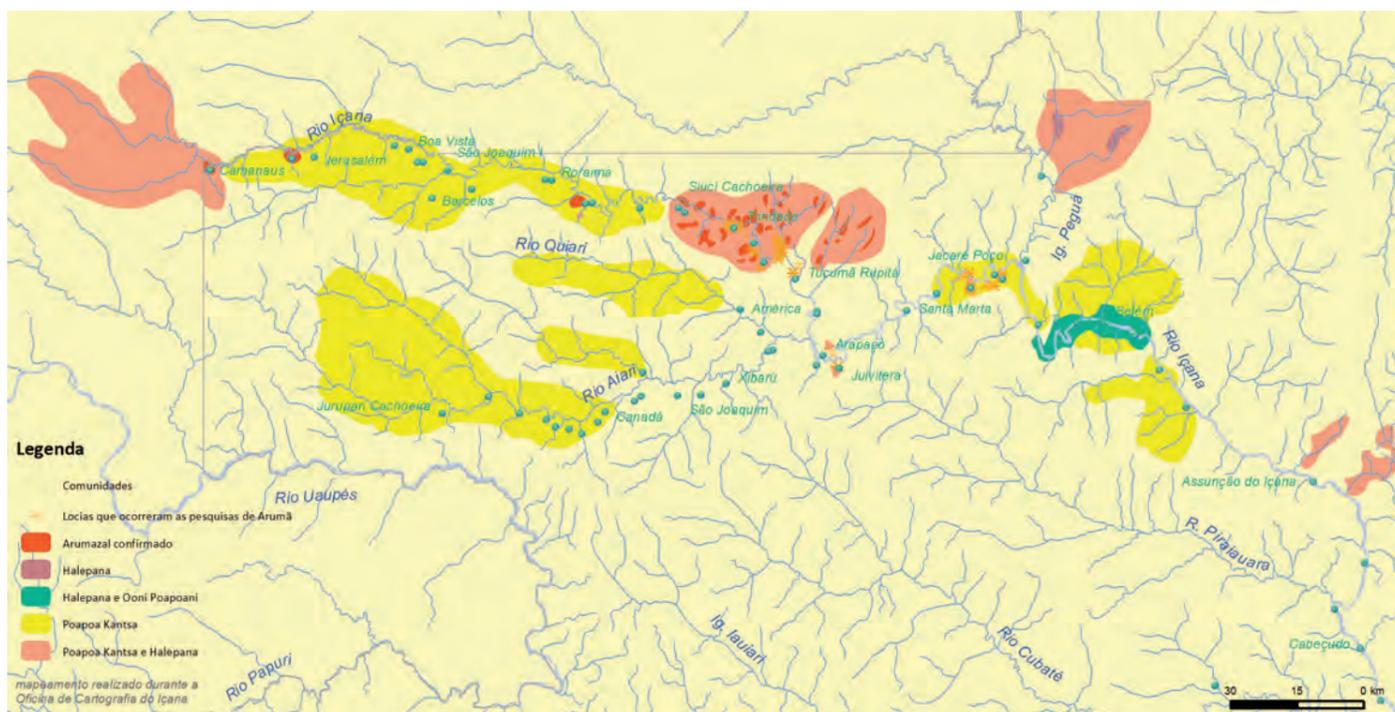
Indicação de boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades

Atualmente, por ação de algumas pessoas, ou por invenções que surgem, as pessoas estão preocupadas com o manejo dos recursos importantes para viver e estar bem na bacia do Içana e no mundo.

Acontecem os encontros e o tema de manejo é discutido nas assembléias das comunidades. Estas assembléias são promovidas pelas organizações com o objetivo de definir alternativas de sustentabilidade, para conscientizar as pessoas para não praticar os manejos ruins e solucionar o problema que ocorre na região, principalmente os recursos pesqueiros. O exemplo é o projeto Kophe Koyaanaale, que é um projeto que desenvolve pesquisa de acompanhamento das pescas nas comunidades, para analisar as diferenças e apontar indicadores para formulação e implementação do plano de manejo de recursos pesqueiros.

Na verdade, as preocupações vêm aumentando. Por isso vem sendo necessário definirmos planos de manejo bom, e assumirmos novas práticas, para manter os recursos pesqueiros. As escolas também têm assumido a prática de manejo exemplar, como construção de viveiro de piscicultura. A escola EIBC-Pamáali, desde a sua fundação, vem praticando um modelo de criação de peixes com as espécies nativas. Conforme o objetivo da escola, formar para apoiar no desenvolvimento de atividades de sustentabilidade nas comunidades. A EIBC prepara os estudantes para que possam dar informações básicas sobre o processo de construção de viveiro e sobre o processo de reprodução artificial no laboratório.

Com esses tipos de ações as populações do Içana entendem melhor o processo de melhoria de vida e vêm praticando atualmente nas suas comunidades.



Distribuição do recurso na bacia do Içana

Há muito tempo atrás, o homem Napirikoli fez a distribuição dos arumanzais para todos os cantos da bacia do Içana. Mas, dependendo da região e ambiente. No rio Içana existem dois tipos de arumã que são: Halepana e Poapoa kantsa.

Na minha comunidade, São José do rio Içana, existe somente Poapoa-kantsa. Essa é uma planta de caule mais verde do que outros, com ramificação aérea bem desenvolvida. Quando maduro sempre solta uma casca de cor marrom.

O poapoa Halepana é um tipo muito parecido. Sua raiz é do tipo fasciculada, as folhas são grandes, de cor verde-brilhante na parte superior e embranquecida na parte inferior. As flores são amareladas e cheirosas.

Distribuição do recurso na microrregião de São José

Na comunidade São José existem os locais de arumã onde as pessoas sempre buscam para fazer artesanatos. Nesta comunidade o arumã vive na terra-firme. Nesta microrregião existem muitos arumãs nas cabeceiras dos igarapés.

Calendário

Arumã está disponível todo o ano. Não existe um período em que tem mais ou que tem menos.

TEMA: **arumã**
AUTOR: Ronaldo Lourenço da Silva
ETNIA | SIB: Baniwa | Awadzoro
COMUNIDADE: São José | Içana



História da origem de arumã

No princípio não existia nada, somente um homem chamado Heeko, criador de todas as coisas que estamos vendo hoje. Durante muitos anos atrás Heeko começou a levantar como seria o mundo. O Heeko era um homem invisível, vivia no espaço, porém seu conhecimento era enorme.

Começou a criar o espaço e todas as coisas que estamos vendo hoje, por exemplo: paisagens, animais, peixes, rios e lagos. Depois que terminou as coisas da natureza, ele deixou três homens que chamamos de Napirikoli, Dzooli e Eeri. Também deixou três mulheres para serem as mulheres deles. Se não tivessem as mulheres não teria o mundo. Os três homens começaram a se multiplicar e assim foram constituindo seus descendentes, e formando as fratrias dos povos do Içana. Os Hekoapinaí eram experientes. Os três irmãos, Napirikoli, Dzooli e Eeri são Hekoapi iminanaí.

Nesse tempo, Napirikoli deu o trabalho e conhecimento para todos os povos moradores no planeta, tais como: balaio, tipiti, urutu, peneira e abano. Esses materiais são básicos para os povos existentes hoje, os Baniwa e Coripaco, para quem Napirikoli os deixou, especialmente.

No dia seguinte, conforme a história, os Mhenakhoiwanaí desciam ao porto, em Jandú Cachoeira, para brincar de Kowai. Os Mhenakhoiwanaí pegaram maribondos e eles deixavam dentro de um Camuti. Imitavam o som de Kowai. O Kowai desceu do alto do céu ao porto para falar com os meninos, e quis ensiná-los. Os meninos aceitaram. Ele os deixou de jejum e não podiam comer pimenta. Mas os meninos resolveram quebrar a regra estabelecida. Foi no dia que Kowai desceu também. E os meninos começaram a apanhar a fruta de Wakú (Monopteryx uacu), enquanto o Kowai subia na árvore e jogava os frutos para baixo. Os meninos começaram assar Wakú. O Kowai ficou muito bravo, e comeu os meninos.

O Napirikoli decidiu matar o Kowai. Ele fez uma grande festa para matá-lo. Quando Napirikoli chamou Kowai para a cerimônia, este ensinou todo conhecimento que o Napirikoli queria. Ensinou os benzimentos, músicas, danças, e também sobre artesanatos de arumã. O mesmo artesanato que os povos sabem hoje no rio Içana.

Assim aconteceu durante a cerimônia com o Kowai.



JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzoroona	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitísina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai



Importância do recurso

O Arumã é muito usado na confecção de artefatos feitos a partir das fibras do seu caule. As fibras do arumã são retiradas de caules maduros e resistentes. São retiradas manualmente, com apoio dos pés, cortando o talo ao meio e eliminando o bucho. É um processo delicado, que exige paciência e experiência para se obter fibras finas.

Existem dois tipos de fibras: fibras com casca e fibras sem casca.

As fibras com casca são empregadas habitualmente na confecção de utensílios mais rústicos, usadas nos serviços domésticos, como tipitis, urutus grandes, balaios grandes, peneiras (para farinha) e paneiros (para guardar farinha).

As fibras sem casca são usadas geralmente para confecção de artesanatos para comercialização, como jarros, balaios e urutus. Estas fibras podem ser tingidas de vermelho, com sementes de urucu; ou preto, usando carvão de molongó ou a fuligem de óleo diesel, adquirida a partir da fumaça de lamparina. Muito artesanato de arumã da bacia do Içana já foi comercializado através do projeto Arte Baniwa. Entre 1999-2006 a renda transferida diretamente às comunidades, através da comercialização da Arte Baniwa, atingiu a cifra de R\$ 300mil reais, segundo dados do ISA.

A folha do arumã é utilizada como tampão para forrar o tradicional paneiro, protegendo os alimentos transportados de uma comunidade para outra ou de qualquer lugar para outro.

A raspa da casca do caule é usada no tratamento de verrugas, após ser feito pequenos furos na parte a ser eliminada, para que o pó possa penetrar no corpo, possibilitando a queda da verruga.

Quantidade do recurso que é utilizada

O projeto Arte Baniwa reuniu uma equipe de pesquisadores do INPA, ISA e OIBI, projeto Arumã, para estudar a sustentabilidade da produção e comercialização de arumã na bacia do Içana. Uma das informações geradas se refere ao orçamento anual de arumã, ou seja, uma estimativa da necessidade de arumã para uso de uma família/ano. Essas informações são representadas na tabela abaixo.

Tabela: Adaptada da estimativa do orçamento anual de arumã para uso doméstico (Shepard, et al. 2004, apud ISA, 2010 - livro Manejo do Mundo).

Objeto	Nome Baniwa	Talos por peça	Peças por ano	Talos por ano
Tipiti	tirolipi	12 - 18	4 - 10	50 - 180
Abano	kadoitsjpa	10 - 20	4 - 6	40 - 120
Aturá	tsheeto	0*	10 - 20	0*
Paneiro	dzawithida	0*	5 - 15	0*
Peneira fina (beijú)	dopitsi	15 - 20	2 - 6	30 - 120
Peneira grossa (farinha)	olopema, dopitsi matsokapoka	10 - 12	1 - 4	10 - 50
Urutu grande (para massa de mandioca)	oolooda	25 - 50	1 - 2	25 - 100
Urutu Pequeno (para sabonete, anzol, etc.)	oolooda	5 - 10	0.5 - 2	0 - 20
Balao	walaya	15 - 30	0.5 - 1	10 - 30
Cumatá	tirolipi	15 - 30	0.5 - 2	10 - 60
Objetos e embalagens, miscelâneas	(pirimitsiarona, wepone...)			5 - 40
Total, uso de arumã por família				200 - 700 talos /ano
Uso de arumã numa comunidade de 25 famílias				5.000 - 17.500 talos / ano
Uso de arumã na bacia do Içana (66 comunidades com média de 25 famílias)				330.000 - 1.155.000 talos / ano

*Aturás e paneiros são feitos de outros materiais, como cipó e miolo de arumã.

A equipe do projeto Arumã também estimou quantidades de arumã extraídas devido à comercialização. Segundo os dados, a venda de cerca de 15.600 peças de artesanato entre 1998 e 2002 resultou na extração de aproximadamente 250.000 talos de arumã nas 16 comunidades envolvidas na produção (Shepard, et al. 2004).

Situação atual da disponibilidade do recurso

No cadastro da Organização Indígena da Bacia do Içana (OIBI), muitas pessoas deram o nome para serem artesãos no Projeto Arte Baniwa. A maioria dessas pessoas pertence às comunidades do médio Içana, de São José até Tamandua. Na comunidade São José, onde eu moro, havia quatro pessoas que constavam na lista do projeto Arte Baniwa, como mestres artesãos.

Atualmente, depois de cinco anos de atividades de produção do artesanato para o projeto, a densidade de arumã diminuiu um pouco nas cabeceiras de Igarapés. O motivo é que os quatro artesãos estavam utilizando bastante arumã por ano. Cada artesão conseguiu fazer 3-4 dúzias/ano.

Na minha observação, com este recurso, com certeza nós vamos continuar produzindo tipiti, peneira, balao e demais outros utensílios para a nossa sobrevivência daqui para frente.

Portanto, vamos cuidar do recurso, procurando utilizar somente os que já estão maduros, e não procurando utilizar arumã imaturos que ainda não servem para gente, sei que mais para frente precisaremos utilizá-los.

Indicação de práticas consideradas ruins

Este recurso é limitado. De certa forma, se as pessoas começarem a cortar talos de arumã ainda jovens, com certeza estes não poderão crescer mais. E isso realmente é uma coisa que deve ser pensado sobre o manejo desse recurso. Sei que muitas pessoas estão utilizando quase todos os dias. E existem ainda no rio Içana as pessoas que utilizam sem controlar este recurso. Isso não poderia acontecer.

Com este recurso os Baniwa do rio Içana fabricam mais artesanatos, com objetivo de comprar algumas coisas para sobrevivência. Portanto, temos que seguir no caminho que vai dar ao rumo certo, procurando aprender sempre o que é recomendável fazer, pois assim vamos manter o recurso sempre em disponibilidade suficiente para podermos utilizar cada vez mais no futuro.

Indicação de boas práticas

Entre as boas práticas de manejo de arumã dos Baniwa e Coripaco do rio Içana, as principais são:

Não cortar todos os talos de arumã de uma touceira.

Segundo a pesquisa de arumã o ideal é cortar e retirar cerca de 30% dos talos maduros de uma touceira, para que ela se recupere mais rápido.

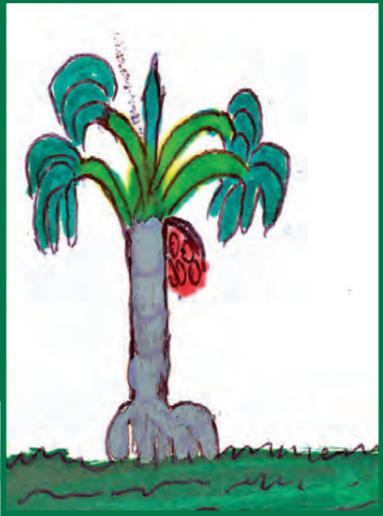
Somente tirar ou cortar os talos de arumã bem maduros.

Plantar os talos de arumã na roça ou na capoeira.

Não derrubar floresta para abrir roça em local onde existem muitos talos de arumã.

Indicação de boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades

Com a finalidade de conservação da planta, as comunidades devem sempre extrair o caule do arumã adulto, deixando os mais novos para o próximo corte.



Origem de caranã

Antigamente havia um velho com sua esposa, que gostava de capturar a saúva da noite (piitti em baniwa) para o seu consumo. Num certo dia, no tempo do inverno, choveu bastante, quase um dia inteiro e, anoitecendo, o velho falou para sua esposa:

– Ah, amanhã de madrugada, com certeza vai ter revoada de saúva da noite (tanajura)!

A sua esposa respondeu:

– Ah, é! Então vamos capturar para a gente comer.

De madrugada os velhos acordaram, pegaram seu tururí (kamaraita em baniwa) e saíram da sua casa até o lugar onde era a “casa das saúvas”. A casa das saúvas ficava atrás de um caranazal, que os velhos tiveram que cruzar para chegar até lá. Chegaram lá na hora certa da revoada das saúvas.

No momento da revoada, Curupira chegou com os velhos. Chegou e brigou com eles. Durante a briga, o velho ficou sem força de tanto brigar e sentiu que ficou fraco. Ele pediu para a sua mulher acender o tururí para queimar os cabelos do Curupira. A velha obedeceu, acendeu rapidamente o tururí e tacou fogo nos cabelos do Curupira.

No momento o Curupira nem sentiu, por mais que os seus cabelos estivessem queimando. Quando percebeu, o Curupira largou o marido da velha e saiu correndo. Nesta hora o dia já estava amanhecendo e, com desânimo, o velho com sua esposa voltaram para a sua casa.

Quando saíram no caranazal de volta, viram que todos os pés de Caranã estavam queimados, porque o Curupira que a velha queimou era Caranã. Por isso, quando os cabelos queimaram, todos os cabelos (as fibras) dos Caranã queimaram automaticamente, pois quem pegou fogo foi o principal.

Nesta queimada só restou apenas um pé de Caranã.

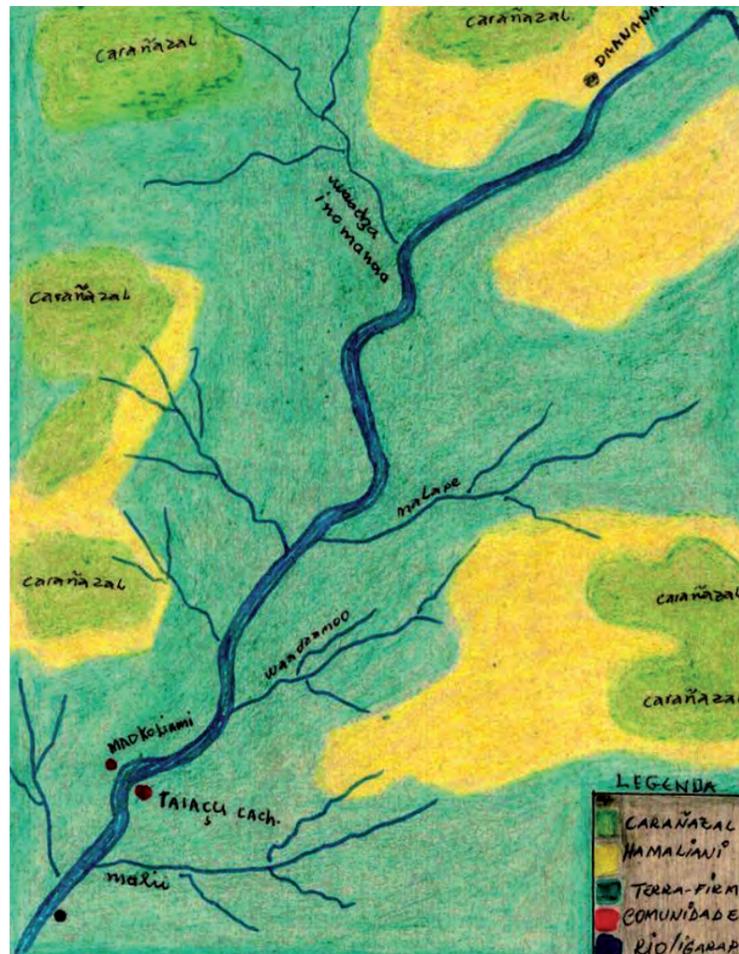
Com o passar do tempo, este pé de Caranã deu frutos, que amadureceram, caíram na terra, e assim se dispersaram pela região.

Nesse tempo tinha uma velha chamada Cutia. Todos os dias ela ia coletar os frutos de Caranã para consumir. A velha cutia comia apenas aquela parte comestível, e a semente ela não comia. Assim ela andava plantando Caranã em vários lugares da terra.

Quando ela viu que as plantas já estavam germinando, falava sozinha:

– Essa plantação vai ser para a nova geração.

Por isso, os Caranãs que utilizamos hoje para cobertura de nossas casas eram cabelos do Curupira que foi queimado. Mas esse Caranã deixou de ser Curupira, porque a velha cutia o cultivou. Cultivou os novos pés, depois que queimou.



Distribuição do caranã na bacia do Içana

A vegetação existente no rio Içana é formada por vários tipos, tais como: Caatinga, Igapó, Campinarana, Terra-firme e Capoeira. O Caranã é um tipo de palmeira que só se desenvolve em terra apropriada, que no caso é a terra de Caatinga. Não é encontrado em qualquer vegetação. Na Terra-firme, por exemplo, o Caranazal é difícil de ser encontrado.

Na bacia do Içana, de Boa Vista até Assunção, a maior parte da mata é dominada pela vegetação de Caatinga e menor parte é formada pela Terra-firme.

Na região do médio Içana I, de Nazaré até Santa Rosa, a vegetação é diferente da que existe no baixo Içana, pois nesta região o que predomina é Terra-firme. Mas, mesmo assim, o Caranã é encontrado em algumas áreas. No médio Içana II, de Tapira-Ponta até a comunidade Mauá Cachoeira, começa de novo uma vegetação predominada por Caatinga, e algumas partes são constituídas de Terra-firme. Nas regiões onde predomina a Caatinga, os Caranazais ficam mais acessíveis, ao contrário do que acontece nas Terras-firmes. Por isso, as pessoas que moram na região de Terra-firme sempre enfrentam dificuldades para construir suas casas. Necessitam sair até a região de caatinga para poder tirar Caranã.

Na região do alto Içana, começando de Siucy-Cachoeira até Matapi-Cachoeira, a paisagem encontrada é a Terra-firme. Então, fica difícil encontrar os Caranazais. Existem, porém estão longe da comunidade. Acima de Coraci até Camanaus a vegetação que predomina é a Caatinga. Por isso, nessa região, os Caranazais são mais fáceis de serem encontradas.

Quanto ao rio Ayari, que é afluente do Içana, a parte baixa do rio é dominada pelo Igapó (região alagada). Nesta região também, os caranãs são encontrados facilmente. Somente no alto Ayari, de Araripirã a Jurupari, é que a predominância da paisagem é de Terra-firme. Nesta área fica mais difícil achar esse recurso, que existe somente longe das comunidades.

Como o Caranã é de suma importância para a vida dos povos Baniwa, as pessoas que vão construir suas casas têm que sair para os locais onde os Caranãs são encontrados com facilidade.



Distribuição de caranã na Microrregião da comunidade Taiacu-Cachoeira, médio Içana

Na microrregião da comunidade de Taiacu, a abundância dos caranazais (Ttiñlima) é pouca. Eles são encontrados apenas em quatro áreas, onde a mata que predomina é a vegetação de caatinga.

Antigamente, nestes caranazais havia bastante caranã, e era fácil de tirar para construir as casas. Ao passar do tempo os caranãs foram acabando cada vez mais. Atualmente, ainda é encontrado caranã neste local, mas não como antigamente.

Podemos encontrar os caranazais nesta micro-região nas seguintes localidades:

Comunidade Taiacu-cachoeira o caranazal é localizado atrás da comunidade. A distância para chegar a este caranazal é de uma hora e meia. Devido à distância, ele não é muito utilizado. Assim, o recurso se torna suficientemente disponível e tem grande densidade nesta zona.

Maokliami é o caranazal que está localizado ao lado da comunidade, no outro lado do rio. A distância para chegar a este caranazal é de duas horas de caminhada. Por causa dessa distância, a população da comunidade também não costuma ir buscar caranã neste caranazal.

Waadza inomanaa este caranazal é situado acima da comunidade. A distância desse caranazal, medindo da beira do rio até chegar a ele, é de 20 minutos. É neste caranazal que a população da comunidade costuma pegar os caranãs para a construção de suas casas.

Daananami este caranazal é localizado mais acima da comunidade de Taiacu. A distância da beira do rio até ao caranazal é de dez minutos de caminhada. Este local também é muito utilizado pela comunidade. Mesmo assim, pela minha observação, ainda existe bastante caranã para construir casas.



Importância do recurso ou ambiente

As comunidades utilizam as folhas de caranã principalmente na construção das casas, na cobertura, e também na cobertura de bongos. Por isso, este recurso “caranã” é muito importante para cada pessoa da região do Içana. Se não tivesse esse recurso, a população dessa região não teria como construir as suas moradias. O caranã tem muita importância na tradição dos povos Baniwa e Coripaco.



JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzooronai	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitísina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai

Fevereiro
Começou com flor e depois de uma semana as flor caindo.

maio
as futo estão verde

Julho
as futo vermelho as futo vermelho estão ta bom para comer.

Outubro
futo caido

Dezembro
futo crescer

nome do Animais que come as futos
1 phitsi
1 Pottio

2: As bicho que chopo as flor
1. Timoda
2 Keerale



Calendário

A disponibilidade desse recurso depende do uso e das práticas de manejo das pessoas nas suas comunidades, ou seja, para este recurso não existe época certa, está sempre disponível. Em toda a época do ano ele está sempre disponível.

Quantidade do recurso que é utilizada

Necessidade de uma família para cobrir suas casas:
Se uma pessoa construir uma casa de 10m x 5m, ele tem que tirar 70 feixes de caraná para cobri-la.
Um feixe é formado por cerca de 70 folhas de caraná.
Assim, serão usados 70 feixes x 70 folhas de caraná = 4.900 folhas no total. Isso será a necessidade para construir uma casa.
Normalmente uma família possui 3 casas: uma casa de 70 feixes de caraná, outra de 60 e mais outra de 30 feixes.
No total 70 + 60 + 30 = 160 feixes
A quantidade média de feixes de caraná para cada casa será então 160/3 = 53 feixes/casa.
Necessidade caraná para cobrir todas as casas da bacia do Içana:
Levando-se em conta:
Número de comunidades na bacia do Içana = 66 comunidades.
Número de casas por comunidade = 43 casas/comunidade (estimativa do autor).
Número de casas em toda bacia do Içana = 66 x 43 = 2.838 casas.

Se existem 2.838 casas que usam em média 53 feixes de caraná por casa, então 2.838 x 53 = 150.414 feixes de caraná são necessários para todas as casas da bacia do Içana.

Calculando o número de folhas que são usadas:

01 feixe _____ 70 folhas
150.414 feixes _____ X folhas
1X = 70 x 150.414

X = 10.528.980 folhas de caraná são usadas para todas as casas da bacia do Içana.

Situação atual da disponibilidade e acesso das pessoas e comunidades

Antigamente a disponibilidade dos caranãs para as pessoas era muito elevada. E com o passar do tempo esse recurso foi diminuindo. Isso acontece por causa do mau uso do recurso e também por causa do aumento da população das comunidades da região. Por isso, atualmente, a disponibilidade desse recurso não é mais suficiente para utilização das comunidades.

As práticas consideradas ruins para a manutenção do recurso

As principais práticas ruins que algumas pessoas adotam no manejo desse recurso são:

- Derrubar as plantas de caraná.
- Cortar todas as folhas da palmeira.

Esse tipo de manejo é o que mais degrada o caranazal e são considerados ruins para a manutenção do recurso. E para ter uma boa relação com o ambiente devemos fazer um bom manejo, principalmente nos recursos que são importantes para as pessoas. Não podemos continuar praticando o manejo que é ruim para a manutenção do recurso.

As boas práticas que os nossos antepassados praticavam quando tiravam este recurso, que são importantes para o bom uso e manejo, são:

- Não cortar todas as folhas de caraná.
- Não derrubar a planta para coletar as folhas.
- Sempre deixar uma ou duas folhas em cada pé, depois da colheita.
- Defumar as casas novas para evitar que a palha colhida e usada para cobri-la apodreça rápido.

Por isso, quando os antepassados tiravam os caranãs sempre deixavam uma ou duas folhas em cada palmeira. Isso era para recuperar mais rápido as folhas cortadas, e também para que a palmeira não morresse. Esse é o conhecimento dos Baniwa. Se uma pessoa cortar todas as folhas de um pé de caraná, sem deixar o broto novo, certamente esse caraná irá morrer.

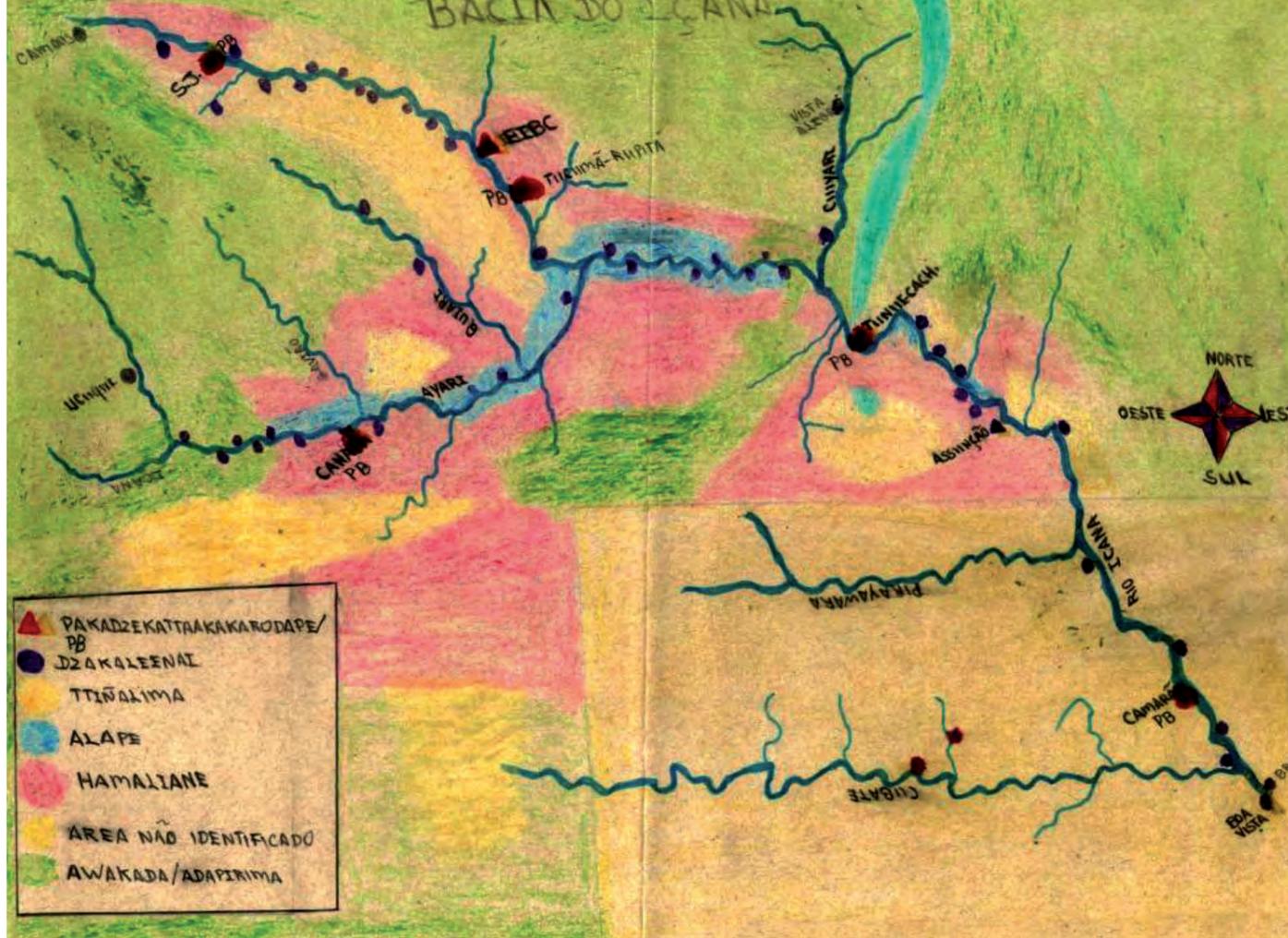
Hoje em dia algumas pessoas estão adotando essa prática ruim na nossa comunidade. Mas eu não sei como anda nas outras comunidades.

As boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades, que são importantes para o bom uso e manejo do recurso

Para manter uma boa relação com as pessoas e com as outras comunidade, na hora de colher as folhas de caraná, devemos cumprir as seguintes regras:

- Pedir licença para o capitão da comunidade antes de coletar caraná.
- Não entrar sem licença do capitão ou das lideranças na microrregião de uma comunidade para colher caraná.

Assim viviam os nossos antepassados, que tinham boas relações com outras sociedades, e cada clã controlava o seu território.



TEMA: **cipó titica**
AUTOR: Plínio Guilherme Marcos
ETNIA | SIB: Baniwa | Kadaopoliro
COMUNIDADE: Tunuí-Cachoeira | Médio Içana



Estimativa de quantidade utilizada pela comunidade na construção de casas e para venda (comércio)

Proporção das comunidades que possuem cipó Titica

No Içana existem sessenta e seis comunidades que equivale a 100%, mas dentre elas apenas 25 comunidades têm acesso ao cipó. Quantos % das comunidades tem cipó então?

$$66 \frac{\quad}{\quad} 100\%$$

$$25 \frac{\quad}{\quad} X = 25.100$$

$$66 X = 2.500$$

$$X = \frac{2.500}{66} X = 38\%$$

Somente 38% das comunidades do Içana possuem cipó titica. Isso significa que a maioria das comunidades não têm cipó titica.

Distribuição na bacia do Içana

O cipó Titica se distribui pelas paisagens de Terra-firme do rio Içana e seus afluentes. É nesse ambiente que é possível encontrar o cipó Titica.

Esse cipó é dificilmente encontrado pelos moradores das comunidades que ficam na proximidade da foz do Içana. Encontram somente quando vão a uma distância longa da área da comunidade, ou seja, nas cabeceiras dos igarapés.

No médio Içana, começando da comunidade Nazaré até a comunidade de Santa Rosa, e incluindo todo o rio Cuiary, o cipó Titica é encontrado com facilidade, pois é uma região de Terra-firme.

Na região onde o ambiente é em maior parte Igarapé é mais difícil o acesso a esse tipo de recurso. Esse é o caso das comunidades que estão na região dos lagos, no médio Içana. Próximo dessa região, apenas as comunidades de Bela Vista e Tucumã têm algum acesso a cipó Titica, nas áreas dos igarapés Pamáali e Dzokoali. Mais adiante, da comunidade de Jandú Cachoeira até Matapí Cachoeira, existe maior facilidade de acesso ao cipó Titica.

A maioria das comunidades da área do alto Içana não possui esse tipo de recurso. Somente a partir da comunidade de Wainambi e mais quatro comunidades na área do Brasil. Tem ainda em outras comunidades que já estão na área da Colômbia. Esta é uma região de Terra-firme e possui bastante cipó. O principal igarapé de coleta deste recurso é o igarapé Koliriali.

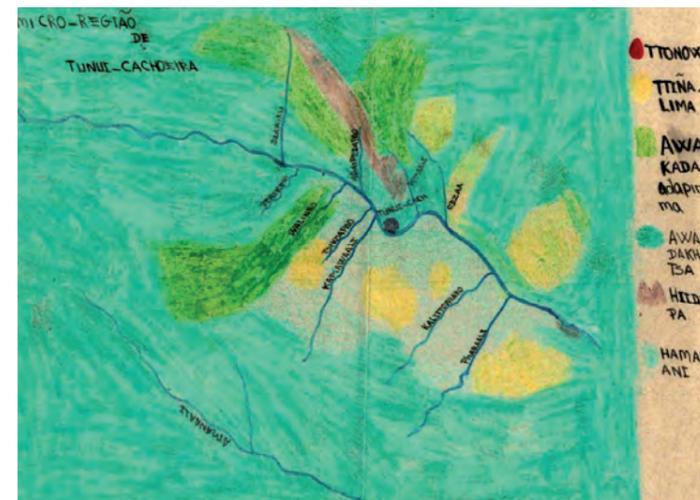
Distribuição na microrregião

O cipó, na microrregião da minha comunidade, não é mais tão fácil de encontrar como era antigamente. Nos dias de hoje gastamos algumas horas para poder chegar ao local onde é encontrado o cipó Titica.

Quero lembrar que o cipó se desenvolve bem na Terra-firme e na mata virgem. Também se desenvolve bem no topo da serra, onde chegamos a demorar duas horas de caminhada para atingir o local. E também há mais cipó no igarapé de Seringa-rupitá, remando mais de duas horas.

Toda área onde tem serra, tem cipó Titica. Só que a distância e a dificuldade para chegar até essas áreas são grandes.

Veja o mapa.



Importância para as comunidades

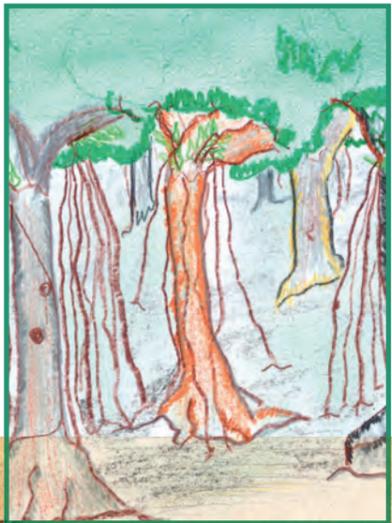
O cipó titica é bastante utilizado pelos Baniwa na construção de casas, na confecção de armadilhas para captura dos peixes e na confecção de utensílios como: vassoura e cestaria (aturá)

Calendário ecológico

Apesar de não existir uma época de disponibilidade do cipó, os coletores têm a época certa de sair para extrair. Por exemplo, se um coletor de cipó entrar no mato no mês de dezembro, numa área onde tem muito cipó, ele vai tirar certa quantidade. Depois volta para sua comunidade e vai vender na cidade para ganhar dinheiro. Na próxima extração ele não vai retornar na mesma área que coletou. Somente depois de três ou quatro anos que esta área vai ter cipó novamente disponível.

7 cipó titica adaapi

AAWAKADALIKO | FLORESTA



JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzooronai	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitísina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai

Quanto kg de cipó são utilizados para construir todas as casas do rio Içana?

01 casa _____ 15 kg de cipó Titica

1.650 casas _____ X kg

1 X = 1.650 x 15

X = 25.000/1

X = 25.000kg (25ton) de cipó Titica para construir todas as casas da bacia do Içana.

Mas vale lembrar que uma casa construída dura no mínimo 05 anos. Assim, o cipó será trocado de 05 em 05 anos, ou seja, a cada cinco anos as comunidades do Içana demandam 25 ton. de cipó Titica da floresta.

E isso se toda a região do Içana tivesse o cipó Titica.

Mas existe uma grande proporção das comunidades que não tem acesso a esse recurso, e necessitam negociar cipó com outras comunidades.

Biomassa de cipó Titica na bacia do Içana

O valor que estimei foi de 65 kg de cipó/ha, sendo que também estimei o valor total de 543 ha de área onde tem cipó. Este cálculo foi feito a partir do mapa do Instituto Socioambiental-ISA. Para isso medi a área do Igarapé Uaranã e utilizei regra de três para identificar o valor da área dos cipozais indicados no mapa, onde são indicadas as seguintes áreas com ocorrência de cipó Titica:

Região do Médio Içana abaixo de Tunuí – 50 ha.

Região de Tunuí e Foz do Cuiary – 25 ha.

Região do Igarapé Seringa Rupitá – 8 ha.

Região da Cabeceira do Ayari – 45 ha.

Região da Cabeceira dos Igarapés Waraná-Gavião-Kiari – 60 ha.

Região do Alto Içana – 5 ha.

Região do Alto Cuiary – 350 ha.

Assim, fiz o cálculo de 65 kg/ha x 543 ha para saber a biomassa total de cipó existente nesta área. O resultado é 35.295 kg de cipó, ou seja, 35,3 toneladas. Essa seria a oferta natural de cipó que está disponível para utilização.

Dados reais sobre biomassa de cipó Titica na Amazônia

O livro Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica (Shanley e Medina, 2005) apresenta grandes diferenças na densidade/ha de árvores hospedeiras de cipó Titica em diferentes áreas no Brasil. Segundo esse livro, no estado do Pará foram encontradas de 143 a 453 árvores com cipó Titica por hectare na Reserva Tembê, e em Porto de Moz, a média foi de 85 árvores com cipó-titica por hectare, com uma média de 457 raízes maduras por hectare. Em outras áreas, como no Parque Nacional do Jaú, no baixo rio Negro, foram encontradas densidades bem menores, de 01 a 05 árvores com cipó por hectare. A produção de cipó-titica pode variar bastante. Varia tanto o número de raízes por árvore como o número de árvores com cipós por hectare. Um estudo no Pará descobriu uma média de 03 raízes por árvore. Uma raiz pesa cerca de 175 gramas. Em média, meio quilo de cipó-titica é coletado de cada árvore, o que representa uma média de 36 a 88 quilos de cipó por hectare.

Comércio de cipó Titica na bacia do Içana

Quantidade de cipó vendido por família (venda direta)

Registrei que a quantidade de cipó extraída por uma família foi de 259 kg, e outra de 450 kg. Este é o valor que muitos entrevistados apontaram como mínimo ou máximo.

Sendo assim, em média essas famílias extraem:

259 kg + 450 kg = 700 kg/2 = média de 350 kg de cipó extraído/família.

Também estimei que 75 famílias trabalham cipó na região. Não é um cálculo preciso, foi uma estimativa que fiz aleatoriamente, de famílias que trabalham cipó no Içana.

De acordo com minhas entrevistas todos que trabalham cipó fazem duas viagens para São Gabriel da Cachoeira por ano.

Com base na estimativa e com a informação de vezes de venda, proponho o seguinte cálculo:

Qual é quantidade de cipó Titica que é vendida por ano?

75 famílias x 2 viagens/ano = 150 viagens de cipó Içana abaixo.

150 viagens x 350 kg de cipó em cada viagem = 52.500 kg cipó/ano, ou aproximadamente 53 toneladas de cipó/ano que são levados do Içana para São Gabriel da Cachoeira.

Venda por aviamento

Esse tipo de venda acontece quando uma família faz a sua extração de cipó e troca por mercadoria com um comerciante aqui da região, e esse comerciante é quem leva o produto para a cidade. Chegando à cidade este comerciante vende para outro comerciante da cidade com outro preço. Isso que chamamos de venda com aviamento.

Fiz o levantamento com 10 comerciantes da área do Içana.

Quadro de comerciantes no Içana

nº	Comerciante	Viagem	Qtd/tn	Total por comerciante
01	Baxinho	2	6	12
02	Obede	3	1	3
03	Janilson	3	1	3
04	Hernandes	3	2	6
05	Genésio	2	0,8	1,6
06	Júlio	2	6	12
07	Ardonico	2	1	2
08	Antônio	2	4	8
09	Rufino	2	0,5	1
10	Mateus	2	1	2
Total		23	23,3	50,6

A média de cipó titica comprado e vendido pelos comerciantes da região é 50,6 toneladas por ano.

A quantidade média de cipó transportado por cada comerciante por ano é de 5,06 toneladas, e cada comerciante transporta em média 2,3 toneladas por viagem.

Resumo de venda anual de cipó Titica na bacia do Içana

Venda direta = 53 Toneladas/ano

Venda c/aviamento = 50,6 Toneladas/ano

Situação atual da disponibilidade desse recurso

Acho que é necessário relembrar do tempo passado, quando esse tipo de recurso era utilizado apenas para a construção de casas, fabricação de armadilhas e de utensílios domésticos. Para esse uso o recurso era suficiente.

Mas com o aparecimento dos comerciantes e do crescimento da população na região, o cipó passou a ser utilizado como produto de venda. Porque a mercadoria (sabão, sal, roupa, pilhas, etc.) dos comerciantes da região é negociada em troca de cipó. Por isso, quando a população precisa de mercadorias, é necessário coletar o cipó, que hoje é como se fosse dinheiro no rio Içana. A compra dos produtos dos comerciantes é feita com base no acordo de coletar futuramente o cipó. Assim, os coletores estão sempre em busca de cipó para pagar os produtos que já compraram ou para comprar os produtos que existem nos comércios da região.

Se o cipó fosse usado apenas como era, tradicionalmente, os Baniwa teriam o suficiente. Porém, nos dias de hoje isso mudou.

A situação atual é que mais de 25 comunidades utilizam o cipó titica como



fonte de renda, sem manejo nenhum. Mesmo assim, o cipó titica ainda existe na região do Içana, mas a disponibilidade não é como antigamente.

Como disse anteriormente, com o crescimento da população e a mudança de uso do cipó, a disponibilidade desse recurso na natureza para o ser humano está diminuindo cada vez mais. Isso é uma visão que provoca reflexão para as futuras gerações.

Indicação de práticas de manejo consideradas ruins

De modo geral o bom manejo ainda é a prática do povo Baniwa na coleta de cipó. Mas é necessário termos cuidado para não cometermos o manejo ruim. Com a pressa de conseguir o dinheiro podemos ficar sem cipó na região do Içana.

As práticas de manejo que são consideradas ruins são as seguintes:

- Tirar todas as raízes de cipó da planta.
- Tirar raízes que ainda não estão maduras (verdes), e que não é possível aproveitar.

De acordo com uma pesquisa realizada no baixo Rio Negro, no Parque do Jau, foi registrada uma mortalidade de 100% das plantas de cipó Titica, após dois meses de exploradas, e cujas raízes foram todas retiradas. Das plantas exploradas cujas raízes não foram todas retiradas houve uma mortalidade de 29,5% após um ano. A chance de sobrevivência das plantas exploradas aumentou bastante quando até 60% de suas raízes são deixadas intactas, na planta, no ato da coleta (Durigan e Castilho, 2004).

Indicação de práticas de manejo consideradas boas

A maioria das pessoas sabe que um recurso natural não é uma coisa qualquer. Tudo foi deixado pelo homem universo para o Walimani.

Por isso, nós temos que cuidar o máximo possível dos nossos recursos. E as futuras gerações também vão precisar preservar esse tipo de recurso para sobreviver.

Portanto, indiquei algumas práticas de manejo consideradas boas:

- Não cortar tudo. Deixar pelo menos 1 a 3 raízes de cipó sem colher em cada planta.
- Tirar apenas as raízes maduras de cipó.
- Não derrubar a árvore de suporte do cipó.
- Depois de coletar o cipó em uma área, deixar essa área se recuperar por ao menos 3 ou 4 anos antes de retornar para coletar novamente.

Quais são as boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades que são importantes para o bom uso e manejo dos recursos e ambientes.

As comunidades de região onde tem cipó titica não impõem nenhum impedimento de entrada de pessoas das comunidades vizinhas para coletar cipó. Essas pessoas não precisam consultar ninguém da comunidade onde querem coletar o cipó.

Agora, as pessoas que vêm de longe, ou seja, da cidade, e que nem são falantes da língua baniwa, precisam consultar primeiramente a liderança da comunidade, juntamente com o fiscal do posto da FUNAI. Essas pessoas de fora também devem apresentar algum documento de autorização dos órgãos que representam o povo indígena (FOIRN e FUNAI). Isso é importante para não haver conflito entre essas pessoas e a comunidade.

Handwritten calculations and a map of the Içana basin.

Calculations:
 $625 = x$
 $1 \cdot x = 625 \times 15$
 $1x = 9.375$
 $x = 9.375$
 $x \approx 9,375 \text{ ton/ano}$

Map labels:
 65 kg/ha x 543 ha = Biomassa (35,3)tn
 45 ha, 60 ha, 50 ha, 25 ha, 350 ha, 50 ha, 50 ha, 50 ha

Legend:
 ICANA/AFLUENTES
 SERRA
 CARANAZAL
 TERRA FIRME / CIPÓZAL
 WAAMALIANE



TEMA: lagos
AUTOR: Herivaldo Macedo Paiva
ETNIA | SIB: Baniwa | Liedawiene
COMUNIDADE: Juivitera | Médio Içana

Origem dos lagos

Napirikoli, Dzooli e Eeri eram três pessoas poderosas. Cada um fazia uma coisa diferente dos outros. O Napirikoli era idealizador, pensava em criar novas coisas no mundo para deixá-las para as novas gerações, que somos nós. Já a personalidade do Dzooli era de um executor, ou seja, era quem fazia as idéias de seus irmãos acontecerem na prática.

Um dia combinaram de se reunir na sua aldeia para meditar o que realmente faltava. Sentados, juntos, faziam seu cigarro e fumavam. Nesse momento começaram a imaginar como seria o mundo e o que ainda precisava ser feito. O cigarro ia passando por cada um até chegar de volta com Napirikoli, pois foi ele quem fez, acendeu, fumou e soprou a fumaça no meio deles.

Como a fumaça de cigarro não se espalhava na linha reta, os desvios e curvas dela foram se espalhando. Dessa fumaça do cigarro de Napirikoli originaram-se os rios e lagos, igarapés e afluentes. Por isso eles são cheios de curvas.

Na mesma época surgiu o que a gente chama de pais dos lagos e dos rios. Todos os lagos e rios possuem dono, que também é chamado de pai dos peixes. Ele recebe o nome de Naanalena, o que quer dizer casa ou pai dos peixes. Naanalena, casa dos peixes, surgiu ao mesmo tempo do Naanale.

Algumas pessoas dizem que ele é gente Sucuriju, e é quem faz os peixes nascerem. Por isso, os antepassados, antes de tinguijar um lago, faziam um benzimento para suspender Naanalena do lago ou do rio. Depende do local da onde vai ser tinguijado. Eles faziam isso no seu pensamento. Com o poder de benzimentos tiravam o Naanalena para fora do local durante a pescaria. Terminando isso, faziam outro benzimento para trazer Naanalena de volta ao seu lugar. Assim os tinguijadores não corriam risco de nada, mas, também matavam bastantes peixes.

Dessa maneira, os velhos antepassados não prejudicavam e nem poluíam os lagos. Por isso, naquela época, não havia escassez dos peixes como acontece atualmente. Oodawi, samambaias que existem na beira dos rios e lagos são os pais deles. Foi assim que as três pessoas poderosas fizeram surgir os lagos e os rios.

Distribuição dos lagos na bacia do Içana

Os lagos não estão distribuídos igualmente ao longo do rio Içana e seus afluentes, pois existem diferentes tipos de paisagens e ambientes. Por exemplo, a região de Terra-firme possui paisagem e ambiente diferentes do que existe na região designada de "Dzawinai".

É difícil encontrar lago na Terra-firme. Eles somente são encontrados nas regiões onde tem igapó. No rio Ayari, por exemplo, a maior parte é Terra-firme, e somente na desembocadura do rio existem lagos, nas proximidades da comunidade de Urumutum-lago.

O rio Cuiari, por sua vez, é aparentemente dominado pela floresta de Terra-firme e, portanto, naquela região do rio é difícil encontrar lago.

No caso do rio Içana, começando da foz, Boa Vista, até Tapira Ponta é tudo Terra-firme. De Santa Marta até Bela Vista estão as regiões alagadas, e é nesse trecho que os lagos são mais frequentes. A região do alto Içana, por não termos informações, permanece sendo como área não identificada.

Distribuição dos lagos na microrregião da comunidade

A comunidade de Juivitera (Paitsipe) está localizada na área mais rica em lagos, numa parte do trecho designado de "Dzawinai". Essa micro-área possui dez lagos que são locais de pescaria dos moradores desta comunidade.

Os lagos existentes nesta micro-área são os seguintes:

- Ttoodzo
- Dzawipakaale
- Wadzoliana
- Hiwaroanaa
- Doopoanha
- Kowhepanadawa
- Domaliaro
- Enoanaa
- Haikokallitani
- Wiyaa

Dzawipakaale é um lago que, antigamente, era o local onde os antigos Dzawinai haviam jogado o corpo da onça depois de tirarem sua pele. Por isso não é recomendado comer os peixes que se encontram neste lago. Caso isso ocorra, corre-se o risco de extinção da tribo.

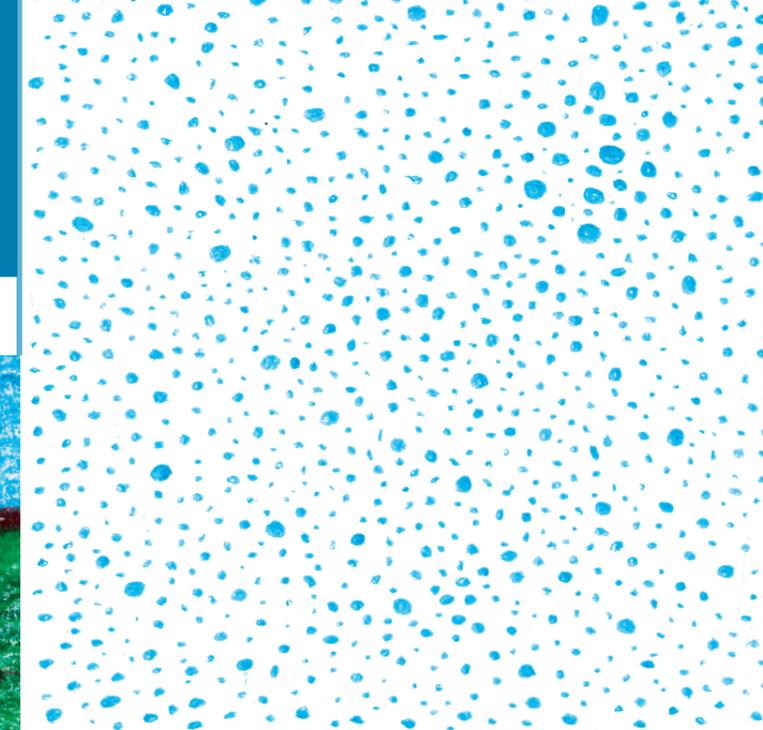
Enoanaa é um lago muito perigoso. Ninguém pode fazer pescaria neste local. Se pescar neste lago corre-se o risco de acontecer algumas coisas, e também se corre o risco de pegar temporal forte, capaz de fazer mal para a saúde.

Neste mapa estão localizadas os lagos acima citados.

A importância dos lagos para as comunidades

Os lagos existentes na região do rio Içana são lugares muito importantes para as pescarias na época de verão. Por isso são importantes e necessários para preservar. Neles habitam mais cardumes de peixes, o que sempre facilita para os pescadores a captura dos peixes para seu consumo do dia-a-dia.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzoroonai	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitísina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai



Assembléia Anual da Organização Indígena da Bacia do Içana (Oibi)

(Tradução de Raimundo Benjamim e Juvêncio Cardoso (EIBC-Pamáali)

Tucumã, 17 de julho de 2008.

A vocês parentes de todas as comunidades: Baniwa, Coripaco e Nhengatú

Nós, 118 pessoas de toda bacia do Içana e afluentes reunidos nesta segunda assembléia da OIBI sobre o Projeto Kophe Koyanaale, para discutir como podemos melhorar a situação de pesca na região do Içana e afluentes.

A OIBI iniciou a execução das atividades do projeto nas 17 comunidades de sua abrangência política em março de 2006. E hoje novamente no mês março de 2008, o projeto chega na fase de apresentar os resultados das pesquisas de acompanhamento das pescarias e indicar como estamos pescando na região do Içana. Para que através desses resultados pensemos como melhorar as nossas formas de pesca na nossa região e no nosso rio. Para pensarmos o futuro desses recursos para os nossos filhos e netos.

Por isso, nesses dois dias de assembléia discutimos e trabalhamos sobre os resultados das pesquisas que mostram os dados das pescarias acompanhadas nestes dois anos nas 17 comunidades. E os resultados nos mostram as formas de pesca boas e também as não-boas, que ajudam acabar com os peixes. Através destes, discutimos como "melhorar as nossas formas de pesca na nossa região, afluentes e comunidades". Discutimos e decidimos sobre o tamanho mínimo de captura de cada uma das espécies de peixes existentes na nossa região. Discutimos também sobre as boas e más formas de pesca. E colocamos a seguir as definições sobre os temas:

LAGOS DE PRESERVAÇÃO: QUAIS?

:: Koetani e Hiwaroana: São estes lagos que escolhemos como locais para preservação e onde os peixes vão se reproduzir. Esses lagos vão distribuir peixes para outros lagos e como também para toda região do Içana. Através desses lagos preservados será possível ver se os peixes vão voltar aparecer e isso vai nos indicar que não estão desaparecendo ou se somos nós mesmos que estamos acabando com os peixes das nossas pescarias.

Obs: -As comunidades da Região do Ayari ainda vão se reunir para decidir quais lagos da região deles vão ser escolhidos para serem locais de preservação. - Os Coripaco também ainda vão escolher qual será o lago para preservação na região deles.

DEFINIÇÃO DE ÁREA DE USO DAS COMUNIDADES:

Nas nossas comunidades já temos os nossos limites, a área onde ou até onde podemos pescar. Mas, não estamos querendo dizer que não podemos pescar na área de pescaria das outras comunidades. Se quisermos pescar na área de outra comunidade devemos avisar os responsáveis ou as pessoas da comunidade para onde vamos pescar, como tratamos aqui na assembléia.

FISCALIZAÇÃO DA ÁREA PRESERVADA.

Os responsáveis pela fiscalização dos lagos preservados serão as comunidades próximas dos lagos. Comunidade Juivitera para as pessoas do alto e comunidade de Tapira Ponta para as pessoas do baixo. Se as pessoas não respeitarem os responsáveis, os mesmos pedirão reforço da Funai (Posto de Tunui) e, em casos mais graves, para o IBAMA.

Na entrada dos lagos preservados serão colocadas placas indicando que as pessoas não poderão entrar para pescar nesses lagos.

Calendário ecológico-astronômico

No período de cheia, que ocorre entre março e julho, os lagos são menos acessíveis. Nesta época a paisagem alaga e o lago fica fundo. Os peixes ficam espalhados pelo igapó.

Mas quando começa a vazante, entre agosto e fevereiro, o nível do rio vai baixando e começa o período do uso desses recursos disponíveis, pois os peixes vão recuando e se concentram nos lagos. Por isso, os lagos são acessíveis somente na época de verão.

Frequência de uso desses ambientes

A pescaria nos lagos sempre varia, conforme o horário disponível para cada pescador. Na época de verão o número de pescadores em um mesmo lago varia entre quatro a seis por dia. Nesta época as pessoas de várias localidades se deslocam para a região dos lagos para acamparem nas praias por uma ou duas semanas.

Muitas vezes, nesse período, os pescadores acabam adotando práticas de pesca não recomendáveis que causam a fuga dos peixes para outros lugares. Assim, fica cada vez mais difícil conseguir peixes suficientes para o consumo.

Os lagos que mais sofrem de pressão de pesca são: Toodzo, Hiwaroana, Haikokallitani, Wiyaa.

E os lagos que menos sofrem da pressão de pesca são: Wadzoliaro, kowhepanadawa, domaliaro, dopoanhaa, enoanaa.

Um motivo de aumento da pressão de uso dos lagos são as conferências religiosas, santas ceias, assembléias e festas de santo. Também há pressão de pesca para vender ou comer quando fazem uma viagem longa, para São Gabriel da Cachoeira. Justamente quando esses eventos acontecem, aumenta o número de peixes mortos nos lagos, igarapés e no rio.

Situação atual dos lagos

Atualmente os lagos permanecem sem nenhuma modificação da vegetação natural de suas margens, mas os peixes estão escasseando a cada época, e a disponibilidade desse recurso diminuindo.

O motivo é a alta pressão de uso.

As práticas de manejo consideradas ruins para os lagos

Dentre as práticas de manejo consideradas ruins para os lagos, as mais destacadas são:

- Pressão constante de pesca na época do verão;
- Tingujamento dos lagos;
- Circulação de motores nos lagos;
- Depósito de lixo nos locais de acampamentos de pesca;
- Abandono de rede de malhas velhas nos locais de pesca, o que causa a morte de peixes depois que as malhas são abandonadas, sem seu aproveitamento.

As práticas de manejo consideradas boas para o manejo dos lagos

As mais destacadas são:

- Diminuir a pressão de uso dos lagos por um bom tempo, aproximadamente um ano sem nenhum rastro de uso, para que o ambiente se recupere dos impactos negativos que o mau uso provocou.
- Evitar o lixo nos locais de acampamento.
- Evitar o abandono de redes de malhas nos lagos.
- Evitar a circulação de motores nos lagos.
- Evitar o uso de timbó.
- Conscientização de pescadores de outros lugares para praticarem uma pesca saudável, sem excessos, nos lagos.
- Estabelecer acordos com as pessoas sobre o bom uso desses ambientes e alertar sobre as conseqüências que podem vir se não colaborarmos com esses acordos.

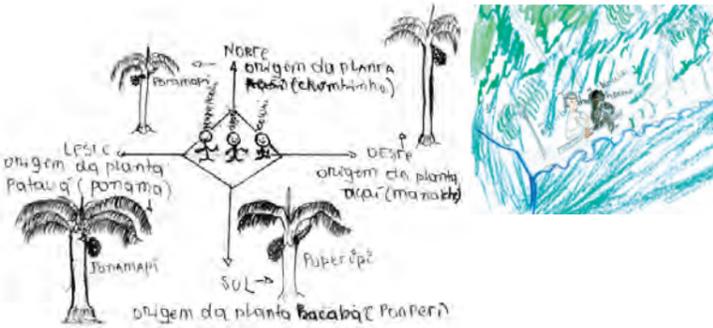
Indicação de boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades

Para que esses ambientes continuem nos oferecendo o alimento de cada dia, devemos conservar esses ambientes evitando os danos que podem causar conseqüências negativas, e que podem atingir aos Baniwa e Coripaco no rio Içana e seus afluentes de modo geral.

Prá isso, destaco as boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades, o que é o fundamental para a garantia de que esses ambientes irão permanecer estáveis e disponíveis para todos que deles precisam.

As mais destacadas são:

- Manutenção de um diálogo incentivador sobre as boas práticas de manejo acima citadas.
- Cuidar para que haja um bom relacionamento entre as pessoas e comunidades.
- Evitar o desentendimento entre as pessoas e comunidades quando tratar de questões deste tema.



Origem de patauá

Ñapirikoli fez patauá junto com o Kowai. No princípio do mundo, Ñapirikoli junto com o Kowai, sentaram para pensar, conversando:

- Vamos deixar um sinal para as futuras gerações verem um dia?
- Para começar fizeram um tabaco e seguiram fumando. Logo, o Ñapirikoli falou para o seu irmão:
- As palmeiras vão originar da fumaça do tabaco.

Lentamente se levantou olhando para a direção onde o sol nasce, para o leste, ou kamoi imotoli nhezette, e soprou sua fumaça. E saiu a planta Ponama (Patauá). E virou de costa para onde é o poente, para o oeste, ou kamoi hiewali neerhe, fumou o seu cigarro, e saiu o Manakhe (Açaí). E o Ñapirikoli disse:

- Com esta fruta as novas gerações poderão fazer o vinho para o seu consumo. Ficará como o sangue de Kowai, bem vermelho.

Mais uma vez virou para o lado direito, eeno dzeekemalhe, ao sul, e fumou seu cigarro novamente. Saiu a planta Pooperi, (Bacaca). Lado esquerdo, eeno pattolimalhe, ao norte, e saiu Poramo (Açaí chumbinho).

Um tempo depois de terem sido feitas essas coisas, os dois sentaram e pensaram juntos onde seriam os lugares apropriados de cada uma dessas palmeiras.

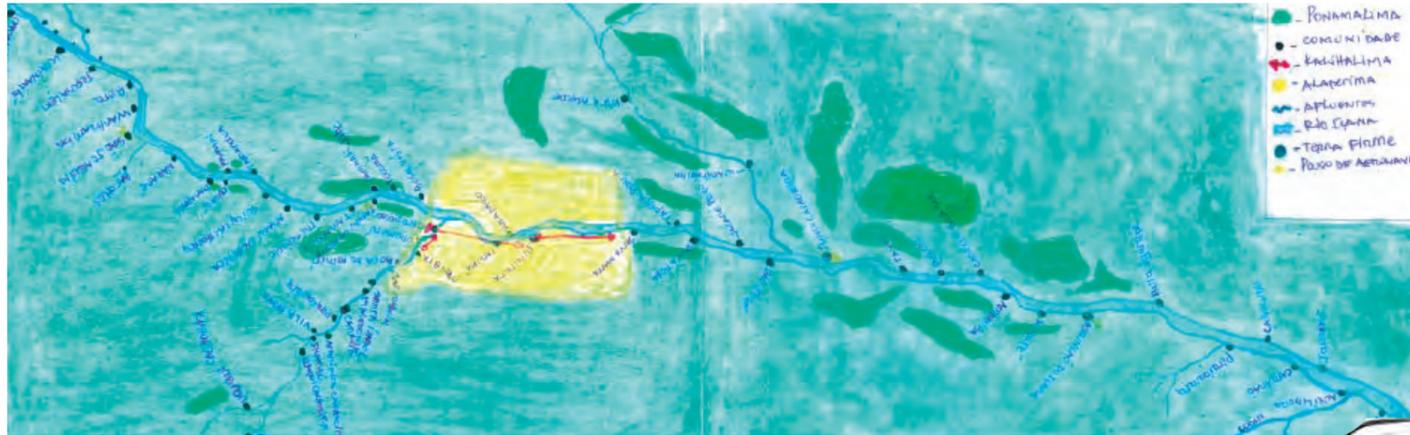
- Onde será o lugar apropriado para cada tipo de plantas?
- Perguntou Dzooli para seu irmão Ñapirikoli. E Ñapirikoli disse:
- Pegue um tabaco e vamos sentar na beira de um igarapé.
- Dzooli fez o cigarro e o acendeu. Fumou um pouco e passou para Ñapirikoli. Logo depois, Ñapirikoli se levantou e, soprando a fumaça de tabaco, disse:

- Aqui será o lugar onde as futuras gerações encontrarão esses tipos de frutas Patauá. Essa planta servirá como uma planta comestível, da qual será feito um vinho.

Na realidade a planta Patauá não era para ser tão alta, mas Ñapirikoli se levantou muito e, por isso, os pés de Patauá também cresceram e ficaram assim da altura do Ñapirikoli. É o que vemos atualmente na altura das palmeiras.

As outras três palmeiras foram também deixadas no mesmo lugar que Ñapirikoli e Dzooli estavam sentados, na beira do igarapé.

Ou seja, todas as plantas de palmeiras foram originadas pelo Ñapirikoli e Dzooli.



Distribuição desse recurso no rio Içana

O resultado da pesquisa mostra que esse recurso, desde o princípio, possui uma alta densidade no ambiente. E muitos são os locais onde são encontrados Pona-malimas (Patauazais).

Observando atualmente, quando viajo no rio descendo, é possível notar que o Patauá está distribuído desde a cabeceira até a foz do rio Içana.

Somente na região de lagos (Kalittalima), é que não existe Patauá, porque é uma região alagada. Essa zona sem Patauá começa em Tooporopana (casa da traíra) até a foz do rio Ayari. Na comunidade de Bela Vista iniciam novamente as áreas onde existem Patauazeiros. Vai até na comunidade de Matapi Cachoeira, segundo entrevistado, Sr. Alberto de Jandú Cachoeira. Depois interrompe, pois acima de Matapi, começa novamente outra região de Kalittalima.

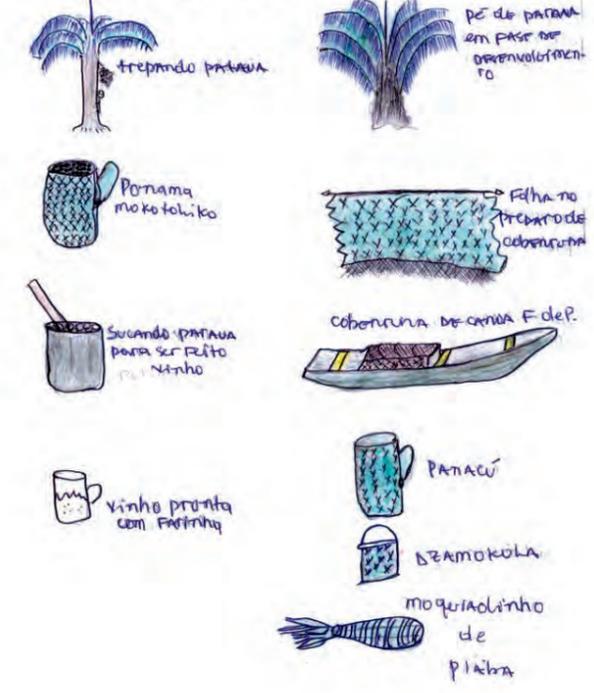
Veja o mapa de distribuição de Patauazal em toda a bacia do Içana e na região do médio Içana, de São José até Tamanduá (acima).



Distribuição do recurso/ambiente na microrregião da comunidade

No mapa acima são apresentados os locais de ocorrência da Patauazais na microrregião da comunidade de Castelo Branco, e também da microrregião que compreende as comunidades de Nazaré, Ambaúba, Castelo Branco, Belém e Tayacu-cachoeira. São apresentadas distâncias, em minutos, que se deve percorrer para acessar esses ambientes.

Como podemos acompanhar no desenho



Os usos do Patauá podem ser acompanhados através do desenho acima.

Importância do recurso/ambiente para a comunidade

As folhas são muito boas para cobertura de canoa e nos protegem do calor quando é o momento de viagem. As folhas também servem para fazer o panacú, embalagem para conservar a farinha, e como embalagem ideal para preparar o moqueadinho de piaba.



Com as frutas dessas plantas os velhos, antigamente, faziam Dabocuri nas comunidades.

Atualmente o vinho de Patauá é mais utilizado nas conferências evangélicas, ou em qualquer encontro que ocorra nos meses de frutificação. O vinho serve para tomar com farinha.





JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzooronai	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitísina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai



Calendário ecológico-astronômico

De acordo com meu entrevistado, que expressou sua experiência de observação durante sua vida, a época desse recurso se distribui entre o verão e inverno, conforme a descrição a seguir:

- Calendário de frutificação do patauá
- No mês de novembro é o início de surgimento de livata (espata). As espatas crescem facilmente protegendo as flores do Patauá, que crescem dentro delas.
- Em dezembro a planta continua ainda com a espata, onde as frutinhas vão sair. A espata de Patauá não cai precocemente. As flores estão crescendo dentro.
- Em janeiro inicia crescimento das frutinhas. Elas passam cinco meses crescendo, e no sétimo mês alguns começam amadurecer.
- Em fevereiro continua o crescimento das frutinhas.
- Em março já podemos ver as frutas grandes, mas ainda continuam crescendo.
- Em abril já aparecem uns cachos maduros. Começa o tempo da coleta de Patauá.
- Em maio os cachos já estão prontos para serem colhidos.
- Em junho é época de colheita de bastante cachos de Patauá. Tem bastante vinho. É a época que eles são mais consumidos nas comunidades.
- Em agosto o Patauá começa a ficar raro para ser encontrado. Este mês marca o fim do período de frutificação.

Esses são os meses de florescimento, frutificação, e de época de colheita para fazer o vinho super gostoso de Patauá.

Segundo informações dos velhos conhecedores, o tempo de florescimento e frutificação não é igual em todas as regiões, revela o conhecedor Alberto de Jandú Cachoeira. Por exemplo, no baixo Içana, o Patauá pode começar a florescer numa época, mas, para o alto Içana ou Ayari, pode ser que nada ainda esteja acontecendo. Por isso, a época dos frutos estarem maduros também se diferencia, porque não ocorre o florescimento, todos juntos, em toda a região.

Calendário astronômico e as mudanças climáticas

Antigamente era um pouco diferente, porque as constelações davam todas certas, cada uma na sua época. Atualmente está mudando cada vez mais, porque o clima está mudando. As plantas frutíferas têm mudado com isso. Alguns tempos em que sempre dava fruta agora não dão mais. Segundo Alberto, de Jandú Cachoeira, no ano de 2003 ele percebeu uma imensa mudança no Içana. Nesse ano que começou de não haver mais frutificação do Patauá como ocorria normalmente. Normalmente sempre tinha Patauá em cada ano. Mas no ano de 2003 Alberto não teve nada o que coletar, e passou um ano sem tomar nenhum vinho de Patauá.

Estimativa de quanto do recurso é utilizado pelas comunidades

Como bem sabemos, a planta Patauá tem tempo certo para frutificar, e demora uns quatro ou três meses em crescimento e desenvolvimento dos frutos. Também sabemos que isso pode ocorrer em tempos diferentes, de uma região para outra do Içana. Por isso, para fazer uma estimativa de consumo de vinho de Patauá, consideramos três meses de produção e consumo durante o ano: maio, junho, julho.

Tabela do Consumo de vinho de Patauá (Ponamaa), pelos Baniwa do Içana:

Quem Consome	Litros/semana	Litros/mês	Total de Consumo
Pessoa	2	8	24
Família (7 pessoas)	14	56	168
Comunidade (25 famílias)	350	1.400	4.200
66 comunidades da Bacia do Içana	23.100	92.400	277.200

Situação atual da disponibilidade do recurso para as pessoas

Atualmente o Patauá ainda se encontra em quantidades, sem risco de desaparecer. Mesmo tendo muitas pessoas desmatando, derrubando, cortando alguns pés desta palmeira, muitos novos filhotes nascem para substituí-las novamente.

A derrubada, o que existe desde o início, quando os velhos têm alguma festividade, seja uma festa evangélica ou católica, acontece devido ao seguinte fato: as pessoas já estão no mato preparadas para apanhar Patauá e chove. Isso faz com que as pessoas resolvam derrubar, porque não tem como trepar, para garantir que eles voltem com os frutos para a comunidade. Inclusive, atualmente, vem acontecendo que velhos idosos também derrubam pés de Patauá quando o velho não consegue mais subir para tirar os frutos. Ao contrário dos jovens, que raramente derrubam os pés de Patauá porque ainda conseguem trepar para tirar os frutos.

Segundo meu entrevistado, Alberto de Jandú Cachoeira, há evidência de que essa planta ainda é encontrada em toda a região do rio Içana. Apesar do manejo ruim, ainda existe muito Patauá na região.

Minha análise da situação atual é de que este recurso ainda continua existindo e não tem risco de desaparecer. Mesmo com o manejo ruim que os povos praticam com ele, vejo que não estão correndo risco de desaparecer. Porém é necessário que tenhamos menos derrubadores e mais crescimento/ano. Isso é manejar corretamente.

Indicação de práticas de manejo consideradas ruins para a manutenção do recurso

- Nas considerações dos entrevistados das comunidades, eles dizem que costumam ver os seguintes pontos ruins para o manejo de Patauá:
- A derrubada de Patauá ou Patauazais.
 - O corte de folhas jovens da palmeira, que ainda estão nas fases de desenvolvimento inicial.
 - A queimada de lugares onde as plantas de Patauá ainda estão em fase de crescimento e não produziram frutos.
 - A coleta de frutos que ainda não estão maduros, o que causa o seu desperdício.

Indicação de práticas de manejo consideradas boas

Há muitas pessoas, atualmente, que compreendem um pouco do manejo de Patauá. A ação dos antigos era derrubar, cortar as folhas, mas sem acabar com esse recurso, graças a nossa compreensão de que as plantas são seres vivos também, e que tem o seu ciclo de desenvolvimento: crescem, produzem e morrem.

Quando saímos para coletar Patauá, geralmente é observado se estão bons para colher, ou se ainda não estão. Se vemos que ainda não está bem maduro, passamos e vamos procurar outro cacho, sem precisar mexer nada com aquele que ainda não está pronto.

Às vezes, quando se abre uma roça onde existem os pés de Patauá, é bom não derrubar, para que continuem permanecendo vivos. E quando chegar época de frutos ficará mais fácil de coletá-los.

Isso é manejo considerado bom para os Baniwa e Coripaco.

paxiúba

poopa



Origem da paxiúba

Um dia, ainda no tempo do Nāpirikoli, havia cinco jovens que precisavam ser formados (nakapeetaka) antes de passarem para a fase de vida adulta. Naquele tempo não havia uma pessoa que conhecesse as regras para esse tipo de ensinamento. Por isso, Nāpirikoli resolveu chamar o Kowai para ensinar aos jovens.

Naquele tempo Kowai era um homem bastante perigoso que habitava no céu, onde nenhum ser vivo conseguia chegar. Somente quem chegava por lá eram alguns tipos de caba. Por esse motivo o Nāpirikoli resolveu mandar uma mensagem para Kowai, com muito cuidado, através da caba Kalimato.

Kalimato obedeceu ao Nāpirikoli, e levou a mensagem até o céu para o Kowai. Quando chegou ao Kowai, Kalimato transmitiu a mensagem do Nāpirikoli, e Kowai acolheu ao convite de descer do céu. Ele disse que desceria até a Terra para ensinar aos jovens do Nāpirikoli.

Antes da chegada do Kowai, o Nāpirikoli chamou os jovens que precisavam ser ensinados para aconselhá-los. Porque quando o Kowai aceitou o convite de Nāpirikoli ele havia pedido para que deixassem esses jovens em jejum por uma semana, antes da chegada dele. Assim, disse Kowai, alcançariam com facilidade o conhecimento que ele iria ensinar. Esse ensinamento durou um ano.

Naquele tempo o homem Kowai ensinava todo tipo de conhecimentos necessários para viver, como: arte, xamanismo (malikai) e outros. No final de seu ensinamento, Kowai levou os seus alunos para o mato para apanhar frutas da árvore Waku. Estas frutas seriam ofertadas durante o Dabucuri de formatura (Itakiri).

Durante a colheita de frutas de Waku, quem subiu no topo da árvore foi o Kowai. De cima, ele deixava as frutas caírem para os jovens coletar. Mas os jovens resolveram descumprir a regra do Kowai. Quando viram as frutas sentiram vontade de comer, porque eles estavam morrendo de fome. Eles então resolveram assar essas frutas no fogo. A fumaça levou o cheiro do Waku até o Kowai, no alto da árvore. No mesmo instante que sentiu esse cheiro o Kowai desapareceu da árvore e se transformou em uma grande pedra, do tipo de uma grande caverna.

Depois que ele se transformou em pedra, com seu poder ele chamou uma grande tempestade para assustar os jovens formandos, e para que esses fossem se esconder embaixo dessa pedra. Quando os jovens viram que a chuva era muito forte, resolveram se proteger embaixo da pedra, numa caverna que havia lá.

Na verdade aquela caverna que eles viram era a boca do Kowai. Por isso, quando eles entraram na caverna, o Kowai só fez fechar a sua boca, e comeu quatro meninos, exatamente aqueles que resolveram comer Waku assado. Apenas um deles escapou, um irmão menor, que não havia comido Waku com os outros. Mesmo assim o Kowai resolveu voltar para casa do Nāpirikoli. Quando chegou ele vomitou os meninos que ele havia comido (os itakirina). No vômito também saíram as frutas de Waku. Logo depois que ele os vomitou, os jovens ressuscitaram.

Depois desse fato, o Kowai voltou para o seu lugar, no céu, e os itakirina ficaram com o Nāpirikoli, sem poder comer nada. Porque quando Kowai esteve com Nāpirikoli ele falava que os jovens só poderiam comer depois que as comidas deles fossem benzidas. Mas o Nāpirikoli não sabia o benzimento que era necessário. Isso deixava o Nāpirikoli preocupado, pois os jovens já não agüentavam mais de tanta fome.

Com esse acontecimento o Nāpirikoli procurou novamente a vespá Kalimato para pedir que ele levasse novamente uma mensagem para o Kowai. Kalimato aceitou o



pedido do Nāpirikoli e, novamente, levou a mensagem para o Kowai, no céu.

Quando Kalimato chegou até o Kowai ele repassou a mensagem do Nāpirikoli. E o Kowai, por sua vez, mandou uma mensagem de volta, pedindo para que Nāpirikoli procurasse peixe e fizesse bastante caxiri antes da chegada dele. O Kalimato obedeceu ao Kowai e levou a mensagem para Nāpirikoli. Repassou-a conforme Kowai havia pedido.

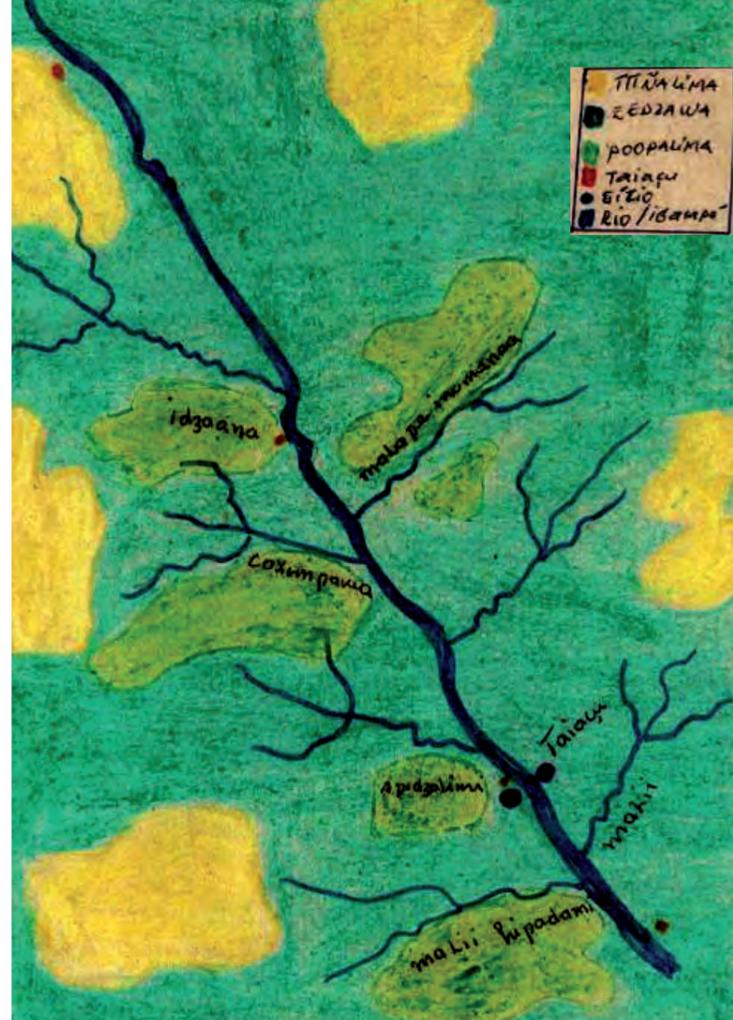
Ao anoitecer do dia seguinte, o Nāpirikoli ouviu o Kowai descendo do céu. Quando chegou à Terra o Nāpirikoli o recebeu e ofereceu-lhe a bebida caxiri e toda a comida que ele havia pedido. Depois da refeição o Kowai começou a fazer o serviço de benzer as comidas para os formandos. No mesmo tempo em que Kowai estava benzendo, nos pequenos espaços de intervalos, estava também bebendo o caxiri. Durante esse trabalho, o Nāpirikoli fazia uma fogueira para o Kowai dançar com os seus alunos assim que terminasse a atividade de benzimento.

Amanhecendo, o Kowai concluiu o benzimento e também já estava muito bêbado. Assim eles começaram a dançar ao redor da fogueira. A idéia do Nāpirikoli, nesse momento de dança, era matar o Kowai em vingança dos meninos que foram devorados. Quando chegou à metade de suas danças o Kowai já não agüentava mais de tanto bêbado. Foi então quando Nāpirikoli empurrou o Kowai sobre o fogo, conseguindo matá-lo.

No lugar onde o Nāpirikoli queimou o Kowai surgiram algumas plantas como a Paxiúba (Poopa), o Jebaru (Waapa), o Breu (Maini) e o Cipó, que são materiais utilizados para confeccionar o Kowai.

Esse instrumento, considerado "sagrado" pelos velhos antigos, era tocado nos rituais no momento que os adolescentes passavam para a fase adulta. Faziam com eles o que a gente chama de Itakiri. Para fazer isso haviam regras bastante rígidas, as quais ninguém podia descumprir. Levavam jovens para o mato, e preparavam o instrumento para imitar as ações do Kowai verdadeiro. Durante esse tempo os adolescentes não comiam, jejuavam por alguns dias. Passavam dias no mato onde eram repassados vários conhecimentos que são necessários para se sustentar durante sua vida inteira.

Em síntese, foi com a morte de Kowai, pela vingança das mortes de meninos em fase de iniciação, é que se originou a Paxiúba.



Distribuição da paxiúba na bacia do Içana

A distribuição da Paxiúba na bacia do Içana depende da existência de ambientes apropriados para ela. Este fator também determina a existência dela na microrregião da comunidade. Os ambientes favoráveis para a Paxiúba estão na Terra-firme e no Igapó, na região dos lagos.

Na região do baixo Içana antes de Assunção, a ocorrência de Terra-firme é pouca. Conseqüentemente, o paxiubal é encontrado somente em alguns poucos trechos. Na região do baixo Içana II, que abrange desde a comunidade de Assunção até a comunidade de Tunuí Cachoeira, o paxiubal é mais facilmente encontrado. Isso acontece porque neste trecho a maior parte da paisagem é dominada por mata de Terra-firme.

Já na região do médio Içana, a Paxiúba é encontrada apenas em alguns trechos, porque a maior parte é dominada pela vegetação de caatinga, e somente uma pequena parte é Terra-firme.

Na região do alto Içana o paxiubal pode ser encontrado na microrregião de algumas comunidades. A disponibilidade deste recurso é pouca, mas pode ser encontrado em alguns lugares muito distantes.

E para região do rio Cuiry o ambiente paxiubal pode ser facilmente encontrado em qualquer parte. Porque este rio é dominado pela Terra-firme. Também não existem muitas comunidades, ou seja, não existe muita demanda pelo recurso. Assim, a Paxiúba é fácil de ser encontrada no Cuiry.

Distribuição de paxiubal na microrregião da comunidade

Na microrregião da comunidade de Taiacu a Paxiúba está distribuída pelos seguintes ambientes, apresentados no mapa:

Malii-hipadami | Ambiente de capoeira. Nesta área ainda existe suficiente paxiúba.

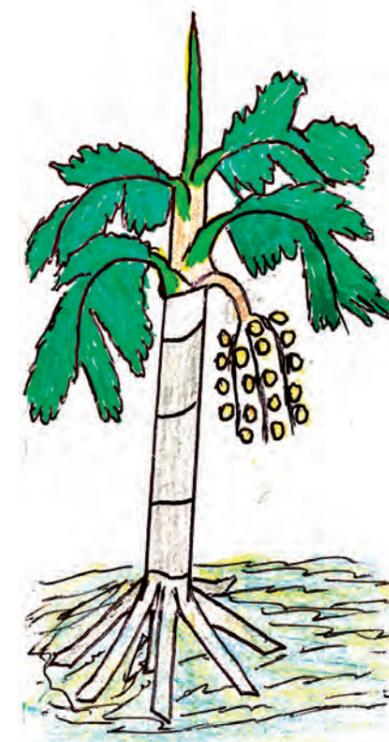
Apidzalmi | **Igarapé do porco do mato.** É ambiente de capoeira também. Neste ambiente, antigamente, havia bastante paxiúba, mas devido a degradação da área o recurso está escasso e difícil de encontrar atualmente.

Kaxempawa | **Bacabazal.** Aqui paxiúba também já se torna difícil de encontrar. Quase não existe mais, porque a situação é a mesma do ambiente capoeira que citei logo acima.

Idzaana | **Ambiente de Terra-firme.** Neste existem algumas paxiúbas.

Malape-Inomana | **Maior parte do ambiente é capoeira.** A Paxiúba aqui se torna cada vez mais rara.

TEMA: **paxiúba**
AUTOR: Hernesto Suilo da Silva
ETNIA | SIB: Baniwa | Waliperedakenai
COMUNIDADE: Taiacu-Cachoeira | Médio Içana



Importância do recurso

Sabemos que a Paxiúba é muito importante para cada Baniwa e Coripaco da bacia do Içana. Se não existisse este recurso as pessoas não teriam como construir suas casas e realizar outras atividades que dependem deste recurso.

Paxiúba é mais usada na confecção dos seguintes objetos:

- Construção de casa.
- Confecção de armadilhas de pesca (kakoli, kaadza).
- Confecção de jirau para secar beiju.
- Confecção de jirau para moquear peixe.
- Confecção de jirau para canoa.



JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzooroonai	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitísina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai



Calendário

Não existe época fixa para sua utilização. Paxiúba é disponível em qualquer época do ano. Quando é preciso o pessoal das comunidades saem para tirar o material. Por isso devemos utilizar esse recurso com muito cuidado. Não podemos extrair descontroladamente para que ela esteja sempre disponível a qualquer momento que precisarmos.

Estimativa de uso de recurso

Se uma pessoa construir uma casa de 10m x 5m ele deveria tirar 12 toras de paxiúba para utilizar na cobertura dessa casa:

1 tora de paxiúba = 7 ripas (em média).

12 toras x 7 ripas = 84 ripas. Isso seria para uma casa, em média.

Em uma comunidade de 9 famílias, e cada família possuindo 3 casas de 10m x 5m teríamos:

9 famílias x 3 casas/família = 27 casas na comunidade.

12 toras/casa x 27 casas = 324 toras de paxiúba seriam usadas para cobrir todas as casas de uma comunidade.

324 toras x 7 ripas = 2.268 ripas para 27 telhados de casas.

Se cada comunidade da bacia do Içana construísse uma casa de 10m x 5m por ano:

66 comunidades x 1 casa/ano = 66 casas/ano.

66 casas x 12 toras de paxiúba = 792 toras de paxiúba colhidas no Içana/ano.

792 toras de paxiúba x 7 ripas = 5.544 ripas para 66 casas/ano.

Paxiúba cobrindo todas as casas da bacia do Içana:

Uma comunidade de 9 famílias demandaria 324 toras de paxiúba em seus telhados (conforme cálculo acima).

324 toras/comunidade x 66 comunidades = 21.384 toras de paxiúba cobrindo todas as casas da bacia. Isto levando em conta uma média de 9 famílias/comunidade.

Com essa estimativa verificamos que este recurso é bastante utilizado na cobertura dos telhados. Se cada família construísse uma casa por ano certamente o recurso não seria suficiente para uso de toda a população do Içana.

Situação atual da disponibilidade e acesso das pessoas e comunidades

Antigamente, na microrregião da comunidade de Taiçu Cachoeira, havia bastante Paxiúba. Como a comunidade é muito antiga, e também existem comunidades muito próximas umas das outras nesta microrregião, esse recurso fica cada vez mais difícil de encontrar.

Nesta microrregião só tem Paxiúba em determinados lugares, como em algumas capoeiras e na Terra-firme. Mas não existem como existiam antes, porque a população da comunidade utiliza muitas Paxiúbas para construção de suas casas.

Acredito, como investigador, que isso é uma consequência do mau uso do recurso pelos moradores da comunidade, e também das outras comunidades mais próximas, que sempre chegam nessa área para retirar descontroladamente.

Práticas de manejo consideradas ruins para a manutenção desse recurso

Essas são as práticas de manejo consideradas ruins no uso deste recurso:

- Destruir a Paxiúba da área onde está sendo aberta uma roça.
- Mau uso e desperdício do recurso que é extraído.
- Derrubar Paxiúbas que ainda estão na fase de crescimento.

Essas práticas ruins não são utilizadas pelas comunidades da região do Içana. Os nossos antepassados também não praticavam este tipo de manejo ruim. Por isso, desde aquele tempo, não sentiam faltam de Paxiúba.

Práticas de manejo consideradas boas para a manutenção desse recurso

Essas são as práticas de manejo consideradas boas no uso deste recurso.

- Não abrir roça em zona de Paxiubal.
- Não derrubar as Paxiúbas que ainda não estão prontas para utilizar.
- Na hora de derrubar uma Paxiúba devemos tomar muito cuidado para não derrubar as plantas que ainda estão na fase de crescimento.

Indicação de boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades, que são boas para a manutenção desse recurso

Para ter uma boa relação com outras pessoas ou com outras comunidades no manejo de Paxiúba devemos obedecer às seguintes regras:

- Não entrar sem licença na área de outra comunidade para extrair Paxiúba.
- Pedir essa licença para entrar com o capitão (liderança) da comunidade.

Foi assim que os nossos antepassados não criaram problema com as outras pessoas ou com outras comunidades. Para uma comunidade ter uma boa relação com as outras deve buscar fazer um bom manejo, e não praticar o manejo ruim. Uma comunidade que pratica um bom manejo também é mais respeitada pelas outras comunidades.

Quantidade do recurso/ambiente que é utilizada

A quantidade de Paxiúba usada pelas famílias e comunidades depende da quantidade de atividades que elas executam.

Se o recurso é utilizado por uma pessoa ou por uma família, o uso do recurso é menor. Se o recurso é utilizado por uma comunidade, ou por toda a bacia do Içana, o uso é maior.



Origem dos peixes

Os peixes se originaram no alto rio Ayari.

Ali, Napirikoli havia engravidado a filha de Maono, que era um homem poderoso e forte. Certo dia, Napirikoli e a sua turma saíram para a floresta e, depois de uma caminhada longa, anoiteceu e eles dormiram. O homem Maono estava com muita raiva porque Napirikoli havia engravidado sua filha, e viu que esse era o momento certo de se vingar. Com o seu poder, Maono fez crescer, como uma montanha, a área onde Napirikoli e sua turma pernoitavam. Essa área foi se elevando até tocar o céu. Maono queria que eles ficassem prensados contra o céu, e assim morreriam todos durante a noite, enquanto estavam dormindo.

De repente, Napirikoli acordou e ouviu a voz do sapo dizendo:

– Maono está fazendo a terra crescer como uma montanha até o céu, para te matar por causa da filha dele... koã, koã, koã!

O sapo cantou pela segunda vez e Napirikoli pensou:

– Será que é verdade?

Ele pegou uns pedaços de lenha e jogou para os quatro lados da montanha... e nada. Não ouviu o barulho da queda da lenha lá em baixo. Isso era o sinal de que estava muito alto. Napirikoli ficou preocupado e acordou seus companheiros. Eles decidiram balançar a montanha para ver se ela voltava para o chão, mas nada resolveu. Já estavam no meio do universo e não podiam fazer nada.

Então, uma pessoa se transformou em peixe-tucunaré e foi cair para rio Wau-pés. A outra se transformou em pirapucú grande e também pulou da montanha. Foi cair bem atrás da comunidade Araripirá, no rio Ayari. Somente esses se transformaram. Os outros permaneceram no topo da montanha até amanhecer.

Napirikoli chamou o Japu e pediu para ele pegar um novelo de linha em casa. O Japu foi, voltou, trouxe o novelo de tucum. Quando chegou, Napirikoli pediu para o Japu levar o fio até o chão, amarrar bem, e depois levar a outra ponta até o topo da montanha. O Japu o fez tipo um zigue-zague. E foi por esse fio que as pessoas desceram da montanha. Isso simboliza hoje a saúva noturna (Piitti) e, por isso, elas gostam de subir através de um cipó para cortar as folhas das árvores.

Apesar disso, alguns ainda ficaram no topo da montanha, porque não conseguiram descer pelo fio de tucum. Dessa vez o Napirikoli decidiu chamar uma nuvem carregada de chuva, que veio até a montanha e produziu uma chuvarada. A água formou uns canais de água corrente, e nela apareceu um peixinho vermelho do igarapé (Ttowero), o peixinho temporário da família de traíra.

Quando viu o peixe descendo na corrente de água, Napirikoli disse:

– Vamos com ele!!!!

Depois que eles acabaram de descer na correnteza, foram descendo sempre cantando, até chegarem ao chão.

Foi assim que Napirikoli e sua turma escaparam da vingança do homem Maono. E através desse acontecimento foi que originaram certos tipos de peixes.

Informante: Valentim Paiva - 76 anos.



Distribuição dos peixes na bacia do rio Içana

Os peixes estão distribuídos ao longo da bacia do rio Içana e seus afluentes.

Nas regiões de Terra-firme, maiormente no alto Içana, é meio natural que não existam bastantes peixes, devido ao fato de que nestas regiões não existem igapós e nem lagos. Também contribui a interferência de cachoeiras que impedem a passagem de alguns peixes, e por isso não existe fartura no alto Içana.

Existem algumas cachoeiras que têm suas histórias, como no caso da Cachoeira Kophipani. Na mitologia baniwa dizem que tem uma Sucuri que devora os peixes grandes que tentam passar nessa cachoeira, e por esse motivo existem alguns tipos de peixes que não ocorrem nas localidades do alto Içana.

Na região dos lagos designados área "Dzawinai" existem peixes em fartura, pois a paisagem predominante é igapó, onde possuem áreas suficientes para fornecer abrigo, alimento e locais de reproduções a todos os tipos de peixes como, por exemplo: doome, kaarotsi, weemai, dzaapa, dzawira, iiniri, dawaki etc..

Distribuição dos peixes na microrregião da comunidade

A comunidade de Juwitera está localizada na região mais rica em ambientes pesqueiros, como: igarapés, igapós e lagos.

Os principais igarapés são os seguintes:

Aralipina é um igarapé na época de verão, onde são encontrados dzawira, iiniri, dawaki, dzootali, poore e waawi. É o local que também serve para a reprodução dessas mesmas espécies. No início do inverno é uma área alagada, se torna um igapó. Nas suas margens existem dez locais de piracema, sendo que, seis são locais de piracema de doome e quatro são de kaarotsi, que ocorrem nos meses de março, abril e maio.

Hawadzape é um igarapé que está localizado logo no porto da comunidade de Juwitera. Os peixes mais encontrados neste são: dzawira, dzootali, iiniri, waawi, toya, dawaki, kettinai, eerito e dakata.

Dzalidzo é um igarapé que fica logo abaixo da comunidade de Juwitera, e nesse igarapé os peixes mais encontrados são: iiniri, dzootali, waawi, dakata, dzawira, poore, maanapi, aadzaka, dawaki e kametti. No início do inverno os iiniri desovam neste igarapé.

Os principais lagos da microrregião da comunidade são os seguintes:

Ttoodzo é um lago localizado na margem esquerda do rio Içana. Neste lago as espécies de peixes mais encontrados são: dzawira, dzaapa, doome, dawaki, kettinai, eerito, haio, koliri, hémali, wadoli e para.

Dzawipakale é um lago localizado na margem esquerda do rio Içana. Este lago, antigamente, era o local onde os velhos antepassados da tribo Dzawinai haviam jogado o corpo da onça. Por isso, os peixes pescados neste lago não podem ser consumidos, pois quem comê-los põe a tribo em risco de extinção.

Wadzoliana é um lago profundo, onde os peixes mais encontrados são os seguintes: ttiiri, weemai, oomai, koliri, dzaapa, mhookoli, amana, e dzawira, ttooporó, iiniri, doome, tsana-tsana, páara, eerito, aawa, waawi e dzawato, que são encontrados na época do verão.

Hiwaroana é um dos maiores lagos da região, no qual os principais peixes encontrados são: dzaapa, wadoli, koana, koliri, tsana-tsana, doome, iraitsopali, tsiipa, halenali, oomai, haio, kettinai, waawi, hémali, tsharabiana, amana, weemai, ttiirhieni, komaliita e toya.

Kowhepanadawa é um lago pequeno e raso, com pouco peixe. Somente são encontrados: dzawira, kettinai, haio, dzootali, dzaapa, toya e iiniri.

Haikokalitani é também um dos maiores lagos da região onde, no inverno, têm locais de pesca de weemai, ttiirhieni e maliphero. Existem também dois locais de piracema, sendo que um é de araripirá e o outro de doome. No verão os peixes mais encontrados são os seguintes: hémali, dzaapa, tsharabiana, koliri, para, kettinai, oomai, tsana-tsana, eerito, dzawato e haio.

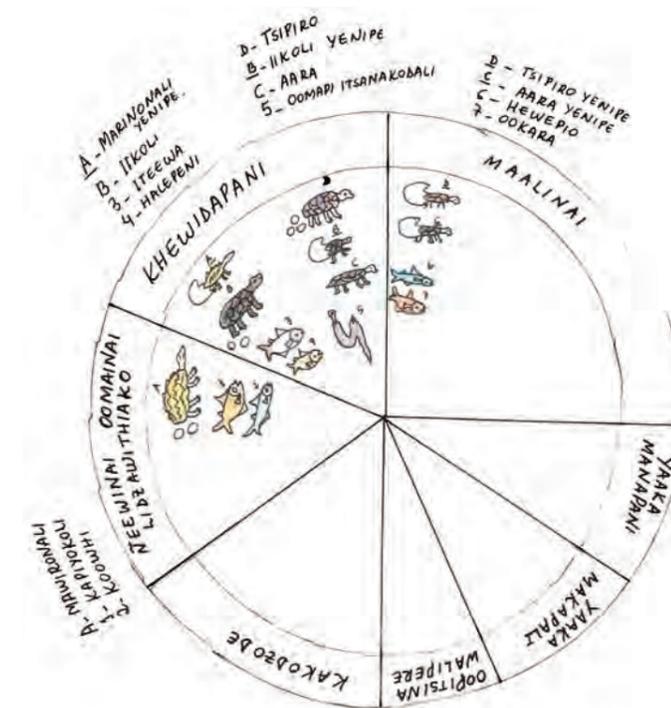
Domaliaro é um lago no qual os peixes mais encontrados são: doome, dzaapa, kettinai, dzawato e kadaanomali.

Enoana é um lago muito perigoso, onde não é recomendável fazer pescaria.

Doponhaa é um lago profundo, que não seca na época do verão. No inverno é o local onde se pesca ttiiri, weemai e komaliita.

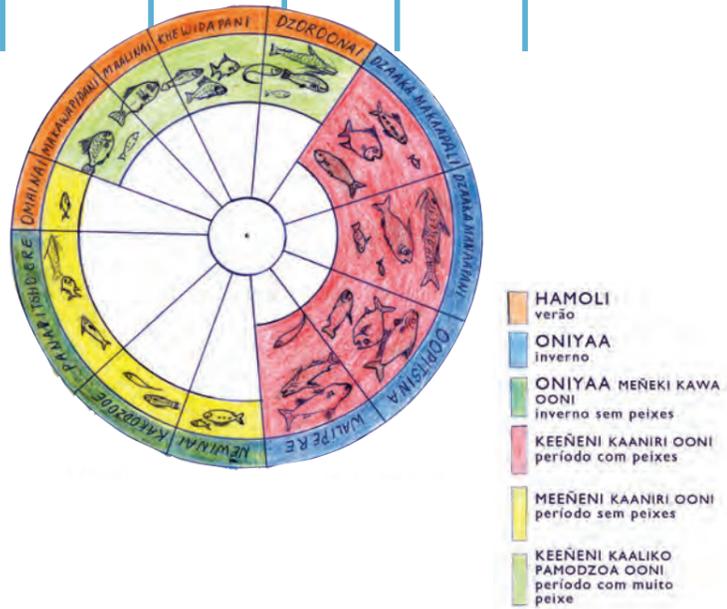
Wiyaa é um lago com vários locais de pescaria, onde no verão os principais peixes encontrados são: hémali, tsharabiana, koliri, eerito, dzawato, haio, kettinai, dzalaita, wadoli, dopali, weemai. Neste lago existem locais de piracema de dopali e doome.

TEMA: **peixes**
 AUTOR: Erivaldo Macedo Paiva
 ETNIA | SIB: Baniwa | Liedawiene
 COMUNIDADE: Juwitera | Médio Içana



A importância dos peixes para as comunidades

Os peixes são de suma importância para a sobrevivência das comunidades da região do rio Içana, começando da comunidade de Nazaré, baixo Içana, às comunidades do alto Içana, rio Ayari e Cuiari. Toda a população destes rios depende muito deste recurso para sua alimentação cotidiana.



Calendário ecológico-astronômico

Em período de seca, é o tempo onde se encontra os peixes em grande quantidade, enquanto que em época de inverno, com o rio cheio, a quantidade de peixe diminui. Em período de inverno o nível de igapó aumenta muito e por isso os peixes andam espalhados nos Igarapós. É bem diferente do período de seca quando os peixes voltam a se unir nos lagos.

Quantidade do recurso/ambiente que é utilizada

Estimo que o consumo diário de uma família, de uma comunidade da região dos lagos, é de 2,5kg, como veremos abaixo:

Consumo de peixe por uma família (em kg)

consumo diário	Consumo semanal	Consumo mensal	Consumo anual
2,5	17,5	70	840

Consumo (em kg) de uma comunidade com quatro famílias

(baseado na comunidade Juivitera)

Consumo diário	Consumo semanal	Consumo mensal	Consumo anual
10	70	280	3.360

Caso as 66 comunidades da bacia do Içana consumissem a mesma quantidade de peixes estimada para a comunidade de Juivitera, teríamos um consumo anual na bacia de:

$$66 \text{ comunidades} \times 3.360\text{kg/comunidade} = 221.760\text{kg de peixe}$$

Ou seja, cerca de 221 toneladas de peixes sendo consumidos anualmente pelos Baniwa e Coripaco na bacia do Içana. Ao custo médio de R\$7,00/kg isso representaria uma economia de R\$1.552.320,00 (Um milhão, quinhentos e cinquenta e dois mil, e trezentos e vinte reais) por ano.

Situação atual da disponibilidade e acesso das pessoas e comunidades

A disponibilidade é maior na época de verão e menor na época do inverno. Na época do inverno o nível do rio é grande e a área alagada é maior, então os peixes se espalham conforme a grandeza da área alagada, diferente da época do verão, quando as áreas alagadas estão secas e os peixes se amontoam, principalmente em lagos.

Como já foi mencionado, é muito difícil conseguir peixe suficiente para o consumo de uma família nas áreas de Terra-firme. Por isso mesmo, na época do verão, várias pessoas se deslocam para a região dos lagos Dzawinai para fazerem pescaria.

Antigamente, havia bastante peixe na região dos lagos Dzawinai, pois naquela época a população ainda era pequena e as artes de pesca usadas eram somente as artes de pesca tradicionais como: arco e flecha, cacuri, matapi, kamina, haali, etc.. Usavam também timbó para matar em grande quantidade para suas festas. Mas não usavam timbó nos lagos e nos poços fundos à toa. E depois do tinguijo faziam benzimento para desfazer o efeito do timbó, para não estragarem os peixes. E suas casas (samambaias) não eram destruídas.



Assembléia Anual da Organização Indígena da Bacia do Içana (Oibi)

(Tradução de Raimundo Benjamim e Juvêncio Cardoso (EIBC-Pamáali)

Tucumã, 17 de julho de 2008.

A vocês parentes de todas as comunidades: Baniwa, Coripaco e Nhengatú

Nós, 118 pessoas de toda bacia do Içana e afluentes reunidos nesta segunda assembléia da OIBI sobre o Projeto Kophe Koyanaale, para discutir como podemos melhorar a situação de pesca na região do Içana e afluentes.

A OIBI iniciou a execução das atividades do projeto nas 17 comunidades de sua abrangência política em março de 2006. E hoje novamente no mês março de 2008, o projeto chega na fase de apresentar os resultados das pesquisas de acompanhamento das pescarias e indicar como estamos pescando na região do Içana. Para que através desses resultados pensemos como melhorar as nossas formas de pesca na nossa região e no nosso rio. Para pensarmos o futuro desses recursos para os nossos filhos e netos.

Por isso, nesses dois dias de assembléia discutimos e trabalhamos sobre os resultados das pesquisas que mostram os dados das pescarias acompanhadas nestes dois anos nas 17 comunidades. E os resultados nos mostram as formas de pesca boas e também as não-boas, que ajudam acabar com os peixes. Através destes, discutimos como "melhorar as nossas formas de pesca na nossa região, afluentes e comunidades". Discutimos e decidimos sobre o tamanho mínimo de captura de cada uma das espécies de peixes existentes na nossa região. Discutimos também sobre as boas e más formas de pesca. E colocamos a seguir as definições sobre os temas:

PRÁTICAS RUINS PARA OS PEIXES E A SUSTENTABILIDADE DA PESCA

Careta (máscara) de Mergulho: a careta não é boa para fazer pescaria, pois a pesca com esse material de dia e noite faz com que os peixes vão cada vez mais para fundo do rio, e não comem mais isca e as pessoas que pescam a noite com lanterna de zagaia não conseguem mais pegar peixe na beira do rio. Mas, esse instrumento é bom para mergulhar cacuri e para resgate de objetos que deixamos cair no rio, caso seja fundo.

Timbó, Wepiri, hiwa, waakoraita, cimento: esses materiais para tinguijar não são bons, pois matam os peixes de todos os tamanhos, grandes e pequenos, filhotes e ovos.

Pescadores usando os motores nos lagos e igarapés: não é bom entrar de motor nos lagos e igarapés, pois assim assustamos os peixes. Mas, podemos usar os motores no rio principal (Içana).

Óleos para Motores: Não é bom jogar óleo e vasilhame de óleos para motores na água dos rios. Pois os peixes respiram oxigênio na água, e assim, ficam contaminados. Se comermos os peixes contaminados, nós podemos ficar doentes também.

Molokopi: Essa arte de pesca não é boa, pois com esse instrumento matamos peixes com ovos e estragamos os ninhais. Mas, pode ser usado para matar surubim, anta, paca, arraia e jacaré.

Arrastão: usamos esse nome para designar, a forma de pesca quando se usa pari para cercar um igarapé ou lago para pegar os peixes. Essa forma de pesca assusta os peixes, e assim não se consegue mais pegar os peixes com anzol e linha de pesca nestas áreas.

Malhadeira com malha abaixo de três dedos: Não é bom usar as malhadeiras com malhas abaixo de três dedos, pois acaba com os peixes menores que ainda estão crescendo, que ainda não se reproduziram.

Pescar com malhadeiras em qualquer lugar: Não é bom fazer pescaria ou colocar malhadeira em qualquer lugar, pois assusta e acaba também com os peixes.

Cortar samambaia para tinguijar ou usar Molokopi: Não é bom cortar samambaias, pois são as casas de muitos peixes. Se forem cortadas esses peixes não vão ter mais onde ficar.

Tinguijar peixes em piracema: não é bom tinguijar os peixes em piracema, pois se for tinguijado, os peixes não vão fazer mais piracema no local onde foi tinguijado.

Cercar os peixes em piracema: Não é bom cercar os peixes em piracema, pois assim acabamos com os peixes com ovos para reprodução.

Matar os peixes menores: não é bom matar os peixes menores que ainda estão crescendo e que ainda não atingiram o tamanho mínimo reprodutivo. Mas, podemos pescar os peixes pequenos como Okara, koowhi, porque são peixes de tamanho pequeno mesmo.

Matar traíra na época de reprodução: não é bom matar traíra na época de reprodução. Pois se esses peixes forem capturados nessa época, não vai ter mais quem continuar reproduzindo e garantindo a continuidade da espécie.

Benzimento: Para a pessoa que sabe benzer, não benzer os locais-estoque de peixe.

Faxiar com lanterna a bateria: não é bom faxiar com lanterna a bateria, pois, a luz é muito forte e chega a iluminar a uma profundidade muito maior do que a lanterna comum. Essa forma também, assusta os peixes.

Jogar pilha na água: Não é bom jogar pilhas usadas na água. Pois a pilha é um produto que contém produtos químicos que contaminam a água e os peixes. Pois se comermos os peixes contaminados com os produtos químicos da pilha, podemos ficar doentes.

PRÁTICAS BOAS PARA OS PEIXES E A SUSTENTABILIDADE DA PESCA

Puçá: podemos usar puçá para pegar peixes no cacuri, pegar camarão, pegar peixes tinguijados por iname. Podemos usar para pegar peixes na saída de igarapés e cachoeiras.

Malhadeira: podemos usar malhadeiras com malhas acima de três dedos, pois assim somente os peixes grandes são pescados.

Anzol de qualquer tamanho: podemos usar qualquer tamanho de anzol para pescar os peixes. Mas temos que soltar os peixes menores que ainda não se reproduziram nenhuma vez. Podemos matar os peixes menores se forem piabás.

Arco e Flecha: consideramos que esse instrumento não prejudica os peixes ao ser usado, pois, com ele podemos pegar somente os peixes grandes.

Molokopi: esse instrumento não prejudica os peixes, e pode ser usado para matar os peixes grandes como surubim, tucunaré-grande, piralba e traíra. Mas, não pode ser usado para matar os peixes que estão na época de reprodução. E pode ser usado para pegar caça, animais como anta, paca, jacaré e outros animais.

Linha de pesca: pode ser usado qualquer número de linha de pesca, mas, devem ser obedecidas as regras descritas nos itens 3 e 16 de práticas boas.

Matapi: podemos pescar com esse instrumento, pois não assusta os peixes em piracema. E se for colocada nos igarapés e igapó só vai pegar os peixes que passarem no local onde é colocado, que é uma área pequena.

Tsiolo: esse instrumento pode ser usado, pois usando este só vamos pegar os peixes grandes.

Mawipoko: pode ser usado este instrumento, pois só pegamos os peixes que entrarem ou só os peixes que gostarem da isca, que vai depender de quem colocou a isca dentro do instrumento.

Kaadza na Cachoeira: podemos usar esse instrumento nas cachoeiras, mas somente na época quando passam as piabás.

Cacuri: o cacuri pode ser usado, e colocado em qualquer parte do rio.

Faxiar: podemos faxiar usando lanterna a pilha. Mas, não podemos matar os peixes que ainda não se reproduziram (peixes menores).

Deixar a piracema acontecer: deixar a piracema acontecer é uma prática que podemos fazer, pois é nesse momento que os peixes se reproduzem a cada ano.

Canço: Podemos usar canço para pescar qualquer tipo de peixe. Mas, temos que considerar os itens 3 e 16 das praticas não boas.

Puladinho: podemos pescar usando essa técnica, pois só matamos os peixes grandes como mandubé, pacu e outros.

Soltar os peixes menores: é uma prática boa, pois os peixes menores que ainda não se reproduziram precisam ainda crescer, para poder reproduzir. Assim, sempre teremos peixes para pescar.

Inameda (iname) colocado dentro de uma isca: Pode ser usado como técnica de pesca, pois com esse material somente pegamos os peixes grandes. Temos que esperar até quando termina o número de isca jogado na água. E terminando o número de isca jogado podemos ir para outro lugar.

Amarrar Anzol: pode ser praticado, mas devem ser considerados os itens 3 e 16, buscando não prejudicar outros peixes.

Kottiphe, iname: podemos usar essas plantas-timbó para tinguijar igarapés pequenos, samambaias dos igarapés e lagos.

Cacuri na piracema: pode ser feito, pois não assusta os peixes que estão fazendo piracema. Pois os peixes só entram quando é bem preparado, dentro das regras tradicionais (linopa).

Benzimento, oração: podem ser feitas, para o bem. Isso deve ser feito com cuidado. Para não benzer e acabar com os peixes.

Espinhel com anzóis pequenos: podemos usar essa forma de pesca, pois, não matamos e assustamos os peixes com esse instrumento. Mas, devemos praticar isso somente próxima da nossa comunidade.

Linha com vários anzóis (pamawataka): pode ser usada essa forma de pesca, pois só são pescados peixes da espécie peixe-espada (dowiriita).

Trabalho em grupo de 18 de julho de 2008

Propostas de Manejo dos Recursos Pesqueiros para a subsistência dos Povos Baniwa e Coripaco na Região do Içana e Afluentes

PESCA PARA VENDA: ONDE?

Pesca como fonte de renda: a pesca em grandes quantidades ou em toneladas, não vai poder ser realizada na nossa região, porque não existe mais grande quantidade peixes para essa forma de pesca. Mas, podemos pescar e vender em pequenas quantidades somente para os nossos parentes das comunidades da região, como já viemos fazendo.

LOCAL DE PRESERVAÇÃO: QUAIS?

Koetani e Hiwaraana: São estes lagos que escolhemos como locais para preservação e onde os peixes vão se reproduzir. Esses lagos vão distribuir peixes para outros lagos e como também para toda região do Içana. Através desses lagos preservados será possível ver se os peixes vão voltar aparecer e isso vai nos indicar que não estão desaparecendo ou se somos nós mesmos que estamos acabando com os peixes das nossas pescarias.

Obs: As comunidades da Região do Ayari ainda vão se reunir para decidir quais lagos da região deles vão ser escolhidos para serem locais de preservação. Os Coripaco também ainda vão escolher qual será o lago para preservação na região deles.

DEFINIÇÃO DE ÁREA DE USO DAS COMUNIDADES

Nas nossas comunidades já temos os nossos limites, a área onde ou até onde podemos pescar. Mas, não estamos querendo dizer que não podemos pescar na área de pescaria das outras comunidades. Se quisermos pescar na área de outra comunidade devemos avisar os responsáveis ou as pessoas da comunidade para onde vamos pescar, como tratamos aqui na assembléia.

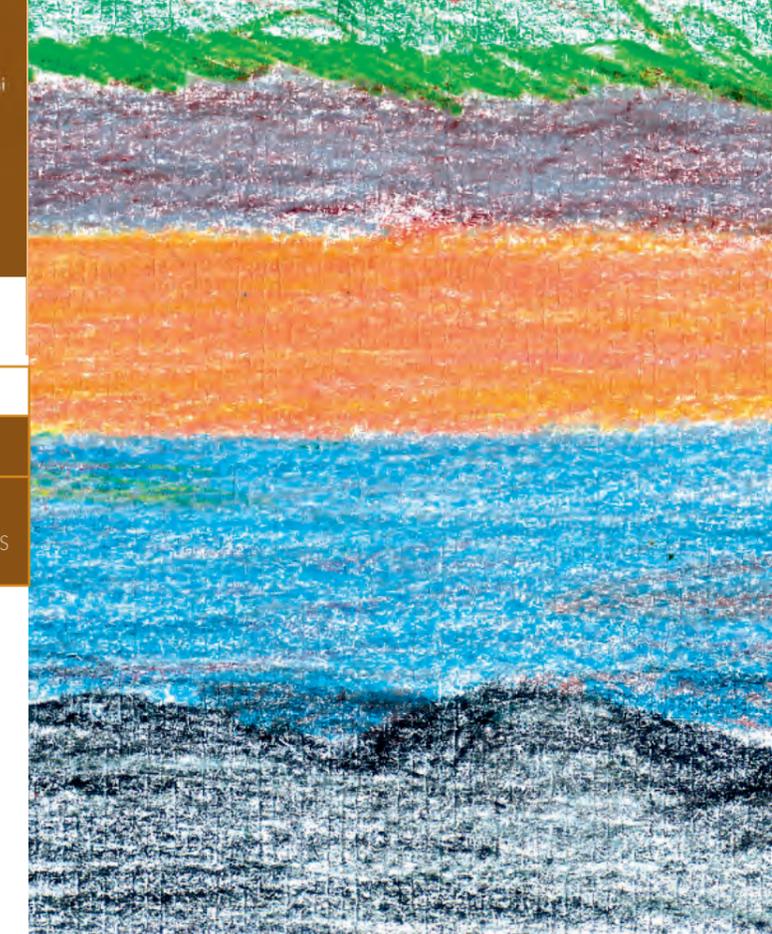
FISCALIZAÇÃO DA ÁREA PRESERVADA

Os responsáveis pela fiscalização dos lagos preservados serão as comunidades próximas dos lagos. Comunidade Juivitera para as pessoas do alto e comunidade de Tapira Ponta para as pessoas do baixo. Se as pessoas não respeitarem os responsáveis, os mesmos pedirão reforço da Funai (Posto de Tunui) e, em casos mais graves, para o IBAMA.

Na entrada dos lagos preservados serão colocadas placas indicando que as pessoas não poderão entrar para pescar nesses lagos.

JAN Maalinai	FEV Dzoroonai	MAR Dzaaka manaapani	ABR Dzaaka makaapali	MAI Walipere Opitisina Waliperieni	JUN Kakodzode Dokome	JUL Newinai Panapittishoi	AGO Makoapidani	SET Omainai Lidzawithiona	OUT Khewidapani	NOV Maalinai	DEZ Maalinai
-----------------	------------------	----------------------------	----------------------------	---	----------------------------	---------------------------------	--------------------	---------------------------------	--------------------	-----------------	-----------------

Calendário agrícola	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
	QUEIMADAS		PLANTIOS					ROÇAGENS E DERRUBADAS				
								ROÇAGENS E QUEI- MA DE CAPOEIRAS FINAS			PLANTIO DE ROÇAS DE CAPOEIRAS FINAS	



Práticas de manejo consideradas boas

Exemplos de bons manejos de Eedzawa ainda são praticados na região do Içana, pois se não fossem já estaríamos com problemas para termos nossas roças, caça e todos os recursos que tanto utilizamos.

Devemos valorizar essas boas práticas, como estudantes, e mantê-las de acordo com a tradição do povo Baniwa e Coripaco.

Por isso seguem dicas de bom manejo identificadas pelos informantes que colaboraram com esta pesquisa:

- Reduzir área derrubada.
- Queimar na época certa.
- Cuidar para realizar um bom plantio.
- Capinar mensalmente a roça.
- Acompanhar diariamente a roça.
- Respeitar um longo período de repouso, 20 ou mais anos, para abrir novamente a roça.

O bom manejo mantém o recurso sempre disponível, e a partir desse manejo bom poderemos ter os recursos sempre disponíveis para as gerações futuras. Esse é, atualmente, um tema tratado e discutido no mundo inteiro. Portanto, é necessário levar em consideração um bom manejo dos nossos recursos.

Boas práticas de relação entre as pessoas e comunidades

Antigamente a situação era muito diferente, pois não se reuniam para discutirem sobre os recursos, como poderiam melhorar, e estudar a questão de mudança da natureza, pois antigamente não havia necessidade dessa reflexão, uma vez que o uso de recursos era menor.

Com o passar do tempo a população vem aumentando aos poucos e as necessidades de cada família também vêm aumentando. Por essas mudanças é que já estamos na fase de preocupação com as novas gerações.

Estamos fazendo isso graças à ajuda de algumas instituições que vêm promovendo encontros nas comunidades para discutir como poderemos evitar maiores desmatamentos e manejar nossos recursos e ambientes. Isso porque, atualmente, acontece maior transformação da natureza e a diversidade de seres vivos vem desaparecendo cada vez mais.



Situação atual da disponibilidade

Relembrando os tempos passados, a situação era muito diferente. Essa paisagem não vinha sendo muito danificada pela população antiga, porque era uma população menor, e viviam em poucas comunidades ao longo de toda bacia do Içana. Não precisavam de muito espaço para sua ocupação e para abrir roça.

Também não havia a preocupação com o recurso de modo a fazer um manejo de forma exata. Mas eles manejavam de acordo com a orientação dos conhecedores mais velhos.

Com o passar dos tempos os velhos foram sumindo, vieram os mais novos, e as comunidades de hoje são mais populosas. Isso resulta em maior necessidade de espaço porque no instante em que aumentou a população nas comunidades aumentaram também as necessidades de espaço para uso do solo.

Com o aumento populacional a situação de disponibilidade da Terra-firme vem diminuindo. Pela análise dos informantes que escutei é muito importante controlar, fazendo um bom manejo dessa paisagem. É necessário levar em consideração que a natureza não é infinita se não manejado de forma certa.

E se continuar da mesma forma, em alguns anos a disponibilidade desse recurso será pouca para as gerações futuras.

Práticas de manejo consideradas ruins

Os nossos antepassados sempre vinham praticando um bom manejo dos recursos e ambientes, para evitar desaparecimento da biodiversidade que neles se encontram. Cada um dos velhos, antigamente, tinha as suas técnicas de uso dos recursos, fazendo manejo. Alguns se mudavam de sua comunidade para outra região. Alguns se mudavam porque eram levados por brancos Colombianos ou Venezuelanos, e assim os lugares por onde faziam suas roças ficavam sem dono e acabavam se degradando.

Apesar disso os velhos que praticavam o manejo bom foram se acabando e seus filhos e netos vieram praticando manejo não recomendável, como veremos logo abaixo, que são considerados manejos inadequados para as áreas de Terra-firme:

- Derrubar uma área grande de Terra-firme sem necessidade.
- Queimar roçado na época errada.
- Plantar a maniva errada.
- Não realizar capinagem da roças.
- Abandonar a comunidade.
- Não ter cuidado com a roça ou não fazer uso correto.
- Deixar apenas um curto período de repouso em um lugar para derrubar novamente.

Esses são os tipos de manejo que são considerados ruins e que vem sendo praticados atualmente na bacia do Içana e em outros rios da Terra Indígena Alto Rio Negro.

Devido a isso, a disponibilidade de Terra-firme diminui cada vez mais para população.

Quanto do ambiente é utilizado

Na Terra-firme encontram-se vários recursos úteis para os Baniwa e Coripaco. Sua maior parte é utilizada para fazer roça para cultivo de maniva e outras plantas que servem para a alimentação cotidiana.

Por isso, escolhi fazer os cálculos de estimativa de uso da Terra-firme com o cultivo de roça.

Veja a estimativa de uso de Terra-firme para cultivo de roça, abaixo:

Categoria	Nº de Roças	Área Utilizada	Área Derrubada a cada 3 anos
1 família	3 de 8.825,3 m ²	26.475 m ²	26.475 m ² ≈ 2,6 ha
1 comunidade (25 famílias)	75 roças	661.875 m ²	661.875 m ² ≈ 66,2 ha
66 comunidades da Bacia do Içana	4.950	43.683.750 m ²	43.683.750 m ² ≈ 4.368 ha

A bacia do Içana, levando em conta somente o lado brasileiro, possui uma área de ≈ 2.747.186 ha, segundo dados do laboratório de geoprocessamento do Programa Rio Negro do ISA. Isso significa que de 3 em 3 anos a atual população Baniwa e Coripaco derruba cerca de 0,16% do total dessa área para cultivar suas roças. Se essas áreas derrubadas fossem sempre áreas novas, de floresta, essa mesma população levaria 625 anos para derrubar toda a área para fazer suas roças. Mas sabemos que os Baniwa e Coripaco reaproveitam áreas descansadas, capoeiras antigas. E também sabemos que derrubam apenas ambientes de Terra-firme, que são poucas áreas, e não aproveitam nem Caatingas nem Igapós para esse fim.



Heema ikatsa domali
iminahipiaka nãmeriatsa
koaka itairali hitaka
hobzani ima kawhanoka-
ni



Manope hekoape iphomite
nãpĩtikoh iwapĩneeta koamekamitna
hitaitakaro hitaka
Heema iobzani - nhetre
nãpĩtikoh ipadamawa
potoowa hitaitakaro
Mhiewaka manha
naatsa ima ko-
raralikokani
kamefa nãpi.
kole inãotoka
hobzani
kadzokaro
nenika doom
alã padea
hekoppĩ



Distribuição do Recurso na bacia do Içana

O Umari está distribuído por quase toda a região do Içana, incluindo todos os seus afluentes. Esta planta que encontramos atualmente na mata ou em capoeiras (locais de roça velha), foi plantada pelos nossos avós em suas roças. Por isso, hoje em dia, é comum encontrá-la.

A distribuição ocorre em todas as comunidades baniwa e coripaco do Içana. Esta é uma das plantas que mais existe na nossa região. Apesar de serem encontrados vários pés de Umari nos arredores das comunidades, esta planta não existe em grande quantidade, mas para cada comunidade baniwa não pode faltar.

Distribuição de recurso na microrregião da comunidade

Este recurso, na comunidade Ucuqui Cachoeira, é uma planta que está distribuída em vários lugares. Em torno das casas podemos identificar alguns pés plantados pelas famílias. Eles plantam para consumir as frutas na época de frutificação.

A densidade maior deste recurso está situada em capoeiras ou nas roças plantadas pelos proprietários da roça. Aí estão os Umaris de pequeno porte e os de médio porte. Os Umaris de grande porte se encontram nas capoeiras mais velhas, e esses são os pés que produzem mais frutas em cada ano.

Na região do rio Warana estão as roças ou povoados dos nossos avós que foram abandonados. Nestes locais encontramos grande quantidade de pés de Umari que foram plantados por eles.

Origem do umari

Antigamente este Umari não existia na época dos Hekoapinai (gente universo). Sua história começou no local chamado de Hemadzawani, local onde ficava a grande árvore de Kaali. Lá estava a planta Umari. No entanto, essa era a árvore de todos os conhecimentos dos bens que hoje temos. Nesta mesma árvore estava esta fruta Umari. O dono do primeiro Umari foi a Anta, mas depois que ele foi roubado da anta se espalhou para todos os lados. Esta árvore era uma planta particular da Anta, que não queria distribuir para ninguém.

Devido a isso outros animais ficaram com inveja e queriam roubar o Umari. A anta não deixava, ela era perigosa, não saía pra canto nenhum, exatamente para evitar que roubassem sua fruta. A inveja continuava, até que chegou um certo dia em que os animais resolveram mandar a Anta ir pescar. A idéia deles era derrubar a árvore de Kaali, onde estava esta fruta Umari, durante a sua ausência. Desta vez a coitado da anta obedeceu e saiu para mergulhar seu cacuri que estava um pouco distante da sua fruteira.

Enquanto estava mergulhando o seu cacuri a anta ouviu o pássaro de doma, cantando:

- Dooommmaaaa, oopi kaalikattaadapa iiphawaaa!!!!.

Saiu do cacuri rapidamente e perguntou para seu amigo que estava ali a sua espera:

- Você ouviu a ave cantando, que a árvore foi derrubada?

Respondeu:
- Não ouvi nada!

E a Anta mergulhou novamente, e ouviu de novo:

- Dooommmaaaa, oopi kalikatadapa iiphawaaa!!!!.

Ouvindo isso lá do fundo, a Anta saiu bruscamente do cacuri e falou para o companheiro:

- Éh! Eu ouvi o pássaro dizendo que a árvore foi derrubada.

Saiu do cacuri correndo em direção à árvore. No entanto, a árvore já estava derrubada e os outros animais já tinham tirado tudo o que eles queriam.

E quando caiu sobre o chão, o Umari se espalhou para todos os lados e foi pego por todos os animais da época. A anta ficou sem nada, e por isso que hoje em dia existe este recurso na nossa região.

Classificação de umari

Na região do Içana classificamos Umari pelas cores da fruta. Os que conhecemos são: Umari de fruta amarela, roxa, alaranjada e verde. Existe outra espécie que chamamos de Wiixi. A amarela e a roxa são mais comumente encontradas. O gosto e o sabor das frutas são bem semelhantes.

TEMA: **umari**
AUTOR: Orlando Andrade Fontes
ETNIA | SIB: Baniwa | Hohodeni
COMUNIDADE: Ucuqui-Cachoeira | Ayari

Colaboração de Juvêncio Cardoso,
Raimundo Benjamim e Vigico Juarez.



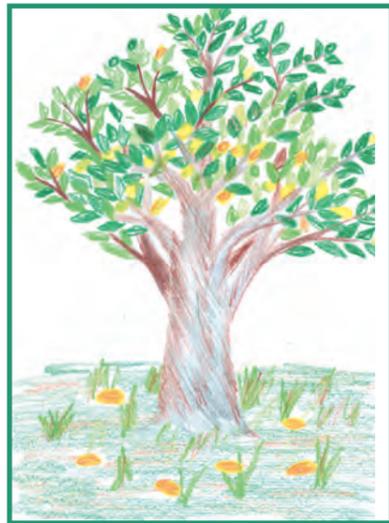
Utilidade do recurso

Este recurso está entre os mais importantes no dia-a-dia do povo Baniwa e Coripaco. É uma das frutas mais apreciadas, e muito importante na alimentação da região.

É uma planta cultivada na roça e que ajuda bastante no reflorestamento das capoeiras.

Seu principal papel é o de alimentar animais e seres humanos. Os animais que consomem frequentemente estas frutas na época da frutificação são: anta, tatu, cutia, paca e muitos outros. Pode ser considerada uma das plantas mais consumidas pelos povos Baniwa e Coripaco da bacia do Içana.





JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Maalinai	Dzoroona	Dzaaka manaapani	Dzaaka makaapali	Walipere Opitísina Waliperieni	Kakodzode Dokome	Newinai Panapittishoi	Makoapidani	Omainai Lidzawithiona	Khewidapani	Maalinai	Maalinai



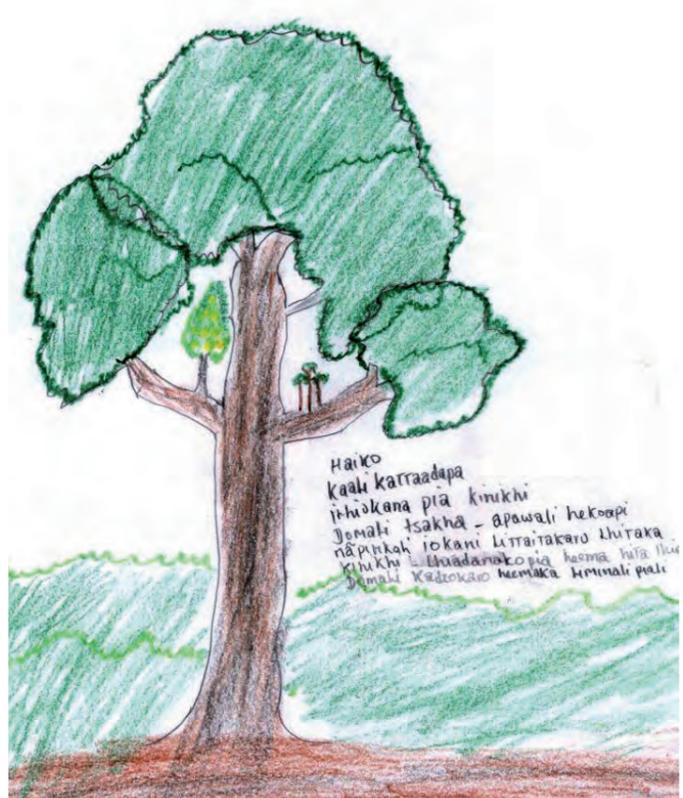
Calendário de umari

Como existem vários tipos de Umari na região, também a época de floração e frutificação variam de acordo com a variedade.

A floração acontece no mês de setembro e estende-se até o mês de novembro, quando, no conhecimento astronômico Baniwa, aparecem no universo as constelações de "Omai Idzawithionaa, Khewidapani e Maalinai".

A época que consideramos como período de desenvolvimento para maturação das frutas é de novembro até o mês de fevereiro, quando passam as constelações "Maalinai, Dzoroona e Dzaaka Manaapani".

E a época que consideramos como período de amadurecimento e de disponibilidade de frutas para o consumo acontece entre os meses de março e de junho, apenas quatro meses por ano, quando aparecem as constelações "Dzaaka Manaapani, Dzaaka Makaapali, Waliperieni ou Waliperenomhe, Walipere Makapoki e Opitinaa".



Estimativa de consumo de Doomali na bacia do Içana

Consumo de uma família

Uma família realiza normalmente 02 coletas de Umari/semana. Cada aturá cheio de umari tem aproximadamente 25 kg, em média. Por isso cada família utiliza 50 kg de umari por semana. Isso não quer dizer que uma família consume esse peso, porque apenas é consumida uma parte comestível das frutas de umari.

8 coletas/família/mês = 200 kg de Umari coletados por uma família durante um mês.

32 coletas/família/ano = 800 kg de Umari coletados por uma família durante um ano.

Consumo de uma comunidade

(Cada comunidade tem em média 25 famílias)

50 coletas/comunidade/semana = 1.250 kg de Umari coletados numa comunidade durante uma semana.

200 coletas/comunidade/mês = 5.000 kg de Umari coletados numa comunidade durante um mês.

800 coletas/comunidade/ano = 20.000 kg de Umari coletados numa comunidade durante um ano.

Consumo total da bacia do Içana

(De acordo com os dados dos demais trabalhos feitos pelos alunos são 66 comunidades)

3.300 coletas na bacia do Içana/semana (Número de coleta de cada comunidade/semana x número de comunidades da bacia) = 82.500 kg de Umari coletados na bacia durante uma semana.

13.200 coletas na bacia do Içana/mês (Número de coleta de cada comunidade/mês x número de comunidades da bacia) = 330.000 kg de Umari coletados na bacia durante um mês.

52.800 coletas na bacia do Içana/ano (Número de coleta de cada comunidade/ano x número de comunidades da bacia) = 1.320.000 Kg de Umari coletados na bacia durante um ano.



Prática de manejo ruim

Um manejo ruim que também já foi visto, é que a casca da planta não pode ser retirada, ou cortada com terçado, pois ela seca facilmente. Caso não pratiquemos um bom manejo a planta pode acabar.

Práticas de manejo bom

Para garantir a preservação da planta é preciso ter consciência. Plantar a semente preferida é uma prática boa de manejo para que a planta seja perpetuada. As plantas de Umari não devem ser derrubadas, e não devemos queimar ao redor da planta, pois, ela não resiste ao fogo, morre facilmente. Não se deve abrir roça na terra firme onde a planta é concentrada formando Umarizal.



Kaawhiperi Yoodzawaaka 1

Escola EIBC Pamáali | CPDEK | 13 monografias

Este é o primeiro número da série Kaawhiperi Yoodzawaaka, onde são apresentadas 13 monografias resultantes das pesquisas conduzidas pelos autores da Escola Indígena Baniwa e Coripaco (EIBC-Pamáali) que criou e abriga o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Kalikattadapa (CPDEK). A EIBC/CPDEK tem grande peso na formação do novo capital social da bacia do Içana e muitos de seus ex-alunos e professores atualmente vêm participando da renovação dos quadros de gestores locais e ocupando postos de coordenação em outras escolas e associações. Por isso a EIBC assumiu inicialmente a tarefa de coordenar a Rede de Escolas Baniwa e Coripaco.

A EIBC/CPDEK reúne atualmente uma infra-estrutura de pesquisa e formação voltada principalmente para o manejo ambiental e composta por: trilhas para estudo e descrição de paisagens florestais, herbário vivo, viveiro de reprodução de essências florestais, áreas de experimentação e manejo agroflorestal e de pequenos animais, estação de criação e reprodução de espécies nativas de peixes, coleção didática de biodiversidade (anuros, répteis, peixes, carpoteca de pimentas), telecentro comunitário com acesso a internet via satélite, alojamentos e refeitório capazes de alojar 150 pessoas.

Em seus 10 anos de existência a EIBC vem acumulando uma base de dados ambientais e experiências com formação que resulta hoje na existência de uma equipe de agentes indígenas de manejo sob sua animação com experiências em diversas modalidades de pesquisa-ação consideradas importantes para o desenvolvimento sustentável da bacia. Isso ajuda os Baniwa e Coripaco em diversas discussões feitas em reuniões e assembleias, a tomarem decisões sobre boas práticas de manejo com base no estado atual de uso e conservação verificados na bacia.



ADVERTÊNCIA

Medida Provisória n.º 2.186-16, de 23 de agosto de 2001.

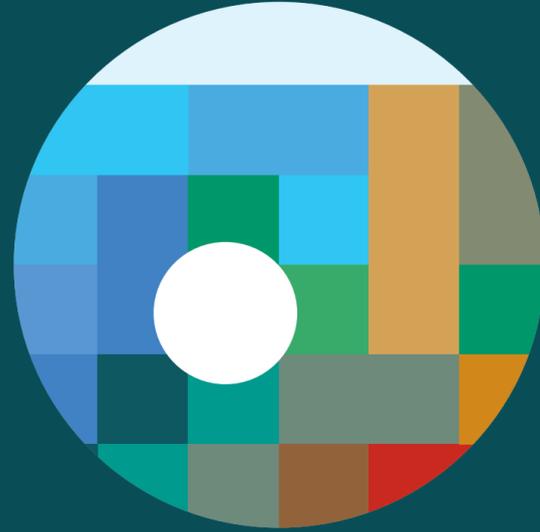
É expressamente vedada a utilização comercial de qualquer informação contida nesta publicação, derivada de conhecimento tradicional associado a material genético, sem a prévia e expressa autorização do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético - CGEN, sob pena de sanções administrativas, civis e penais.



Kaawhiperi Yoodzawaaka 1

o que a GENTE precisa para VIVER e estar BEM no MUNDO Escola EIBC Pamáali | CPDEK

BANIWA-CORIPACO | Kaawhiperi Yoodzawaaka 1



o que a GENTE precisa para VIVER e estar BEM no MUNDO

Escola EIBC Pamáali | CPDEK

Kaawhiperi Yoodzawaaka 1

Escola EIBC Pamáali | CPDEK

organizadores temas e autores

Adelson Lopes da Silva | ISA
Alfredo Feliciano Miguel Brazão | EIBC
Juvêncio da Silva Cardoso | EIBC
Laise Lopes Diniz | ISA

colaboradores

Velhos conhecedores
Alberto Lourenço (Jandu-Cachoeira)
Francisco Paulo (Ucuqui-Cachoeira)
Gabriel Francisco da Silva (Tucumã-Rupitá)
Mário Braga (Bela Vista)
Valentim e Roberto Paiva (Juivitera)

Pesquisadores do Projeto Paisagens Baniwa do Içana
Armino Feliciano Miguel Brazão, Daniel Lopes da Silva,
Samuel Antônio da Silva, Plínio Pedro da Silva,
Laurentino Pereira Valencio, Josivaldo Rivas Paiva,
Agnaldo Braga dos Santos e Armino Gomes de Souza

Participantes da oficina de organização de conteúdo e planejamento para publicações com Renata Alves de Souza
Raimundo Benjamim, Daniel Benjamim da Silva, Vijiço Juarez, Elton José da Silva, Tiago Pacheco, João Cláudio, Oscar, Erivaldo Macedo Paiva, Alfredo Feliciano Miguel Brazão e Juvêncio da Silva Cardoso, sob a coordenação de Laise Lopes Diniz

tradução baniwa-português

Abílio Júlio Brazão Miguel, Juvêncio da Silva Cardoso, Raimundo Benjamim e Tiago Pacheco

revisão técnica

Abílio Júlio Brazão Miguel, Adelson Lopes da Silva, Alfredo Feliciano Miguel Brazão, Aloísio Cabalzar, Camila Sobral Barra, Carla Dias, Eliane Sobral, Juvêncio da Silva Cardoso, Laise Lopes Diniz, Marçilio Cavalcanti e Renata Aparecida Alves

ilustrações complementares

Agnaldo Braga dos Santos, Daniel Lopes da Silva, Josivaldo Rivas Paiva, Laurentino Pereira Valencio e Plínio Pedro da Silva

fotos

Adelson Lopes da Silva, Carol Da Riva, Fausto Chermont, Juvêncio da Silva Cardoso e Pedro Martinelli

projeto gráfico, capa e editoração

Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação

apoio à esta publicação

Gordon & Betty Moore Foundation
Natura
Horizont 3000
Cooperação Austríaca para o Desenvolvimento
Rainforest Foundation Noruega

realização

Instituto Socioambiental
Associação do Conselho da Escola Pamáali
Organização Indígena da Bacia do Içana
Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

Os domínios ambientais a que pertencem cada monografia listada acima podem ser observados, pela numeração, no painel disposto na primeira ficha interna.

Alunos do Ensino Médio da Escola Indígena Baniwa-Coripaco Pamáali - EIBC e do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Kalikattadapa - CPDEK.

Este modelo de pesquisa abre iniciativas semelhantes em outras escolas do médio e alto Içana e também nos afluentes Aiari e Cuyari.

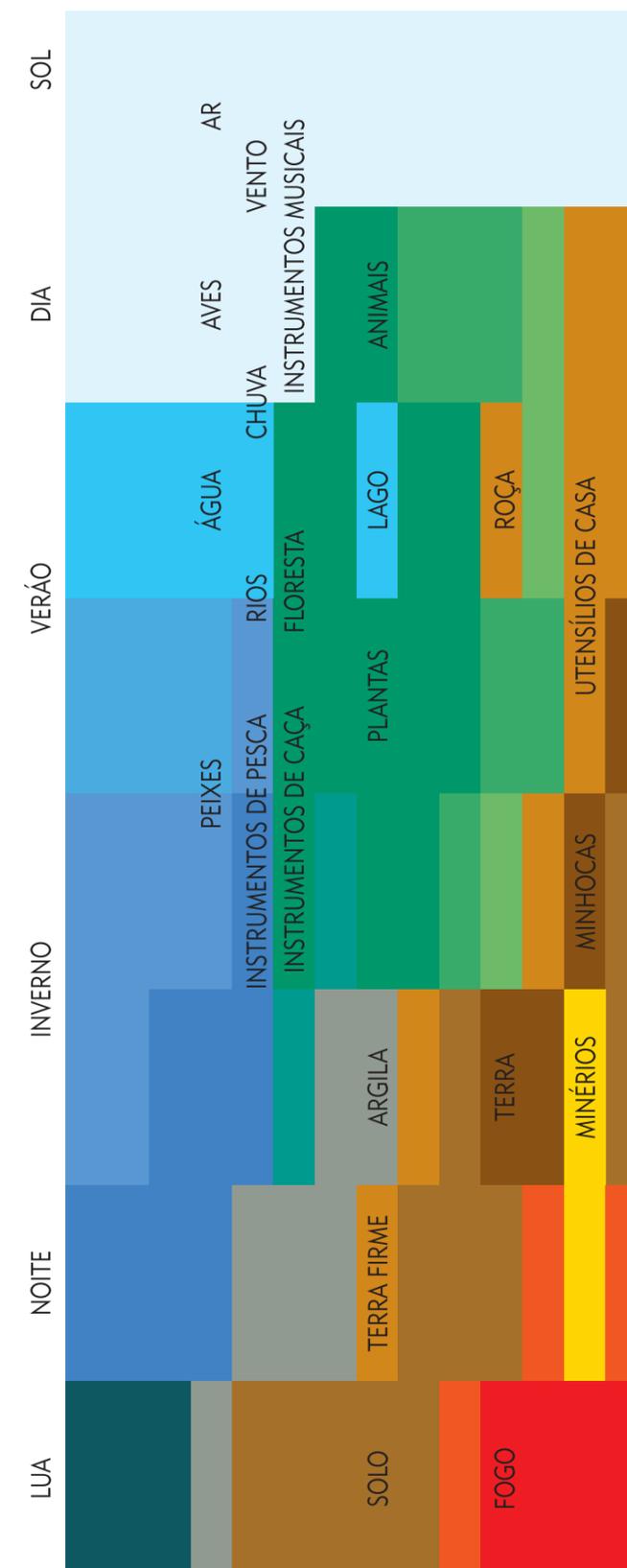
A série Kaawhiperi Yoodzawaaka é mais uma ferramenta onde essas experiências poderão ser registradas e compartilhadas com um público mais geral.

Índices para catálogo sistemático:
1. Amazônia: Brasil: Rio Negro: Povos indígenas: Pesquisa sobre uso e conservação de recursos naturais: Sociologia: 306.089980811
2. Povos indígenas: Rio Negro: Amazônia: Brasil: Pesquisa sobre uso e conservação de recursos naturais: Sociologia: 306.089980811

11-04806
CDU-306.089980811
O que a gente precisa para viver e estar bem no mundo / [tradução baniwa-português Abílio Júlio Brazão Miguel e Tiago Pacheco]. - São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: ACEP - Associação do Conselho da Escola Pamáali, 2011. -- (Coleção kaawhiperi yoodzawaaka)
Título original: Kaceta wakaraka'tali wemakero mheette matakero whaa aha hekokopi rio. Vítos organizadores. Vítos colaboradores.
1. Áreas de conservação de recursos naturais
2. Comunidade - Desenvolvimento sustentável 4. Meio ambiente - Manejo 5. Meio ambiente - Preservação 6. Povos indígenas - Amazônia 7. Rio Negro (Amazônia, Brasil) I. Série

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ESTRUTURA DOS DOMÍNIOS AMBIENTAIS



Daniel Ducci



Ana Laura Junqueira/ISA



Dylan Gross



Beto Ricardo/ISA

O ISA – Instituto Socioambiental - é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, fundada em 1994 para construir soluções sustentáveis e integradas a questões sociais e ambientais que garantam os direitos coletivos e difusos e valorizem a diversidade socioambiental. O Programa Rio Negro (PRN) tem por objetivo geral, a longo prazo, formular, criar condições e colaborar para a implantação de um programa de desenvolvimento sustentável na Bacia do Rio Negro, em parceria com as organizações indígenas locais, outras ONGs e instituições governamentais.

Equipe do PRN: Beto Ricardo (coordenador), Carla Dias (coordenadora adjunta), Marcos Wesley de Oliveira (coordenador adjunto), Adelson Lopes da Silva, Aloisio Cabalzar, Ana Maria Antunes Machado, Andre Luis Martini, Camila Sobral Barra, Ciro Campos de Souza, Francimar Lizardo dos Santos, Francis Miti Nishiyama, Gilmar Alberta Moraes Andrade, Hanna Limulja, Joás Rodrigues da Silva, Laise Lopes Diniz, Lidia Montanha de Castro, Lucia Alberta Andrade, Lucineide Lima, Marçílio Cavalcanti, Marcolino da Silva, Margarida Murilo Costa, Matthieu Jean Marie Lena, Melissa Santana de Oliveira, Moreno Saraiva Martins, Octavio Luiz Rodrigues Rebello, Pieter van der Veld, Renata Aparecida Alves e Sidinaldo dos Santos.

A FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - é uma associação civil, sem fins lucrativos, fundada em 1987 para organizar os povos indígenas da região e lutar pelo reconhecimento dos seus direitos coletivos à terra, saúde, educação e cultura. A sede da FOIRN é em São Gabriel da Cachoeira. Existem mais de 50 associações indígenas filiadas à FOIRN, representando 30 mil pessoas de mais de 750 comunidades pertencentes a 22 grupos étnicos representantes das famílias lingüísticas Tukano, Aruak e Maku, numa área de 108.000 km2 no noroeste amazônico brasileiro. É reconhecida como de utilidade pública estadual, lei no. 1831/1987. A FOIRN é uma aliança de cooperação e colaboração mútua, que respeita a diversidade cultural e religiosa da região.

Diretoria da Foirn para 2009-2012
 Diretor Presidente: Abrahão de Oliveira França
 Vice-Presidente: Maximiliano Correa Menezes
 Diretores: Eivaldo Almeida Cruz, Irineu Laureano Rodrigues e Luiz Brazão

A ACEP – Associação do Conselho da Escola Pamáali - é uma associação sem fins lucrativos, com atuação junto à Escola Indígena Baniwa Coripaco Pamáali (EIBC), fundada no dia 2 de dezembro de 2001. Desde a sua fundação vem atuando diretamente nas discussões de educação escolar indígena no âmbito municipal, estadual e federal. A ACEP foi criada num momento crítico e difícil em termos de diálogo com os poderes públicos com relação à educação escolar indígena, por causa do sistema tradicional de educação no Brasil. O objetivo principal da ACEP é articular os trabalhos da escola com as políticas públicas a nível municipal, estadual e federal, como também articular e gerir as atividades da escola nas comunidades Baniwa e Coripaco do rio Içana.

Diretoria Executiva da ACEP (2009-2012)
 Presidente: Vigico Rivas
 Tesoureiro: Alfredo Brazão
 Secretário: Juvencio Cardoso
 Conselho Fiscal: Gielson Paiva, Marino Santos e Obede da Silva

A EIBC-Pamáali – Escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali - é resultado de um grande movimento das comunidades da região do rio Içana e afluentes organizadas em grandes encontros de educação e assembleias coordenadas pela Organização Indígena da Bacia do Içana-OIBI, desde 1992. Foi implantada em 2000, e nesses 10 anos de funcionamento já formaram quatro turmas de alunos de ensino fundamental. Em agosto de 2007, foi iniciado o Ensino Médio na Escola Pamáali. Sua missão é desenvolver a Formação dos cidadãos Baniwa e Coripaco, com metodologia de ensino-pesquisa participativo, com bases nos princípios e valores interculturais para serem protagonistas no desenvolvimento sustentável de suas comunidades e na construção da Política de Educação Escolar Indígena no Rio Negro.

Gestão 2010 (Atual)
 Coordenador Geral: Vigico Rivas Paiva
 Coordenador Adjunto: Arcindo Feliciano Miguel Brazão
 Administrador: Raimundo Miguel
 Articulador Externo: Juvencio Cardoso
 Conselheiro Pedagógico: Abraão Mendes Viera
 Serviços Gerais: Júlio Januário
 Cozinheira: Ana Paiva
 Coordenação Técnica: Miller Alex, Fábio Martinez e Oscar Sanches